

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

ELTHON RANYERE OLIVEIRA ARAGÃO

**RAPOSAS, HERDEIROS E OUTSIDERS:**  
especialização política e dinâmica eleitoral em Pinheiro – MA

São Luís - MA  
2010

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ELTHON RANYERE OLIVEIRA ARAGÃO

**RAPOSAS, HERDEIROS E OUTSIDERS:**

especialização política e dinâmica eleitoral em Pinheiro – MA

Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais  
apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Ciências Sociais da Universidade Federal  
do Maranhão para defesa pública

Orientador: Prof. Dr. Igor Gastal Grill

São Luís

2010

ELTHON RANYERE OLIVEIRA ARAGÃO

Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão para defesa pública.

Aprovada em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Igor Gastal Grill (Orientador)  
Doutor em Ciência Política  
Universidade Federal do Maranhão

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Irllys Alencar Firmo Barreira  
Doutora em Sociologia  
Universidade Federal do Ceará

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Arleth dos Santos Borges  
Doutora em Ciência Política  
Universidade Federal do Maranhão

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pela existência.

À minha família, que me agüenta há mais de 27 anos. Uns mais, outros menos. Minha mãe está na luta nove meses mais que os outros, então, a ela, um agradecimento todo especial. Meu pai, que me salva muita vezes e que me fez o diretor de assuntos estratégicos (o faz tudo) da empresa dele. Aos dois, agradeço minha vida. À minha vó, Zazá, tia, Rejane, irmãos, Júnior e Luanna, que são verdadeiros guerreiros por me aturar.

Aos todos os alunos da turma do mestrado de 2008. Alguns eu já conhecia, como Wheriston, Enne, Ariel e Thiago, todos da minha turma 2001.1 de História. Outros tive a oportunidade de conhecer e conviver, mesmo que por breves momentos. Rafael Gaspar, Karlene, Rafael Moscoso, Thiaguinho, Luciana, Elisene, Socorro e todo mundo.

Aos professores do mestrado pelo incentivo e apoio durante toda a jornada, em especial Maristela, que discutiu o projeto na sua disciplina, dando caminhos a seguir que foram de extrema importância e Arleth, que acompanhou todo o processo de construção do texto, lendo diferentes versões, desde a pré-qualificação, qualificação e agora a banca final. Muito obrigado!

Ao pessoal da graduação de Ciências Sociais que viajou para a SBS em julho de 2009. Nunca esquecerei a aventura. Léo, Natália, Cássia, Andréa, Fernanda e Andréa (UEMA).

Aos membros do Laboratório de Estudos de Elites Políticas e Culturais (LEEPOC), onde as discussões sempre rendiam considerações frutíferas para todos os seus membros. Diogo Gualhardo e Jesus pelos papos na volta da UFMA. Agradeço à professora Eliana Tavares pelas considerações quando da minha apresentação no grupo e pelos ensinamentos na disciplina de Teoria Política.

Aos meus *brothers* de Comunicação Social: Greg, Rachid, Felipão, Fred, Rodney, Arrais, Luciano, JB, Karla, Luana, Pedro Doido, Danilo, Ivila, Felipe Bus, Antonio Gugu, Fábio Maikel, Sabrina, Manel e mais um monte de gente que agora eu não lembro. Foi mal...

À minha turma de História. Infelizmente, nem todo mundo mantém os laços de amizade após a universidade, mas alguns continuam e esses, sei que serão para sempre: Nágela, João Ricardo, Gledson, Paulo, Reinaldo, Ariel, Wheriston, Thiago,

Fábio, Sebastiana, Josué, Cida, Manel Goleiro, Marcelo Marxista, Odirley, Thiaguinho Carniça, entre outros.

À mestra Dayana, pelas conversas na hora do desespero, pelo apoio e incentivo que no final tudo daria certo!

À Graça Prazeres, um das maiores incentivadoras do trabalho, desde a concepção do projeto, a força para a inscrição no processo seletivo, ajuda quando da escrita de artigos e textos, etc. Muito obrigado!!!

Um agradecimento especial a todo mundo de Pinheiro que me ajudou durante a pesquisa: a equipe de campanha de Zé Arlindo, mais especificamente, Fábio Rato, Rodrigo Taxa, Joel Nunes, Fernandes Micolico, etc.; Sr. Raimundo Barros, profundo conhecedor da história de Pinheiro. Suas informações foram vitais para o desenvolvimento do trabalho; seu filho, Augusto, grande amigo, que sempre me socorria, quando eu não lembrava de algo; ao vereador Gilmar Soares, ao prefeito José Arlindo e ao deputado Victor Mendes, por ajudarem dando permissão para participar de todo e qualquer tipo de evento, pegar a programação da campanha, peças publicitárias, etc.; as funcionárias da APLAC pela atenção quando da pesquisa nos jornais de Pinheiro; a José Jorge, pela entrevista e também pelos livros sobre a história do município. Sem eles, muito do que está escrito não existiria.

Gostaria de agradecer especialmente ao meu orientador, professor Igor Grill. Sempre disposto a ajudar, fosse conversando, indicando leituras, instruindo na aquisição de material, incentivando a participação em encontros científicos, orientando durante a pesquisa de campo, etc. Agradeço muito pela confiança depositada em mim. “Vamos combinar” que não deve ser fácil orientar um “iniciante” nas discussões sobre política. Valeu!!!

À CAPES e à FAPEMA pela concessão de bolsa de estudo.

Enfim, a todos aqueles que de alguma forma participaram desse momento da minha vida.

## RESUMO

O presente trabalho busca analisar o processo de especialização política e a dinâmica eleitoral no município de Pinheiro, interior do Maranhão. O foco do estudo são as trajetórias sociais e políticas dos agentes envolvidos no jogo político local, mas destacadamente os candidatos a prefeito. Parto da análise dos momentos anteriores à eleição de 2008, tentando perceber as *configurações* políticas anteriores e os diferentes personagens com papel de destaque. A família Mendes ocupa papel de destaque naquele espaço político desde meados dos anos sessenta. Dessa forma, tenciono apreender quais os recursos utilizados pelos membros da família, quem são seus aliados e seus adversários ao longo dos anos. Procurei também traçar o perfil dos candidatos a prefeito, levando em conta suas origens sociais e suas trajetórias profissionais e políticas. Busco entender como se instauram e se mantêm as alianças verticais e horizontais dos candidatos a prefeitos e de outras lideranças locais, como se dá a utilização de determinados recursos durante o pleito e as desqualificações que os agentes sofrem no processo eleitoral. Por fim, em um trabalho etnográfico, busco apreender com mais detalhes a dinâmica eleitoral em Pinheiro, enfatizando os eventos de campanha de um candidato e a forma como os meios de comunicação são utilizados durante esse processo.

Palavras-chave: Pinheiro; família; especialização política; dinâmica eleitoral

## ABSTRACT

The present work aims to analyze the political specialization process and the electoral dynamics in the city of Pinheiro, countryside of Maranhão State. The focuses of this study are the social and political trajectory of the agents involved on the local political game, highlighting the candidates that are running for mayor. I start from the analysis of the moments previous to the 2008 election trying to perceive the previous political configurations and the different characters with main roles. The Mendes family has an important position at that political space since the 60s. This way I intend to seize which are the resources used by the family members and who are their allies and their opponents over the years. I also traced the mayor candidates' profiles considering their social origins and their professional and political trajectories. I aim to understand how it is established and kept the vertical and horizontal alliances of the mayor candidates and of other local leaders, how it is done the usage of certain resources during action and the non-qualification that the agent suffer during electoral process. At last in an ethnographic work I seek to learn with more details the electoral dynamics in the city of Pinheiro emphasizing the campaign events and the way that the means of communication are used during this process.

Key Words: Pinheiro; family; political specialization; electoral dynamics.

## LISTA DE SIGLAS

AL	-	Assembléia Legislativa
APLAC	-	Academia Pinheirense de Letras, Artes e Ciências
ARENA	-	Aliança Renovadora Nacional
CEFET	-	Centro Federal de Educação Tecnológica
CEMAR	-	Companhia Energética do Maranhão
CEST	-	Centro Educacional Santa Terezinha
CEUMA	-	Centro Universitário do Maranhão
DEM	-	Democratas
DNER	-	Departamento Nacional de Estradas e Rodagens
DETRAN	-	Departamento de Trânsito
FASSEM	-	Faculdade Assembleiana de Ensino Religioso
HEG	-	Horário Eleitoral Gratuito
IBGE	-	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	-	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
PAN	-	Partido dos Aposentados da Nação
PC do B	-	Partido Comunista do Brasil
PCB	-	Partido Comunista Brasileiro
PDT	-	Partido Democrata Trabalhista
PFL	-	Partido da Frente Liberal
PHS	-	Partido Humanista da Solidariedade
PL	-	Partido Liberal
PMN	-	Partido da Mobilização Nacional
PP	-	Partido Progressista
PPB	-	Partido Progressista Brasileiro
PPS	-	Partido Popular Socialista
PR	-	Partido Republicano
PRB	-	Partido Republicano Brasileiro
PRONA	-	Partido da Reedificação da Ordem Nacional
PRP	-	Partido Republicano Progressista
PRTB	-	Partido Renovador Trabalhista Brasileiro
PSB	-	Partido Socialista Brasileiro
PSD	-	Partido Social Democrático
PSDB	-	Partido da Social Democracia Brasileira
PSL	-	Partido Social Liberal
PSP	-	Partido Social Progressista
PST	-	Partido Social Trabalhista
PT	-	Partido dos Trabalhadores
PV	-	Partido Verde
SEBRAE	-	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
TER	-	Tribunal Regional Eleitoral
TSE	-	Tribunal Superior Eleitoral
UDN	-	União Democrática Nacional
UEMA	-	Universidade Estadual do Maranhão
UFMA	-	Universidade Federal do Maranhão

**LISTA DE QUADROS**

<b>Quadro 01</b>	Entrevistas realizadas no estudo .....	30
<b>Quadro 02</b>	Eventos acompanhados do candidato José Arlindo .....	31
<b>Quadro 03</b>	Família Paiva e os cargos públicos e/ou eletivos .....	41
<b>Quadro 04</b>	Mandatos e cargos de Manoel Paiva entre 1955 e 1992 ....	42
<b>Quadro 05</b>	Mandatos e cargos de Dedeco Mendes entre 1955 e 1986	42
<b>Quadro 06</b>	Eleição para prefeito de Pinheiro em 1982 .....	45
<b>Quadro 07</b>	Eleição para deputado estadual em 1994 .....	47
<b>Quadro 08</b>	Eleição para prefeito de Pinheiro em 1996 .....	47
<b>Quadro 09</b>	Eleição para prefeito de Pinheiro em 2000 .....	47
<b>Quadro 10</b>	Eleição para deputado estadual em 2002 .....	48
<b>Quadro 11</b>	Eleição para deputado estadual em 1998 .....	52
<b>Quadro 12</b>	Eleição para prefeito de Pinheiro em 2004 .....	54
<b>Quadro 13</b>	Alguns eventos do candidato José Arlindo na campanha ...	94
<b>Quadro 14</b>	Alguns apoiadores do candidato José Arlindo .....	98

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Ilustração 01</b>	Região da Baixada Maranhense .....	17
<b>Ilustração 02</b>	PIB de Pinheiro em 2007 .....	18
<b>Ilustração 03</b>	Evolução demográfica do município .....	18
<b>Ilustração 04</b>	Diagrama de relações entre os políticos de Pinheiro .....	34
<b>Ilustração 05</b>	Panfleto de campanha de Dedeco Mendes e Pedro Lobato .....	37
<b>Ilustração 06</b>	Diagrama genealógico da família Lobato .....	44
<b>Ilustração 07</b>	Frente de Libertação de Pinheiro em março de 2008 .....	65
<b>Ilustração 08</b>	Eventos de campanha do candidato José Arlindo .....	93
<b>Ilustração 09</b>	Último comício de José Arlindo na Praça José Sarney ....	97
<b>Ilustração 10</b>	Comício de José Arlindo no povoado Campo Novo .....	99
<b>Ilustração 11</b>	Apoiadores da campanha de José Arlindo durante comício realizado no povoado Campo Novo .....	100
<b>Ilustração 12</b>	Momento de preparação para carreata no povoado Bom Viver .....	102
<b>Ilustração 13</b>	Passeata de José Arlindo .....	104
<b>Ilustração 14</b>	Passeata de José Arlindo junto ao comitê de Luciano Genésio .....	105
<b>Ilustração 15</b>	Cabos eleitorais do candidato José Arlindo colando cartazes durante caminhada pelo bairro Antigo Matadouro ..	106
<b>Ilustração 16</b>	Gilmar Soares, José Arlindo e Gaguinho em caminhada pelo bairro de Antigo Aeroporto .....	107
<b>Ilustração 17</b>	José Arlindo, Reizinho e Joel Nunes em caminhada pelo bairro de Antigo Matadouro .....	107
<b>Ilustração 18</b>	Candidato José Arlindo na Caravana Náutica. No lado direito, o candidato a vereador Jucildo .....	108
<b>Ilustração 19</b>	Candidato José Arlindo durante reunião no povoado Vila Matias após a Caravana Náutica .....	109
<b>Ilustração 20</b>	Candidato José Arlindo durante reunião no povoado Vila Matias após a Caravana Náutica .....	110
<b>Ilustração 21</b>	Santinho do candidato Gaguinho .....	115
<b>Ilustração 22</b>	Santinho da candidata Layanna Ferreira .....	116
<b>Ilustração 23</b>	Panfleto do candidato Dr. Léo em associação com o presidente da república, Luís Inácio Lula da Silva e com o então governador do Maranhão, Jackson Lago .....	118
<b>Ilustração 24</b>	Panfleto do candidato Luciano Genésio .....	118
<b>Ilustração 25</b>	Panfleto do candidato José Arlindo .....	119
<b>Ilustração 26</b>	Algumas das formas de execução dos jingles: bicicleta e moto .....	129
<b>Ilustração 27</b>	Candidatos durante o Horário Eleitoral Gratuito .....	133
<b>Ilustração 28</b>	Capa da edição de junho do jornal Cidade de Pinheiro ....	135
<b>Ilustração 29</b>	Capa da última edição do jornal Folha de Pinheiro antes da eleição .....	137

## SUMÁRIO

Introdução .....	12
<b>Capítulo 1: A família Mendes: aliados, adversários e a política pinheirense</b> .....	<b>33</b>
1.1. Encontros e desencontros: trajetórias de Manoel Paiva e Dedeco Mendes	35
1.2. Novos personagens em jogo: Pedro Lobato, José Genésio e José Jorge ...	43
1.3. A ascensão do líder: Filuca Mendes .....	53
1.4. A nova geração e a herança política: Tony Ferreira e Victor Mendes .....	55
1.5. Notas finais sobre as trajetórias de políticos pinheirenses .....	60
<b>Capítulo 2: Velhas raposas e um estranho no ninho: José Arlindo, Luciano Genésio, Dr. Léo e o “continuismo” na política em Pinheiro</b> .	<b>62</b>
2.1. A raposa: José Arlindo .....	69
2.1.1 A equipe de campanha do candidato .....	73
2.2. O <i>outsider</i> : Dr. Léo .....	79
2.3. O herdeiro: Luciano Genésio .....	82
2.4. Notas finais sobre os candidatos a prefeito de Pinheiro .....	84
<b>Capítulo 3: O papel da festa: a ritualidade dos eventos de campanha</b> .	<b>91</b>
3.1. Comícios .....	95
3.2. Carreatas .....	101
3.3. Passeatas .....	103
3.4. Caminhadas .....	105
3.5. A caravana náutica .....	107
3.6. Notas finais sobre os eventos de campanha .....	110
<b>Capítulo 4: Papel picado e palanque televisivo: a utilização de recursos midiáticos em uma eleição municipal</b> .....	<b>112</b>
4.1. A individualização do candidato: os santinhos .....	113
4.2. Os panfletos .....	117
4.3. A propaganda musicada: os <i>jingles</i> .....	123
4.4. Do palanque à televisão: os usos dos programas eleitorais .....	129
4.5. Os jornais .....	133
4.5.1. Cidade de Pinheiro .....	133
4.5.2. Folha de Pinheiro .....	135
4.6. Notas finais sobre os meios de comunicação na campanha eleitoral .....	137
<b>Referências bibliográficas</b> .....	<b>142</b>
Anexos .....	149

## Introdução

O presente estudo analisa a especialização política e a dinâmica eleitoral no município de Pinheiro, Maranhão, destacando tal processo nas eleições de 2008. Realizei a pesquisa de campo na cidade durante o período eleitoral que levou a população a escolher seu novo prefeito e seus vereadores. A pesquisa objetivou a coleta de dados que permitisse a averiguação de algumas dimensões que atravessam o período eleitoral, tais como as origens sociais dos candidatos, trunfos utilizados durante a campanha, eventos de campanha promovidos pelos candidatos, materiais empregados para a divulgação da imagem dos concorrentes no pleito e as relações políticas dos candidatos a prefeitos.

Três concorrentes apresentaram-se no pleito: José Arlindo, Luciano Genésio e Leonaldson Castro, conhecido como Dr. Léo. Os dois primeiros são ligados a políticos locais: aliado da família Mendes, José Arlindo era na época da campanha vice-prefeito da cidade; Luciano Genésio é filho de José Genésio, ex-prefeito da cidade e ex-deputado estadual; já Dr. Léo entrara na arena eleitoral pela primeira vez contando com o apoio do então governador do estado Jackson Lago. José Arlindo venceu a eleição, seguido de Luciano Genésio e Dr. Léo.

A dissertação faz parte de um projeto de pesquisa que visa estudar o recrutamento, a seleção e as carreiras de políticos no Maranhão. Quatro municípios foram contemplados para estudo durante as eleições de 2008: São Luís, Caxias, Pinheiro e Lago da Pedra<sup>1</sup>. Em estudo anterior, Grill (2008b) compara os “condicionantes sociais de afirmação” e as “modalidades de constituição de especialistas da atividade política” no Rio Grande do Sul e no Maranhão. A pesquisa em curso é um desdobramento da citada, tendo como objetivo a análise em perspectiva comparada da constituição dos espaços de concorrência eleitoral nos quatro municípios supracitados, além da constituição de um banco de dados com informações das eleições de 2008.

Poucos trabalhos expõem as formas de dominação política a partir do plano local. Dentre os autores que centram suas análises no centro do poder estadual, a

---

1 O projeto é coordenado pelo professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Igor Grill. Os primeiros resultados da investigação podem ser consultados em GRILL; COSTA; ARAGÃO; LIMA; (2009), COSTA (2008) e LIMA (2009).

capital São Luís, destacam-se Borges (2005), Buzar (1983; 1989<sup>2</sup>; 1998), Caldeira (1981), Costa (2004; 2006), Corrêa (1993), Gonçalves (2000; 2006), Pachêco Filho (2001) e Reis (2007).

Destaco como relevante para a confecção do trabalho a proposta de uma discussão acerca da política no interior do Maranhão. A chamada estrutura oligárquica da política maranhense foi descrita por vários autores partindo da ótica das elites localizadas na capital, São Luís, e imersas em disputas estaduais.

Daniel Gaxie e Patrick Lehinque (1984) abordam a questão das eleições municipais discutindo algumas de suas características, bem como a maior ou menor integração entre o “campo político central” e “campos políticos periféricos”. Para os autores, acerca dos campos periféricos, deve-se atentar para sua multiplicidade, as relações mantidas com o campo central, bem como seu grau de integração com a estrutura maior. Dessa forma, as eleições municipais apresentam características diversas, algumas estando totalmente ou em grande parte integradas ao campo político central e outras, a maioria, não é integrada à lógica mais ampla.

O grau de integração dos campos periféricos ao campo central político se reflete nas características das eleições. Por exemplo, quanto menos integrados os campos, mais as pessoas interessam-se pela campanha eleitoral; mais elas conhecem os candidatos; menos os eleitores fazem referência a critérios “políticos” e mais eles evocam as qualidades éticas pessoais quando questionadas “quais são, em sua opinião, as qualidades de um bom prefeito?”; entre outras (p. 22-23). Todavia, com o passar do tempo, haveria uma tendência, no caso francês, segundo a qual cada vez mais o campo periférico integra-se ao campo central. Dentre os fatores, Gaxie e Lehinque citam a urbanização das cidades e transformações em sua estrutura social, mais destacadamente o aumento no nível de escolaridade de seus membros, sem deixar de mencionar o fortalecimento das estruturas partidárias. Tal evolução não se mostra tão evidente no caso aqui analisado.

A pesquisa foi realizada no ano de 2008, mais precisamente durante o período eleitoral que levou a população a escolher o prefeito e os vereadores. O início da investigação *in loco* começou com as convenções eleitorais que apresentaram os candidatos a prefeito e findou no dia das eleições, 05 de outubro. Após o período

---

2 Benedito Buzar no texto *Polítiques, Políticalha, Polítiquice, Políticagem e Política do Maranhão* (1989) conta alguns acontecimentos com políticos do interior, mas restringe-se apenas a relatá-los, sem análises mais aprofundadas.

eleitoral, outros materiais de pesquisas foram coletados, como entrevistas. Porém, não apenas o ano das eleições foi contemplado no estudo. Buscando entender o processo eleitoral como um todo, foi necessária a busca de informações de outros momentos. O período destacado para a pesquisa sobre a história política de Pinheiro inicia com a ascensão política de José Sarney, mais precisamente sua eleição ao governo do Maranhão em 1965 até a eleição de 2006. Tal recuo histórico possibilita a compreensão das transformações do espaço de concorrência local ao longo do tempo.

A escolha do município de Pinheiro para o estudo justifica-se por uma série de motivos. Primeiramente, pensando de forma mais ampla, tendo em vista o Maranhão como um todo, Pinheiro é uma cidade de médio porte. Com 80 mil habitantes e 50 mil eleitores, no tocante à política, possui características que a aproximam da capital, São Luís. Como exemplo, cito a contratação de profissionais específicos para certos cargos nas equipes de campanhas dos candidatos, evidenciando que o processo de profissionalização política tem contornos mais sólidos. Por outro lado, a personalidade é um forte traço da política local, o que coloca Pinheiro em consonância com um município de pequeno porte. Em segundo lugar, a cidade é a maior da região onde está inserida, a Baixada Maranhense. Os políticos locais são referências para outros de cidades próximas. Políticos pinheirenses são líderes regionais e os laços entre esse e lideranças locais de outros municípios são instaurados e mantidos visando a cooperação mútua.

Uma terceira razão para a escolha de Pinheiro é a centralidade que a cidade possui no jogo político mais amplo. Após a ascensão de José Sarney ao governo do Maranhão em 1965, além do desenvolvimento econômico e social do município, a política pinheirense passa a fazer parte da agenda de lideranças estaduais. José Sarney é pinheirense e tal condição é fundamental para a centralidade política da cidade.

Por fim, porém, não menos importante que os motivos anteriores, meu vínculo com o município foi de fundamental importância para a escolha do universo empírico. Nasci no município de Santa Inês, Maranhão, mas antes de completar cinco anos fui morar em Pinheiro. Tal condição possibilitou a inserção em diversos espaços nos quais talvez outro pesquisador não conseguiria. Em contrapartida, em alguns momentos houve dificuldades na pesquisa, haja vista que o acompanhamento de uma candidatura em específico impedia o acesso às outras duas.

O estudo tenciona responder algumas questões, a saber: como se dá o processo de especialização política no município de Pinheiro? Qual o peso do patrimônio político familiar no recrutamento político local? Qual a influência do processo de reconfiguração política ocorrida nos últimos anos na cidade nas eleições de 2008? Quais as implicações de uma coalizão política estar alinhada ao “grupo Sarney”, uma segunda ter vínculos com o então governador do Estado, Jackson Lago, e uma terceira não ter claras relações com políticos em nível regional? Quais os recursos utilizados pelos candidatos nas eleições municipais de Pinheiro em 2008? Quais as estratégias de apresentação dos candidatos, bem com de desqualificação dos adversários? Quais os políticos de fora da localidade acionados durante o evento? Quais os eventos dos quais os candidatos participaram durante a campanha e sua importância para a dinâmica eleitoral? Como os candidatos utilizavam os meios de comunicação para se apresentarem ao eleitorado?

Assim, pretende-se perceber como os princípios de hierarquização social são reconvertidos em princípios de hierarquização política, as relações entre os políticos locais ao longo dos anos, a estratégia de apresentação do candidato e as desqualificação dos adversários e a dinâmica eleitoral no município, destacando os eventos de campanha e as peças publicitárias usadas pelos candidatos.

### **A caracterização do município de Pinheiro**

O município de Pinheiro<sup>3</sup> localiza-se na região da Baixada Maranhense, no norte ocidental do Estado do Maranhão, ocupando uma área de 1.465,50 km<sup>2</sup>, com uma população de pouco mais de 74 mil habitantes segundo o censo do ano de 2001.

Enquanto “Baixada Maranhense” entende-se a “região” formada por grandes planícies baixas que alagam na estação das chuvas, criando grandes lagos entre os meses de janeiro e julho. Essa região se estende por mais de 20 mil quilômetros quadrados e abrange cerca de vinte municípios, dentre os quais São Bento, Viana, Pinheiro, São Vicente Férrer, Arari, Anajatuba, Pedro do Rosário, Peri Mirim, Bequimão, Palmeirândia entre outros.

---

<sup>3</sup> As informações obtidas sobre a história do município foi colhida no site do IBGE, acesso em 04 de agosto de 2009 e nos livros *Lugar das águas: Pinheiro 1856 – 2006*, de José Jorge Soares e *Coisas de Antanho*, de Josias Abreu.

Pinheiro faz limite com os municípios de Santa Helena, Central do Maranhão, Pedro do Rosário, Presidente Sarney, Bequimão, Peri-Mirim, Palmerândia, São Bento e São Vicente de Férrer. Distante 335 km por via terrestre da capital São Luís (o percurso dura em torno de seis horas), a principal via de acesso ao município é marítimo, utilizando o *ferry-boat*, embarcação que atravessa a Baía de São Marcos em direção ao povoado Cujupe, pertencente ao município de Alcântara. Após um trajeto de 17 km pelo mar, completa-se a viagem com mais 78 km pela rodovia estadual MA-106.

Primeiramente criado como um distrito do município de Guimarães, pela lei provincial 370 de 26 de maio de 1855, Pinheiro passou a condição de vila pouco mais de um ano depois, após o desmembramento em 03 de setembro de 1856. Seu fundador, Inácio José Pinheiro, originário da cidade de Alcântara, segundo versão difundida, procurava melhores pastagens para seu rebanho. Um séquito de vaqueiros e camponeses o acompanhou até fixarem-se nas margens do Rio Pericumã, que banha a cidade.

Em 1891, a vila divide-se em três distritos: Pinheiro, Bom Viver e Pacas – esses dois últimos até hoje são povoados da cidade, cada um a 9 km de Pinheiro em sentidos opostos. Em 1920 passa a condição de cidade e em 1932, o município de Santa Helena é anexado a Pinheiro, situação que se estenderia até 1935 quando aquela localidade volta a ter autonomia administrativa.



**Ilustração 01:** Região da Baixada Maranhense.

A principal atividade econômica do município é o comércio de varejo, seguido da pesca e da agropecuária. A agricultura de subsistência responde pela maior parte da economia local, aonde as principais culturas são arroz, mandioca, babaçu, feijão e cana-de-açúcar<sup>4</sup>. No que tange à pecuária, a criação de bovinos e bubalinos é o destaque, seguido de suínos e galináceos. Mesmo sendo um dos maiores municípios do estado em número de habitantes, sua economia responde com apenas 1,02% da economia estadual.

O maior empregador do município é a prefeitura municipal. Das culturas expostas acima, nenhuma é produzida de forma intensiva. Assim, a economia local depende sobremaneira do funcionalismo público, dos segurados do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) e da renda proveniente dos programas sociais do governo federal. Segue tabela com os percentuais das principais atividades econômicas do município. Os dados são do IBGE do ano de 2007.

<sup>4</sup> Outras culturas locais são limão, milho, açaí, banana, castanha de caju e manga.



**Ilustração 02:** PIB de Pinheiro em 2007

Outros índices sociais que merecem atenção são a evolução do número de habitantes, a saúde e o nível de escolaridade da população, bem como os números associados à educação. O primeiro ponto merece atenção por conta do aumento e diminuição do número de habitantes entre os anos de 1991 e 2007. No início da década de 90, a cidade contava com mais de 82 mil pessoas, número que aumentou mais de 5 mil em cinco anos, quando houve o desmembramento de povoados de Pinheiro que foram emancipados, caso de Pimenta, atualmente município de Presidente Sarney. Após o recuo do número de habitantes para 68 mil, em 2007, o avanço populacional registrado foi de mais de 6 mil. Como dito anteriormente, a população atual é de pouco mais de 74 mil pessoas.



**Ilustração 03:** Evolução demográfica do município

Com relação à saúde, a cidade possuía em 2005 dezenove estabelecimentos médicos, sendo 18 públicos e apenas um privado. Dos públicos, 17 eram municipais e um federal.

Outro dado social que merece destaque é o nível de escolaridade do município. Ainda segundo o IBGE, através do Censo Educacional de 2008, Pinheiro possui 228 escolas, sendo 122 do ensino infantil, 126 do ensino fundamental e 21 do ensino médio. Por esses números, percebe-se que em torno de 90% dos estabelecimentos é de responsabilidade do município. Até a presente data, a cidade não possui escola sob o encargo do governo federal nem universidades<sup>5</sup>.

O Censo Educacional do ano 2000 expôs a situação da escolaridade tendo em vista o analfabetismo. De acordo com o INEP, em Pinheiro, 26% da população era analfabeta, sendo os maiores índices observados entre as pessoas com mais de 60 anos (59,7%), moradores da zona rural (37,2%) e os que recebem até um salário mínimo (28,9%). O analfabetismo funcional<sup>6</sup> era de 43,5% entre a população.

\* \* \*

Na dissertação, far-se-á a apresentação de espaços sociais nos quais estão inseridas as personagens políticas envolvidas nos jogos políticos nos mais diferentes níveis. Um deles é o local, ou seja, o da chamada política pinheirense. Nesse ponto, a análise será dividida em alguns pontos, levando-se em conta os itinerários sociais e políticos dos agentes estudados, bem como as percepções que os envolvidos no jogo têm da política, dando em ênfase ao pleito de 2008.

Outra análise é o estudo do nível mais amplo, considerando a política de uma forma geral, não apenas dentro dos limites do Maranhão, mas sim a estrutura de poder mais ampla. Leva-se em conta, assim, as relações verticais para cima (LANDÉ, 1977) mobilizadas pelos políticos pinheirenses. Tais relações, de poder assimétrico, são construídas, mantidas e/ou restauradas entre esses agentes ao longo do tempo, sendo explicitadas de uma forma mais clara durante o período eleitoral.

---

<sup>5</sup> Ainda segundo o INEP, em 2007, 365 matrículas foram feitas no ensino superior. Tais alunos pertencem ao Programa de Qualificação de Docentes (PQD) da Universidade Estadual do Maranhão. Por esse sistema de ensino, as aulas são ministradas nas férias escolares, haja vista que o objetivo do programa é qualificar professores dos ensinos fundamental e médio sem nível superior.

<sup>6</sup> São considerados analfabetos funcionais pelo Ministério da Educação aquelas pessoas com mais de 15 anos, com menos de 4 anos de estudos

Para o estudo, fez-se necessário uma sociografia dos candidatos a prefeito de Pinheiro e de alguns dos agentes envolvidos no jogo local, como apoiadores e membros da equipe de campanha. Assim, além de traçar a trajetória social e política dos candidatos, particularizou-se uma equipe de campanha para análise sociográfica. Para tanto, foram feitas entrevistas com os coordenadores (geral, *marketing* e jurídico) para tentar perceber como se construíram os laços que os uniam ao candidato. Além desses, alguns ativistas e/ou agentes mobilizados durante a campanha, como candidatos a vereador e pessoas ligadas às *facções* locais também foram estudados através da sociografia.

Para tal tarefa, de traçar o perfil sociográfico dos agentes destacados, precisa-se primeiro perceber o espaço social nos quais estão inseridos, bem como as posições que foram ocupadas por eles ao longo de suas vidas. Esse espaço social seria

construído na base de princípios de diferenciação ou de distribuição constituídos pelo conjunto de propriedades que actuam no universo social considerado, quer dizer, apropriadas a conferir, ao detentor delas, força ou poder neste universo. Os agentes e grupos de agentes são assim definidos pelas suas *posições relativas* neste espaço. Cada um deles está acantonado numa posição ou numa classe precisa de posições vizinhas, quer dizer, numa região determinada do espaço, e não se pode ocupar realmente duas regiões opostas do espaço – mesmo que tal seja concebível (BOURDIEU, 2007, p. 133-4).

Importante ressaltar que tal espaço está em constante transformação, mesmo que já tenha uma estrutura definida. Os acontecimentos transcorridos no espaço são algumas das variáveis responsáveis por essas constantes transformações ou reordenações.

A construção de tal espaço é importante para observarmos as posições que o agente ali ocupou ao longo do tempo, em que condições, por quanto tempo, entre outras variantes. Assim, podemos verificar a trajetória de tal agente. Bourdieu conceitua trajetória como uma “série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações” (1998a, p. 189).

Por vezes, teremos a necessidade de colher informações através da prática biográfica, porém, tomando o cuidado para não cair no que o próprio Bourdieu denominou “ilusão biográfica”.

Tal prática seria a retirada do indivíduo de suas relações sociais, não levando em conta o espaço social no qual está inserido:

tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um „sujeito“ cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações [...] não podemos compreender uma trajetória (isto é, o envelhecimento social que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis (1998a, p. 189-90).

Como exposto anteriormente, a política pinheirense é permeada de relações sociais e pessoais. Assim, a noção de capital social é importante para pensar o caso da política daquela localidade. Pierre Bourdieu trabalha atentando para o inter-reconhecimento entre os agentes (ou grupos de agentes) em seu esquema de análise, considera-se que o volume do capital social dos agentes não depende exclusivamente dele, mas também da extensão de sua rede de relações e dos capitais que detêm os agentes que compõem tal estrutura. Tais propriedades necessitam assim do reconhecimento dos outros, conferindo-lhe capital simbólico.

Enquanto capital social, Bourdieu afirma que

é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados a posse de uma *rede durável de relações* mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à *vinculação a um grupo*, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por *ligações* permanentes e úteis (BOURDIEU, 1998b, p. 67).

O autor ainda completa afirmando que “o volume do capital social que um agente individual possui depende então da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume do capital (econômico, cultural ou simbólico) que é posse exclusiva de cada um daqueles a quem está ligado” (p. 67).

Já o capital simbólico é classificado por Bourdieu como “o capital, qualquer que seja sua espécie, quando percebido por um agente dotado de categorias de percepção resultantes da incorporação da estrutura da sua distribuição, quer dizer, quando conhecido e reconhecido como algo óbvio” sendo “produtos da incorporação

das estruturas a que eles se aplicam; e o reconhecimento da legitimidade mais absoluta não é outra coisa senão a apreensão do mundo comum como coisa evidente, natural, que resulta da coincidência quase perfeita das estruturas objectivas e das estruturas incorporadas”. Tal capital, comumente chamado de prestígio, fama, reconhecimento, etc, dota seus portadores de um poder natural: “na luta pela imposição da visão legítima do mundo social, em que a própria ciência está inevitavelmente envolvida, os agentes detêm um poder à proporção do seu capital, quer dizer, em proporção ao reconhecimento que recebem de um grupo”. (BOURDIEU, 2007, p. 145).

O autor ainda afirma que as relações instauradas e/ou mantidas pelos agentes nada tem de natural, sendo

produto do trabalho de instauração e de manutenção que é necessário para produzir e reproduzir relações duráveis e úteis, aptas a proporcionar lucros materiais ou simbólicos. Em outras palavras, a rede de ligações é o produto de estratégias de investimento social consciente ou inconscientemente orientadas para a instituição ou a reprodução de relações sociais diretamente utilizáveis a curto ou longo prazo (1998b, p. 68).

Dessa forma, pode ser avaliada a condição de alguns líderes na municipalidade. Segundo Frederick Bailey, o líder de uma *facção* seria alguém “que dispõe de recursos limitados para atender seus objetivos e que devem escolher entre várias possibilidades de manobras segundo a estimativa de seus custos recíprocos” (BAILEY, 1977, p. 51). Ainda segundo Bailey, em torno do líder de uma *facção* encontra-se o núcleo e a extremidade) O primeiro seria formado por pessoas mais próximas ao líder, unidas a ele por questões morais, enquanto a extremidade estaria mais distante do centro, normalmente ligado a ele por questões transacionais (BAILEY, 1977, p. 59-64).

Uma vez que em Pinheiro, até pouco tempo, o último prefeito era peça importante da *facção*, mas não seu líder, é importante perceber como se deu seu alçamento a tal condição, fazer o mapeamento de sua cadeia de líderes-seguidores, apreender como foram constituídos os laços entre tal agente e seus atuais seguidores, além de expor suas habilidades para administrar sua rede de relações pessoais e/ou políticas.

Para tanto, deve-se vislumbrar a *configuração* precedente às eleições de 2008. Configuração é aqui entendido tal como proposto por Norbert Elias. Para o

autor, enquanto *configuração*, entende-se como um conceito que designa o conjunto de relações de interdependência entre os indivíduos em um dado espaço-tempo. Todas as ações, fatos novos, inserção de novos personagens, etc., influem na *configuração* precedente, *reconfigurando-a*. Segundo Elias, *configuração* seria um “padrão mutável criado pelo conjunto dos jogadores”. Importante destacar que a interdependência é uma “condição prévia” para a formação de uma configuração (1999, p. 142).

Acerca do processo de especialização política, diversos autores já abordaram o tema, como o sociólogo alemão Max Weber e os franceses Eric Phélippeau e Michel Offerlé. O primeiro discute as transformações pelas quais estava passando a política em fins do século XIX e início do XX tanto na Europa, mais precisamente a Alemanha, como nos Estados Unidos, além das imbricações dessa esfera com a economia.

No paralelo feito por Weber entre a política e a economia, coloca os partidos políticos em um “mercado eleitoral”. Quanto mais a esfera política aproxima-se da econômica, há a necessidade de um corpo burocrático mais qualificado. Nas palavras do autor

tudo se passa de maneira semelhante numa empresa privada. O verdadeiro soberano, isto é, a assembléia de acionistas, numa empresa privada, está tão desprovida de influências a respeito da gestão dos negócios quanto um „povo” dirigido por funcionários especializados (WEBER, 2007, p. 77).

Acerca das pessoas que faziam parte desse mundo político na época abordada, cada vez mais os políticos viviam *da* política e não mais somente *para* a política. O primeiro é aquele que tem na política sua fonte de renda, enquanto o segundo tem a política como objetivo de vida.

Fator determinante na ótica de Max Weber para o aumento de proporção dos partidos políticos, bem como a sua profissionalização, seria a capitalização da política, assim como de uma estrutura mais organizada dessas instituições. Esse fato é mais sintomático nos Estados Unidos, nascedouro do *boss*<sup>7</sup>, que seria o profissional da política por excelência.

---

<sup>7</sup> O novo profissional, o *boss*, é assim descrito por Weber: um empresário político capitalista, que busca eleitores em benefício próprio [...] homem indispensável para coletar diretamente os fundos que os grandes magnatas da finança destinam à organização [...] trata-se de um profissional desprezado pela „alta sociedade” [...] não aceita posições políticas, a não ser a de senador [...] não professa princípios e não se apegar a uma doutrina política definida (Pág: 99-100).

A quantidade de pessoas que até poucos anos atrás fazia da atividade política a ocupação principal era muito reduzida [...] No geral, a política se constituía, de forma preponderante em uma segunda profissão [...] o número dos que se interessavam indiretamente pela política, principalmente com respeito a seu aspecto material, era grande (WEBER, 2007, p. 90).

Eric Phélippeau, por sua vez, mostra como “nasce” o político profissional na França. Como naquele país o capitalismo não se desenvolveu no mesmo ritmo dos Estados Unidos, o que ocorreu foi uma mescla entre os antigos notáveis, em queda desde o fim do século XVIII e alguns representantes do poder central nas localidades francesas. Certas pessoas eram nomeadas para ajudar alguns candidatos no interior francês. Seriam esses “auxiliares aprovados oficialmente para secundá-los em sua empreitada de conquista dos votos”. Assim, “essa associação provisória não será estanha à formação de um corpo de **especialistas** ou de **profissionais em eleições**” (PHÉLIPPEAU, 2001, p. 200).

Esses auxiliares eram os prefeitos<sup>8</sup> que tinham como tarefa, além de representar o governo francês em certos pontos do país, organizar e conduzir as campanhas. Dentre alguns afazeres, expediam circulares confidenciais, redigiam e pregavam cartazes com informações aos eleitores, etc.

Diversas vezes, porém, os prefeitos tinham a missão de apoiar certos candidatos. Phélippeau coloca um interessante exemplo de um notável, o barão Eugène Éschassériaux. Este, não tendo o auxílio do prefeito de seu departamento, tornou-se um empresário na conquista de votos após alguns fracassos pessoais nas eleições em sua localidade. Ajudava candidatos (muitos advindos de classe sociais mais modestas) a entrar na política.

Maior organização e profissionalização faziam-se necessária no mundo político francês. Tanto os „padrinhos” como os candidatos “só podiam esperar vencer se profissionalizassem ainda mais a condição e a organização de suas campanhas” (PHÉLIPPEAU, 2001, p. 207).

A mescla entre notáveis e candidatos advindos de classes mais baixas revela também uma troca de vivências, bem como uma relativa absorção de costumes por parte dos integrantes dessa relação de interdependência. Se, por um lado, os notáveis „rebaixaram-se em ajudar candidatos humildes na hierarquia social, esses últi-

---

<sup>8</sup> Esse cargo não tem relação com a chefia do executivo municipal. Trata-se de um magistrado encarregado de um departamento no território francês.

mos acabaram „enobrecidos“, pois “imitavam gestos e maneiras desses notáveis” (PHÉLIPPEAU, 2001, p. 208).

Ainda no que concerne à profissionalização política, Michel Offerlé (1999) aborda tal processo tendo em vista as origens sociais dos profissionais da política e sua relação com a autonomização da esfera política. Em um primeiro momento, o autor destaca os condicionantes sociais dos agentes envolvidos no jogo político. Fatores como “gênero, idade, origem geográfica, origem social, posição social (percebendo a última profissão antes da profissionalização política), nível e tipos de diplomas” entre outros elementos possibilitam a análise do *background social* dos políticos, sendo tal ferramenta de análise “um elemento chave de análise da profissão política” (p. 18-19). Esse procedimento permite a existência de certos “viveiros políticos”, de onde advém grande parte dos políticos profissionais, além expor os recursos que tais agentes trazem consigo ao adentrar no universo político.

Posteriormente, Offerlé enfatiza as habilidades e recursos obtidos após a entrada na política, bem como a autonomização desta esfera, ou seja, a constituição de um *métier* com seu conjunto próprio de regras, saberes, tarefas, etc. As mudanças acarretam em um distanciamento cada vez maior entre especialistas e profanos, o afastamento da atividade exercida antes da politização do agente, além da criação de fronteiras entre a política e outros domínios.

Além disso, Offerlé (1999) destaca que os políticos tendem, a despeito da especialização, a falar cada vez mais em nome de causas, vocações, missões, etc., denegando sua profissionalização. Sendo assim, não raro os políticos afirmam terem entrado para a política apenas para representar uma comunidade, uma profissão, etc.

\* \* \*

Alguns conceitos serão a base do estudo. Sobre a questão das *facções*, servirão como eixo norteador autores que dedicaram reflexões sobre tal conceito, tais como Carl Landé (1977), Adrian Mayer (1987), Frederick Bailey (1971) e Jeremy Boissevan (2003). Os autores convergem sobre o termo asseverando que a *facção* se caracteriza por não ter estabilidade, ideologia ou duração. Segue a definição de Boissevan de *facção*:

Uma coalizão de pessoas (seguidores) recrutadas de forma pessoal, de acordo com princípios estruturalmente diversos por, ou em nome de, uma pessoa que está em conflito com outra ou outras pessoas, com as que antes estava unida, pela honra e/ou pelo controle dos recursos [...] Os laços a partir dos quais o líder recruta um seguidor são de diversos tipos. Podem variar desde o parentesco até a vizinhança, desde a associação econômica a companheiros de classe. Normalmente, se trata de vínculos pessoais ainda que, em certas ocasiões, alguns seguidores, por sua vez, mobilizam também o apoio de membros de sua própria rede. Os vínculos com o líder pode variar, pois, desde relações transacionais de apenas uma dimensão ate relações morais multidimensionais (BOISSEVAIN, p. 168-9, 2003).

As principais características das *facções* de acordo com Landé são “membros instáveis, duração incerta, liderança personalística, ausência de organização formal e um interesse maior por poder e espólio do que por ideologia ou política”. Assim, “quando grupos diádicos não-corporados estão em competição, cada grupo é comumente chamado de facção” (LANDÉ, 1977, p. 52).

Bailey segue na mesma direção ao afirmar que

existem duas características concomitantes que singularizam um grupo político como facção. Primeiramente os membros não cooperam porque eles têm uma ideologia comum que sua cooperação serve. Segundo, eles são recrutados por um líder com o qual eles têm uma relação transacional (...) Uma facção é igualmente um grupo especializado: *sua razão de ser* é a competição política (BAILEY, 1971, p. 68).

Ainda em se tratando dos conceitos, o uso da noção de *mediação* é fundamental no estudo, haja vista as relações estabelecidas dos candidatos a prefeito de Pinheiro com políticos de nível mais alto (deputados, senadores, etc.) e mais baixo (vereadores, cabos eleitorais, líderes comunitários, etc.). Sydel Sylverman conceitua mediação enquanto a competência de certas pessoas em administrarem problemas da nação com relação ao local e do local com relação à nação. Segundo a autora,

O mediador é um tipo específico de intermediário, que se particulariza por dois elementos básicos: a função crítica e a exclusividade. São responsáveis pela comunicação entre o sistema local e o sistema nacional, desempenhando papéis de interpretação e de composição de questões condizentes com as duas ordenações (local e nacional). Constituem ainda um número reduzido de atores que controlam de forma quase exclusiva estas funções sociais (SYLVERMAN Apud GRILL, 2008a, p. 23).

Karina Kuschnir (2007) salienta que nem todos os políticos podem ser considerados mediadores, sendo alguns apenas intermediários, ou seja, aqueles que somente levam informações de um lugar a outro. O mediador “estabelece pontes de

comunicação entre os universos pelos quais transita”, além de sempre procurarem “acrescentar novas redes sociais ao seu círculo de contatos, sem anular aquelas já consolidadas por experiências anteriores”. Assim, atuando enquanto mediador, o político “torna seu mandato um espaço de convergência, estabelecendo pontes e conexões entre pessoas, instituições e saberes oriundos de diversos universos culturais” (KUSCHNIR, p. 50-2).

Para a realização do trabalho, lancei mão de uma pesquisa de campo durante o período eleitoral. Anterior a esse momento, foi necessária uma revisão bibliográfica sobre o tema. A inserção no projeto de pesquisa foi fundamental para a aquisição do arcabouço teórico necessário para as fases posteriores da dissertação. Após esse momento, passei a vivenciar com mais frequência, na medida do possível, os espaços relativos ao universo da política na cidade. As relações que mantinha com diversos agentes envolvidos no jogo político local foram essenciais para a coleta de informações e/ou materiais de pesquisa, tais como a obtenção de entrevistas, materiais de campanha, acesso a espaços restritos, entre outros.

Uma das fontes de informações foram entrevistas<sup>9</sup> feitas com candidatos, cabos eleitorais, membros das equipes de campanha e apoiadores das candidaturas. As entrevistas foram importantes na medida em que revelaram elementos das candidaturas, bem como ajudaram a entender melhor como se deu a formação da *facção* liderada pela família Mendes e como se deu o aumento do número de seguidores.

O roteiro das entrevistas estava dividido em três momentos: primeiramente, consideram-se os recursos passíveis de serem ativados pelos agentes, lançando mão de indicadores sociográficos, tais como origem social, idade, nível de escolaridade, naturalidade, profissão que exerce, profissão exercida pelos pais, participação em associações, clubes, etc; em seguida, suas trajetória política, considerando filiação partidária, exercício de algum tipo de liderança (partidária, estudantil, sindical, entre outras), participações anteriores em campanhas de outros políticos, militância política, filiações partidárias, entre outros; por fim, as percepções que os agentes mobilizados tinham das eleições em voga e da política como um todo, destacando as razões que os levaram a participar do processo, suas impressões acerca das a-

---

<sup>9</sup> As entrevistas aproximam-se da *entrevista aprofundada* exposta por Beaud e Weber (2007), porém, sem a duração citada no texto dos autores (duas, três horas).

tribuições de um administrador municipal, seus adversários, a equipe que está a sua disposição, os apoiadores que são acionados na campanha, etc.

Visando perceber as diversas configurações políticas vivenciadas no município e dada a escassez de fontes sobre a história de Pinheiro, entrevistei também personagens políticos de outrora, tais como ex-prefeitos, ex-secretários de governo da cidade, etc.

As entrevistas eram negociadas, na maioria das vezes diretamente com o entrevistado. Dado meu conhecimento do município, não me foi trabalhoso conseguilas. Bastava me apresentar e marcar a hora. Poucas vezes a tentativa era frustrada. Quando aconteceu, foi por motivo de trabalho do entrevistado e não por conta de alguma possibilidade de negativa, remarcando para outra hora. A única recusa que tive foi do candidato Luciano Genésio. Marcamos na noite de uma sexta-feira para a tarde do dia seguinte na sede da televisão de propriedade de seu pai. No horário combinado o candidato estava voltando de uma viagem a São Luís. Ainda tentei contatá-lo diversas vezes, sem sucesso.

Com relação às entrevistas com José Arlindo e Dr. Léo, ambas foram conseguidas ao falar diretamente com os agentes. Com o primeiro, após acompanhá-lo em uma caravana náutica como evento de campanha, marcamos para o dia seguinte no próprio comitê do candidato. Na hora marcada estava lá e me atendeu sem problemas; o segundo foi um pouco mais difícil. Desloquei-me até seu sítio na zona rural de Pinheiro. A entrevista aconteceu no carro do candidato no trajeto entre sua casa e um sítio que foi da sua família, um engenho (o local serviu de gravação para um de seus programas eleitorais). A entrevista deu-se na viagem de volta para a sede do município, quando Dr. Léo ia gravar em outro prédio que fora de sua família.

A média de duração das entrevistas com os candidatos a prefeito foi de 30 minutos. Como destacado, estavam divididas em três partes, com exceção das entrevistas feitas com pessoas mais velhas da localidade.

Com relação a essas últimas, deixava o máximo possível que o processo ficasse mais flexível. Para conseguir as entrevistas com apoiadores, coordenadores de campanha, etc., a estratégia era semelhante. Tomava conhecimento de onde residiam, apresentava-me às pessoas e marcava um horário. Algumas não seguiram esse padrão, como a entrevista com o coordenador jurídico da campanha de José Arlindo, que conheci em um evento de campanha e marcamos a entrevista para o

dia posterior e a entrevista feita com Victor Mendes. Falei com ele rapidamente em um evento e marcamos para o outro dia.

No total, foram obtidas 12 entrevistas, tendo em média 45 minutos. A maior foi com o candidato a vereador e empresário Jadilson Jarbas do Carmo, conhecido como Gaguinho, com 1 hora e 43 minutos e a menor com a ex-secretária de educação do município Deny Leite, com 17 minutos.

Segue o quadro completo das entrevistas realizadas. Todas foram feitas no período eleitoral, com exceção de José Jorge.

**Quadro 01:** Entrevistas realizadas no estudo

Entrevistado	Posição no jogo político local	Data	Tempo
Dr. Léo	Candidato a prefeito	14/08/08	30 min.
Dedeco Mendes	Ex-prefeito e pai de Filuca Mendes	15/08/08	1h e 28 min.
Gaguinho	Candidato a vereador e empresário	16/08/08	1h e 43 min.
José Arlindo	Candidato a prefeito e atual vice-prefeito	01/09/08	26 min.
Gilmar Soares	Candidato a vereador e atual Presidente da Câmara	12/09/08	34 min.
Diego Moura	Coordenador jurídico da campanha de José Arlindo	13/09/08	28 min.
Sr. Chiquinho	Proprietário do Jornal <i>Cidade de Pinheiro</i>	20/09/08	1h e 26 min.
Maneco Paiva	Ex-prefeito de Pinheiro em três ocasiões	23/09/08	51 min.
Deny Leite	Ex-Secretária de Educação de Pinheiro	30/09/08	17 min.
Flávia Regina	Coordenadora de comunicação da campanha de José Arlindo	01/10/08	50 min.
Victor Mendes	Coordenador geral da campanha de José Arlindo e deputado estadual	03/10/08	43 min.
José Jorge	Ex-deputado estadual	21/09/09	1h e 05 min.

Uma segunda modalidade de material de pesquisa foram as peças publicitárias dos candidatos. Nesse quesito foram contemplados panfletos, santinhos, *jingles*, programas do Horário Eleitoral Gratuito e jornais impressos locais. Esse material é importante na medida em que expõe o candidato ao eleitorado, mas também serve para medir o grau de profissionalização das candidaturas. Os panfletos e os santinhos são a forma impressa de auto-apresentação dos agentes na eleição; os *jingles* são a comunicação musicada do período eleitoral e o Horário Gratuito e os jornais impressos não apenas expunham as propostas à população como também são o veículo de exposição de agressões entre os envolvidos no pleito.

A apreensão de tal material foi possível com a pesquisa de campo, feita a partir da definição dos candidatos a prefeito (ou seja, das convenções municipais) até o dia da eleição. Durante esse período, pude acompanhar diversos eventos de campanha, porém, enfocando os de um candidato, José Arlindo. A escolha não foi alea-

tória. Primeiramente, das três candidaturas era a que eu tinha mais acesso. Muitos apoiadores do candidato estudaram comigo durante o tempo em que morei em Pinheiro, outros eram amigos de meus pais, sendo o contato facilitado por tal aproximação; outro fator que me levou a dedicar-me a candidatura em questão deu-se à sua centralidade na política local. José Arlindo era então vice-prefeito da cidade e aposta da família Mendes, que dirige os principais postos políticos no município. Tal família, atualmente na pessoa de Filuca Mendes, conserva laços com políticos hierarquicamente inferiores a ele, no caso, líderes comunitários, vereadores, prefeitos de municípios de menor expressão na região da Baixada Maranhense, etc., bem como com políticos hierarquicamente superiores, como deputados estaduais, federais, senadores, entre outros, porém, quase todos ligados à família Sarney. Por fim, José Arlindo é o único dos três candidatos que tem uma carreira política consolidada, entendida como o exercício de cargos públicos, participações anteriores em eleições, etc. Tais fatores tornaram a pesquisa mais enriquecedora que o acompanhamento de qualquer uma das outras duas.

O acompanhamento foi feito com a presença em eventos do candidato, como carreatas, comícios, caminhadas, passeatas, etc., buscando perceber o caráter transacional de tais momentos, bem como a maneira festiva como uma eleição municipal é tratada em cidades de pequeno e médio porte. A seguir coloco uma tabela dos eventos que acompanhei durante o pleito.

**Quadro 02:** Eventos acompanhados do candidato José Arlindo

<b>Tipo</b>	<b>Local</b>	<b>Data</b>	<b>Observação</b>
Caravana Náutica	Povoado Vila Matias	31/08	Ao fim houve um discurso
Comício	Povoado Ponta Branca	10/09	
Caminhada	Bairro Antigo Aeroporto	11/09	
Comício	Povoado Campo Novo	12/09	
Caminhada	Bairro Antigo Matadouro	13/09	
Passeata	Entre os bairros Antigo Matadouro e São Benedito	20/09	Ao fim houve um comício
Carreata	Entre os povoados Bom Viver e Pacas	27/09	Ao fim houve um comício
Caminhada	Povoado Pacas	29/09	
Passeata	Entre os bairros João Castelo e Centro	02/10	Ao fim houve um comício

Dessa forma, a dissertação está dividida em quatro capítulos. No primeiro, dar-se-á ênfase à história política de Pinheiro, tendo como fio condutor a família Mendes, desde o momento em que Filadelfo Mendes Filho inicia o exercício de cargos eletivos. Durante esse momento do texto, os aliados e os adversários da família

serão expostos, tentando perceber as alianças e as clivagens durante as últimas décadas, enfatizando a importância da posse de um patrimônio político familiar em pleitos locais; no segundo capítulo, o momento pré-eleitoral: as disputas *intra-faccionais*, objetivando a consolidação dos nomes que concorreriam para o cargo de prefeito e as conseqüências da entrada de um novo personagem no jogo local; ainda na segunda fase do texto, as trajetórias dos candidatos a prefeito, destacando suas origens sociais, suas trajetórias profissionais e/ou políticas até a eleição em pauta, tentando perceber como determinados atributos eram utilizados por eles no pleito; no terceiro capítulo farei uma exposição dos eventos de campanha, enfatizando as diferenças entre eles e sua importância na dinâmica eleitoral; por fim, a análise centra-se na utilização dos meios de comunicação no momento das eleições, procurando conhecer as formas de auto-apresentação dos candidatos, tanto a prefeito como a vereador, bem como medir o grau de profissionalização de uma candidatura em Pinheiro.

## 1. A família Mendes: aliados, adversários e a política pinheirense

Antes de entrar em um momento específico, no caso do presente estudo, as eleições municipais de 2008, deve-se perceber as *configurações* anteriores, ou seja, os momentos políticos e sociais vividos pelos indivíduos da “localidade” que levaram a cidade à atual *configuração*.

Dessa forma, traço o processo histórico da dita política pinheirense, buscando compreender os elementos do passado que possibilitaram a *configuração* estabelecida durante as eleições de 2008, concordando também com Karina Kuschmir, que afirma em *Antropologia da política* (2007), que “a incorporação de uma perspectiva histórica ajuda a perceber que o mundo da política não é imutável, e sim uma realidade em permanente processo de transformação” (KUSCHNIR, 2007, p. 62).

A política pinheirense é permeada por laços de parentesco, que são acionados constantemente por “herdeiros” ao longo do tempo. Sobre a questão da “herança política” em disputas eleitorais, diversos autores já abordaram a questão, dentre eles Ana Cláudia Viegas (1997) e Igor Grill (2008c). A autora de *Trocas, facções e partidos: um estudo da vida política em Araruama-RJ*, ao expor o perfil dos candidatos a prefeito do município, destaca as relações de parentesco e sua relação com a política e identifica três dos quatro pleiteantes ao executivo local como “herdeiros” de famílias tradicionais na política local<sup>10</sup>; já em “*Heranças políticas*” no *Rio Grande do Sul*, Grill trabalha as diferentes formas de heranças políticas acionadas na política gaúcha, desde a familiar como a trabalhista<sup>11</sup>.

O diagrama a seguir expõe as relações entre os políticos pinheirenses desde meados dos anos sessenta até as eleições de 2008. Ao longo do presente capítulo, tais alianças serão esclarecidas levando em conta o contexto histórico onde as mesmas foram instauradas e os momentos de rupturas, onde os rearranjos aconteciam.

---

<sup>10</sup> Para maiores detalhes acerca de tais agentes, ver o capítulo 1: “Em cena: os candidatos”

<sup>11</sup> A herança familiar é abordada pelo autor no capítulo 3, “*Família, configuração de apoios e atendimento no percurso de um “herdeiro político”*”, onde expõe o caso do candidato a deputado federal Fetter Jr. No capítulo seguinte, “*herança trabalhista*” no *Rio Grande do Sul: parentesco, carisma e partidos*, discute as disputas da “herança trabalhista” após a morte de Leonel Brizola.

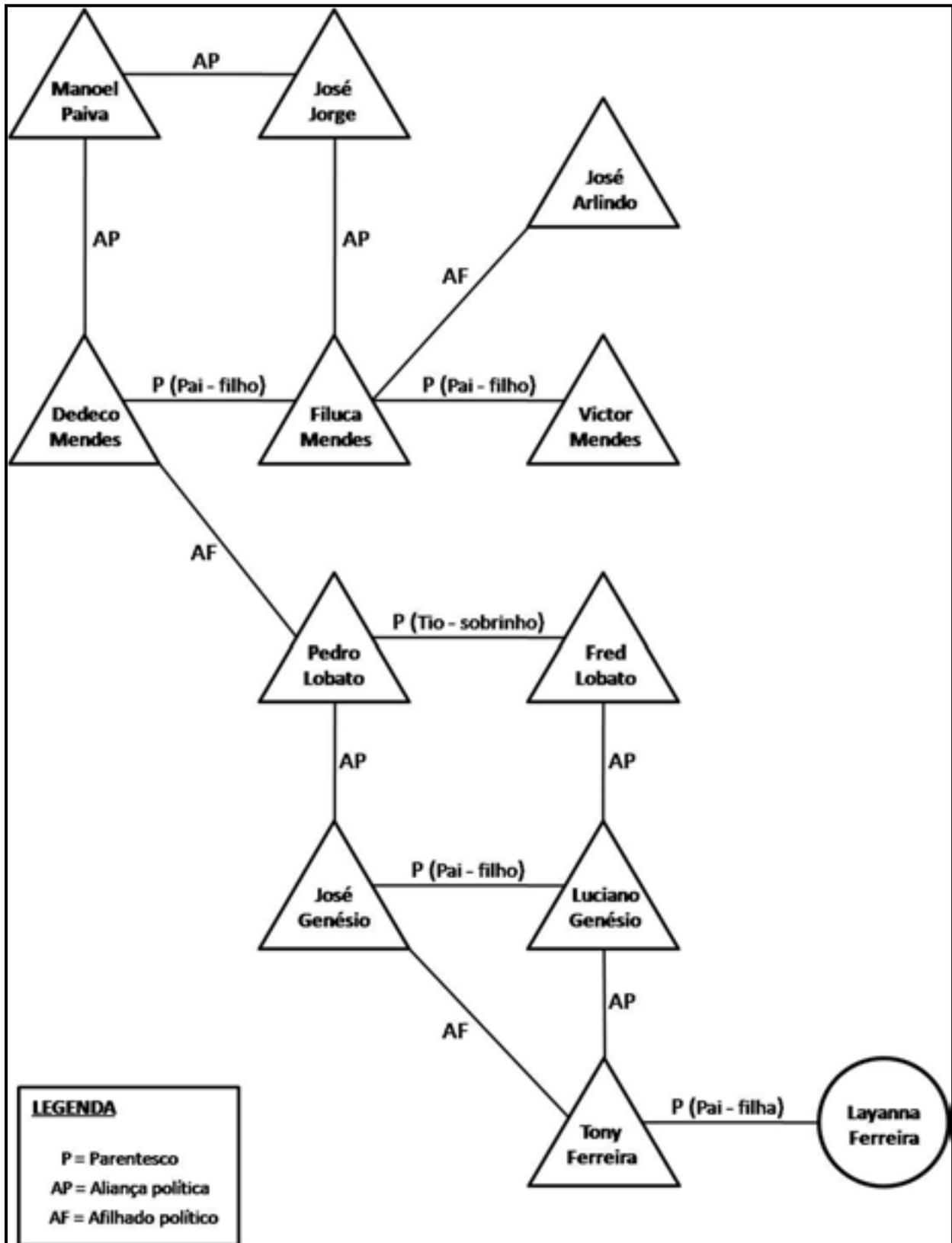


Ilustração 04: Diagrama de relações entre os políticos de Pinheiro

## 1.1 Encontros e desencontros: trajetórias de Manoel Paiva e Dedeco Mendes

Desde os anos sessenta, a política pinheirense tem fortes ligações com o poder estadual. Com a ascensão de José Sarney ao governo estadual em 1966, a cidade de Pinheiro passou a ser um dos pólos centrais no Maranhão, recebendo especial atenção por parte dos governantes. Tal centralidade decorre do vínculo de José Sarney com Pinheiro, sendo natural da cidade. Em entrevista, José Jorge, autor de um livro sobre a história de Pinheiro, *Lugar das águas* (2006), evidencia a importância dos vínculos de José Sarney com a cidade de Pinheiro. O ex-deputado estadual relaciona os momentos em que Sarney exercia cargos executivos (governador e presidente) ao desenvolvimento do município, além de melhorias proporcionadas por sua atuação quando do exercício de cargos legislativos (deputado e senador). Nesses momentos, José Sarney fazia o papel de *mediador* entre o local e o regional e/ou nacional.

Naquele meio [Baixada Maranhense] Pinheiro era uma cidade igual às outras, Peri-Mirim, Palmeirândia, Santa Helena, todas elas. **Evidentemente que Pinheiro sofreu um processo de desenvolvimento muito grande graças evidentemente a presença do José Sarney na política maranhense [...] Nesse período, que Sarney foi governador, depois senador, depois presidente, etc., realmente tudo que tem em Pinheiro hoje, esse boom nesse grande gap que houve aí foi fruto disso. Então em Pinheiro começou a aparecer agência de bancos, escolas (Fundação Bradesco), hospitais, aí chegou a energia elétrica de Boa Esperança, ferry-boat...** Evidentemente que Pinheiro hoje é um centro regional importante. Se não desenvolveu por um lado, pelo menos na parte de serviços é um grande entreposto comercial e de serviço na região da Baixada como um todo [...] **Não fosse o fato de Sarney ser de lá, filho de lá e ter essas ligações políticas, Pinheiro seria uma cidade como qualquer outra da região** (Entrevista com José Jorge, em 21/09/09. Grifos meus).

Desde a ascensão de José Sarney ao governo estadual até o presente momento, uma família se mantém no centro das decisões municipais, os Mendes. O primeiro integrante dessa família a ocupar cargos políticos foi Filadelfo Mendes Filho, conhecido na cidade como Dedeco Mendes.

Nascido em Pinheiro, tem 82 anos, cursou até o 5º ano do atual ensino fundamental e teve como primeira profissão o ofício de sapateiro. Pouco depois entrou no ramo comercial e da pecuária. Dentre seus empreendimentos comerciais, possuiu uma loja de gêneros alimentícios e um bar. Hoje administra uma gráfica de sua propriedade.

Ingressou na política em 1954 como candidato a vereador em Pinheiro, eleito com 154 votos. Foi reeleito para o cargo por duas vezes, em 1958 e 1962. Quatro anos mais tarde assumiu o cargo de secretário de fazenda do município, quando do exercício de Manoel Paiva como chefe do executivo municipal. Em 1972, candidatou-se a prefeito e venceu a eleição em um pleito que ficou marcado como sendo o único na história política da cidade em que houve apenas um candidato. Segundo Dedeco Mendes, “acho que só ganhei por ser candidato único” (Filadelfo Mendes Filho, entrevista em 15/08/08).

Em 1978 foi eleito para o cargo de deputado estadual, permanecendo até 1982, quando, em um sistema de rodízio<sup>12</sup> com Manoel Soares Paiva, deveria ser candidato a prefeito de Pinheiro. Segundo Dedeco Mendes, Manoel Paiva não respeitou o acordo e lançou o empresário Antonio José Araujo Guterres, conhecido como Sr. Real, como seu candidato. Em contrapartida, Dedeco Mendes lançou como candidato seu genro, o médico Pedro Lobato, que venceu a eleição. Texto extraído do jornal *Cidade de Pinheiro* de 1982 revela o rompimento de Dedeco Mendes com Manoel Paiva e sua associação com Pedro Lobato. Apesar de longo, o documento merece destaque.

Aos meus conterrâneos e amigos.

Poucos meses nos separam de um novo pleito eleitoral [...] Aqueles que me conhecem melhor, sabem que a ponderação e a discrição fazem parte do meu caráter, o que vem justificar o meu silêncio até o presente momento, mas diante do clima de especulações e expectativas que se instalam nos meios políticos de nossa terra, sinto-me na obrigação de prestar certos esclarecimentos aos meus conterrâneos e expor-lhes o meu posicionamento. Já é do conhecimento de todos que **foi firmado um pacto entre a minha pessoa, o senador José Sarney e o prefeito Manoel Paiva com respeito às próximas eleições**, sem o cumprimento do mesmo por uma das partes. Cabe me esclarecer que, esperei até o último momento para demonstrar, mais uma vez, o empenho ao fiel cumprimento da minha palavra por considerar a lealdade como traço fundamental no caráter de um homem. Tanto assim que, mesmo diante das críticas, insultos e demonstrações de reconhecidas deslealdade por parte daqueles **a quem emprestei o meu apoio e a minha colaboração no passado** e que hoje lutam contra mim, mantive-me em silêncio, não por covardia, mas pela palavra empenhada e esperando, talvez, que um pequeno gesto de lucidez, da outra parte, viesse trazer ao nosso partido em Pinheiro a coesão e a solidificação que fazem do PSD o maior partido político do Brasil. O prazo do acordo se extinguiu, os fatos se precipitaram, as provocações continuaram e **nada mais me resta a não ser partir para a luta, juntamente com o Dr. Pedro Lobato, onde iremos disputar a reeleição de deputado estadual e o cargo de prefeito respec-**

---

<sup>12</sup> Por esse acordo, enquanto Maneco Paiva fosse prefeito, Dedeco Mendes seria deputado, invertendo as posições nas eleições seguintes para que os dois sempre estivessem ocupando cargos eletivos.

**tivamente. O nome do Dr. Pedro Lobato não é uma escolha aleatória,** porém, fundamentada na qualidade apresentada pelo candidato que concorre ao futuro pleito. **É um homem novo,** possuidor de uma passada e dos méritos e o cargo requer. Com o objetivo de buscar novas metas para o bem estar do povo e desenvolvimento de nossa terra, propomos esta **luta de renovação**, confiantes mais uma vez, no apoio amigo de Pinheiro. **Já podemos contar com o apoio do senador Sarney, Castelo e Luís Rocha,** para que todos juntos, no mesmo palanque possamos demonstrar um alto espírito democrático, deixando a critério do povo a livre e consciente opção na escolha de seus candidatos. Dedeco Mendes – Deputado estadual (Jornal Cidade de Pinheiro, 1982. Grifos meus).

Algumas relações entre políticos pinheirenses e outros de nível político hierárquico mais elevado são explicitadas na passagem, além do acionamento de alguns recursos novos no jogo político da época. O político citado, José Sarney mantém vínculos com a família Mendes desde meados da década de 50, quando organizou juntamente com Dedeco Mendes a União Democrática Nacional no município<sup>13</sup>. A passagem mostra que ainda a união entre Manoel Paiva e Dedeco Mendes era antiga, a reciprocidade política entre ambos, além do destaque para a juventude de Pedro Lobato à época, quando os antigos aliados já estavam há mais de três décadas na política. Por fim, as relações com políticos de São Luís, no caso João Castelo e Luís Rocha<sup>14</sup>, intermediadas por José Sarney. Seus aliados em nível estadual eram aliados de Dedeco Mendes e Pedro Lobato no pleito de 1982.



**Ilustração 05:** Panfleto de campanha de Dedeco Mendes e Pedro Lobato

<sup>13</sup> Durante a década de 1950, a UDN no Maranhão foi chefiada por Alarico Pacheco, seguido da família Machado, mais destacadamente na pessoa de Marcelino Machado e posteriormente, José Sarney.

<sup>14</sup> João Castelo era senador no início da década de 1980 enquanto Luís Rocha governava o Estado após a vitória nas eleições de 1982.

Segundo Dedeco Mendes, a questão econômica foi decisiva naquele pleito, haja vista que a maior parte dos recursos foi para a campanha de Pedro Lobato. Não por acaso, a dupla venceu em âmbito municipal, mas perdeu em nível estadual. Dedeco Mendes, porém, ficou na terceira suplência, o que deu a condição de que assumisse por diversas vezes o cargo de deputado, uma vez que muitos eleitos foram chamados pelo governador eleito Luís Rocha para fazer parte do quadro administrativo, na condição de secretários de Estado. Segundo o entrevistado, dos quatro anos, exerceu o cargo de deputado por três anos e meio.

Sua última participação em eleições foi em 1992, quando apoiou novamente Pedro Lobato. Dessa vez, o adversário de seu genro seria José Jorge Leite Soares. A dupla Dedeco Mendes / Pedro Lobato venceu a eleição mais uma vez, porém, pouco depois, afastam-se politicamente por conta da separação judicial<sup>15</sup> de Pedro Lobato da sua filha, Sandra Mendes.

Vale destacar na trajetória política de Dedeco Mendes seu itinerário partidário. Sua primeira filiação deu-se no PSP, adentrando posteriormente na UDN e ARENA. Não por acaso, eram os mesmos partidos aos quais José Sarney estava filiado naqueles momentos. A união entre os dois ia além das raízes pinheirenses: Dedeco Mendes deu seu filho, Filadelfo Mendes Neto, conhecido como Filuca, para ser afillhado de batismo de Sarney. Os laços políticos mantêm-se firmes até hoje<sup>16</sup>.

O afastamento de Dedeco Mendes do universo político, pelo menos de uma forma mais ativa, deu-se segundo o próprio por conta da questão financeira:

A bola começava a quadrar, eu já estava ficando mais velho... Eu nunca fui aquele político culto, de boa oratória [...] Então eu achei que tava na hora de pendurar as chuteiras e guardar o que eu ganhei com a política, porque metade dos políticos, o que eles ganham eles jogam fora nos últimos mandatos tentando se reeleger e joga fora tudo... Eu não, quando eu vi que a bola começou a quadrar eu zip (sinal de que estava saindo de algum lugar). Todo dinheiro que eu ganhei na campanha eu investi na pecuária, etc. (Dedeco Mendes, entrevista em 15/08/08).

<sup>15</sup> Disputas familiares podem resultar em rearranjos políticos, como no caso de Acaraú, Ceará, onde a morte de um membro da família Ferreira Gomes foi o estopim para a ruptura definitiva entre seus membros (BARREIRA, 2006).

<sup>16</sup> Gérard Fritz e Jean-Claude Fritz analisaram as relações de compadrio no interior do Nordeste do Brasil em estudo sobre famílias políticas. Segundo os autores, o compadresco é prática comum entre políticos para unirem-se cada vez mais, visando, entre outras benesses, resultados políticos. O compadresco seria um "parentesco simbólico" aonde "os padrinhos ou madrinhas de batismo se encontram assim ligados a seus afillhados mais também entre seus compadres ou comadres". Dessa forma, na localidade estudada, mais precisamente o interior da Paraíba, "existe um meio mais forte de estabelecer um lugar „familiar“ entre dois indivíduos para garantir uma solidariedade entre eles que poderá produzir efeitos políticos" (FRITZ G; FRITZ J, 1992, p. 69).

A passagem acima expõe algumas mudanças pelas quais a política estava passando em meados da década de 1980. O período em que Dedeco Mendes afirma que “a bola começava a quadrar” era o de redemocratização do Brasil, ou seja, novos trunfos estavam em jogo naquele momento, novos políticos e esses, mais jovens, estavam entrando nos processos eleitorais. Além disso, o peso dos títulos escolares fazia-se cada vez mais necessário no universo da política. Para alguém que tinha apenas o quinto ano do ensino fundamental, concorrer com candidatos com o ensino superior completo era um risco muito alto. Dedeco Mendes preferiu sair da cena política, ao contrário de seu contemporâneo e principal aliado até aquele momento, Manoel Maria Soares Paiva, mais conhecido como Maneco Paiva. O último trecho expõe a recompensa financeira oriunda de sua atividade política.

Principal nome da política pinheirense na década de 70 juntamente com Dedeco Mendes, Manoel Maria Soares Paiva nasceu em Pinheiro, fez seus estudos em Pinheiro, Cururupu<sup>17</sup> e São Luís. Completou até o primeiro ano do segundo grau técnico em contabilidade. Reside atualmente em São Luís, após sua saída da cena política de Pinheiro no início da década de 1990.

Começou na política por volta de 15 anos, em campanhas de eleições municipais, reivindicando melhorias na infra-estrutura da cidade, porém, sem filiação, segundo ele, apenas pelo “ímpeto juvenil”. Sua primeira filiação partidária foi vinculada ao Partido Republicano (PR). Candidatou-se a vereador pela primeira vez em 1954, elegendo-se com a marca de 500 votos de 900 possíveis. Seu mandato findou em 1958.

Manoel Paiva é oriundo de família de políticos que tinha grande importância na economia pinheirense. Albino Paiva, pai de Manoel Paiva, era comerciante e detinha a maior loja da cidade, do ramo de tecidos. Albino Paiva era português e veio para Pinheiro no início do século XX. Textos sobre a história de Pinheiro (SOARES, 2006) e entrevistas com pessoas mais antigas da cidade apontam a chegada de algumas famílias de portugueses a Pinheiro como um dos marcos da história da cidade. Até aquele momento, Pinheiro era “uma cidade como qualquer outra da Baixada”. As famílias portuguesas<sup>18</sup>, destacadamente os Paiva, os Santos e os Gonçalves

---

<sup>17</sup> Cidade do litoral do Maranhão, situada a 108 km de Pinheiro.

<sup>18</sup> Cinco portugueses instalaram-se na região da Baixada Maranhense, quatro em Pinheiro e um em Santa Helena. Os quatro primeiros foram Albino Paiva, Américo Gonçalves, José Santos e Armínio Campos. Apenas Luís Lobato não ficou na cidade, mas pouco seguiu adiante, fixando residência em Santa Helena, a cerca de 40 km de Pinheiro.

deram início ao processo de transformação social da cidade por conta de suas atividades comerciais. Em constante contato com a capital, São Luís, comerciavam produtos locais com o centro estadual e de lá traziam produtos para serem inseridos no município. Isolada por suas características geográficas, a cidade não possuía estrada que a ligavam com outros municípios, apenas “caminhos”<sup>19</sup>. Tais comerciantes abriram estradas em vários sentidos para facilitar o escoamento dos produtos comercializados<sup>20</sup>. O poder econômico destas famílias foi reconvertido em força política.

O já citado Albino Paiva possuiu o maior comércio da cidade. Dos seus sete filhos, três aventuraram-se na política: José Paiva foi secretário de segurança do Maranhão no exercício do governo de José Sarney em meados da década de sessenta. Tal secretária foi lhe oferecida por ele ser Coronel do Exército e comandante do 24º Batalhão de Caçadores em São Luís. Ainda foi deputado estadual entre os anos de 1979 e 1982; Afonso Paiva esteve na Assembléia Legislativa do Maranhão entre os anos de 1967 a 1970; além dos dois, Manoel Paiva. Dos outros filhos de Albino Paiva, uma filha, Maria Paiva, casou-se com Antenor Abreu, liderança política estadual que exerceu o cargo de deputado estadual em três oportunidades, entre as décadas de 40 e 60. Seus outros três filhos não se arriscaram na vida pública.

Porém, além a ascensão social da família Paiva e da união de uma de suas filhas com um político já de destaque no cenário estadual, o que ajudou a entrada de seus membros em pleitos eleitorais fora dos limites de Pinheiro foi o vínculo dos Paiva com José Sarney. Quando da eleição deste em 1965, tal família apoiou Sarney, enquanto outra família portuguesa, os Gonçalves, que também reconverteram sua força econômica em poder político, apoiaram Newton Bello, quando o futuro governador apoiou Manoel Paiva para prefeito. Ambos saíram vitoriosos e estreitaram os laços que já existiam desde a época em que o pai de José Sarney, Araújo Costa, trabalhou em Pinheiro como promotor de justiça. Durante os quatro anos (1931-

---

<sup>19</sup> Pequenas estradas precárias entre um município e outro.

<sup>20</sup> As famílias portuguesas abriram os caminhos que foram estruturados apenas no final da década de 1960, quando do mandato de José Sarney no governo do Estado entre os anos de 1966 e 1969. Segundo José Jorge Soares, nesse período, “foi concluída a interligação de Pinheiro, por via rodoviária ao resto do Maranhão [...] Na verdade, foi nessa época que Pinheiro saiu do seu isolamento e veio a se comunicar com o restante dos municípios maranhenses e com os demais estados da Federação. Além disso, remonta desse período a conclusão da estrada para Itaúna, facilitando sobremaneira as viagens a São Luís, que podiam ser feitas através de *ferry boats*, que atravessam a baía de São Marcos em menos de duas horas” (SOARES, 2006, p. 212-3). A pavimentação de tais estradas, no entanto, aconteceu apenas em fins da década de 1980, quando José Sarney era presidente da República.

1934) em que viveu em Pinheiro<sup>21</sup>, Araújo Costa<sup>22</sup>, pai de José Sarney, manteve amizade com lideranças locais que foram cultivadas ao longo dos anos. Além das relações de amizade, Araújo Costa tinha relações de parentesco com uma das famílias mais importantes da cidade, ligada ao comércio, os Leite.

**Quadro 03:** Família Paiva e os cargos públicos e/ou eletivos

	<b>Cargo eletivo</b>	<b>Cargo público</b>
José Paiva	Deputado estadual (1983-1987).	Comandante do 24º Batalhão de caçadores do Exército; Secretário estadual de segurança (1965/1968).
Afonso Paiva	Deputado estadual (1966/1971).	
Manoel Paiva	Vereador (1954/1958); Prefeito de Pinheiro (1966/1970, 1977/1982, 1986/1992); Deputado estadual (1971/1975, 1976-1977).	Diretor do Escritório Técnico de Administração Municipal (1984); Diretor financeiro da Companhia de desenvolvimento do Maranhão (1985).

A candidatura de Manoel Paiva a prefeito em 1965 foi pela União Democrática Nacional (UDN)<sup>23</sup> aconteceu, segundo o próprio, de forma “casual”: seu irmão, Afonso Paiva, seria o candidato a prefeito, que adoeceu no período de formação da chapa. Maneco Paiva foi indicado para substituir o irmão:

o candidato era meu irmão, Afonso, mas ele adoeceu e não pôde ser. Então lançaram: é Maneco! Então me botaram e eu topei a parada! Nos dois primeiros comícios ninguém acreditava em mim, o povo não acreditava em mim: „isso não trabalha nem pra ele vai trabalhar pra prefeitura?”. Ai eu comecei a argumentar só as falhas do governo [...] o certo é que eu revolucionei a cidade e ganhei por uma maioria esmagadora. Eu ganhei em todas as urnas por muito! (Manoel Paiva, entrevista em 23/09/08).

Após essa vitória, seguem outras, tanto para o executivo local como para a Assembléia Legislativa. Durante sua vida política, seu grande aliado, até o início da década de 1980, foi Dedeco Mendes. Manoel Paiva o nomeou como secretário de fazenda do município quando da sua primeira eleição em 1965. Após esse momen-

<sup>21</sup> Oriundo da cidade vizinha de São Bento.

<sup>22</sup> Durante alguns anos, Araújo Costa foi promotor de justiça em Pinheiro e manteve relações de amizade com as elites econômica e política da cidade.

<sup>23</sup> Em 1965, em nível estadual, acontecia a eleição de José Sarney ao governo do estado. Após 20 anos de controle de Victorino Freire, o Maranhão seria governador por um político que não estava na esfera de influência daquela liderança. Contudo, convém destacar que José Sarney adentra o universo político pelas mãos do próprio Victorino Freire. Em sua trajetória política, esteve em diferentes “lados” da política estadual. Tais mudanças possibilitaram que seus adversários o chamasse de “canguru”. Diversos estudos abordam os conflitos acima expostos bem como as mudanças partidárias de José Sarney, dentre os quais COSTA (2004; 2006), BUZAR (1998) e GONÇALVES (2000).

to, os dois começaram a revezar-se nos cargos de prefeito e deputado estadual. Após esse exercício de prefeito, Maneco Paiva candidatou-se (e venceu) ao cargo de deputado enquanto Dedeco Mendes era prefeito. O papel invertia-se na eleição seguinte.

**Quadro 04:** Mandatos e cargos de Manoel Paiva entre 1955 e 1992

<b>Período</b>	<b>Cargo</b>
1955-1958	Vereador
1966-1969	Prefeito de Pinheiro
1971-1974	Deputado estadual
1975-1976	Deputado estadual
1977-1982	Prefeito de Pinheiro
1987-1992	Prefeito de Pinheiro

**Fonte:** Jornal Cidade de Pinheiro

**Quadro 05:** Mandatos e cargos de Dedeco Mendes entre 1955 e 1986

<b>Período</b>	<b>Cargo</b>
1955-1958	Vereador
1959-1962	Vereador
1963-1965	Vereador
1966-1969	Secretário de fazenda municipal
1973-1976	Prefeito de Pinheiro
1979-1982	Deputado estadual
1983-1986	Deputado estadual (suplente)

**Fonte:** Jornal Cidade de Pinheiro

O pacto foi rompido em 1982, quando Manoel Paiva apoiou o empresário Antonio Guterres, conhecido como Sr. Real para prefeito em detrimento da candidatura de Dedeco Mendes. Esse apoiou seu genro, Pedro Lobato, que venceu as eleições, enquanto seu sogro, com que fazia associação com ele perdeu a eleição para deputado estadual, ficando na terceira suplência. Dessa forma, o esquema *prefeito > deputado estadual > prefeito* funcionou para Manoel Paiva até período do rompimento.

Dois pontos merecem destaque sobre Maneco Paiva: o primeiro é o motivo que o levou a deixar o universo da política. Segundo o próprio, o desencantamento com aquele meio o faz abandonar a vida política: “eu deixei por desencanto. Eu não quero falar nisso pra não magoar ninguém, que magoa muita gente. Mas a vida é assim mesmo” (Manoel Paiva, entrevista em 23/09/08). Essa passagem, segundo alguns moradores da cidade, refere-se às disputas entre os dois ex-aliados, que iniciaram na disputa municipal em 1982 e culminaram na eleição de 1992 para prefeito. A relação entre eles nesses dez anos deteriorou-se aos poucos. Outra possibilidade

seria a perda de grande volume de dinheiro no final de sua vida política, já que para financiar suas campanhas, investiu o dinheiro que seus pais tinham deixado como herança.

Em segundo lugar, Manoel Paiva, como um dos políticos mais experientes de Pinheiro, tem idéias formadas sobre todos os políticos do passado e do presente que tem a cidade como base eleitoral. Dentre suas percepções, considera José Jorge, seu candidato a prefeito no pleito de 1992 “um homem sério”; o rival naquela eleição, Pedro Lobato, seria “meio desequilibrado”, enquanto José Genésio é “totalmente desequilibrado”. Dos políticos mais novos, vê Tony Ferreira como “um bom rapazinho, mas que não tem estrutura financeira” e em contrapartida, afirma que Victor Mendes “é preparado e tem a reserva financeira do pai”.

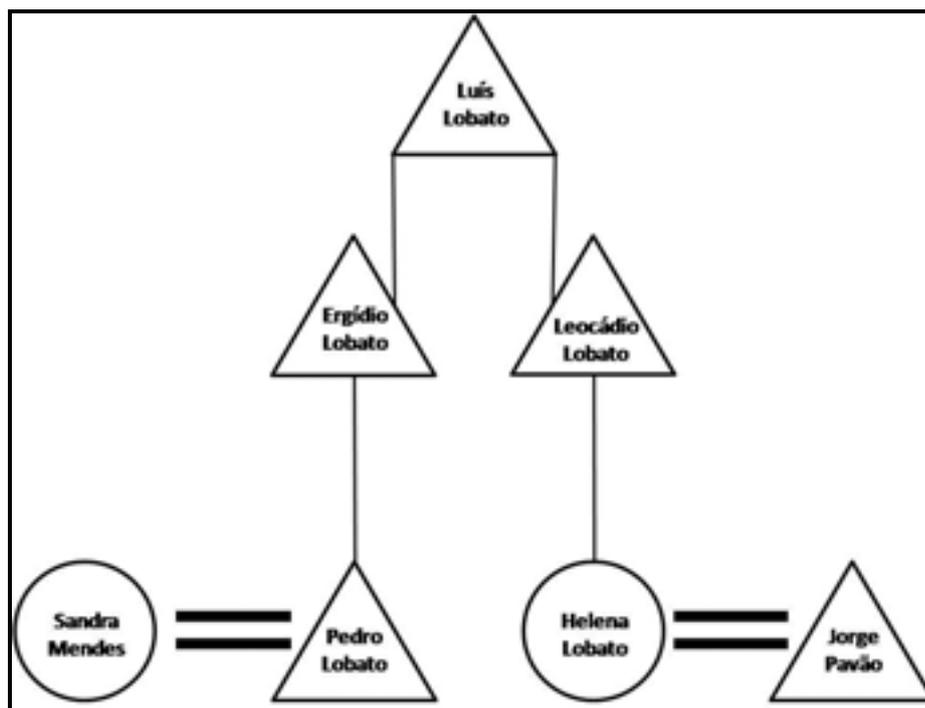
## 1.2. Novos personagens em jogo: Pedro Lobato, José Genésio e José Jorge

Com a saída da cena política de Filadelfo Mendes Filho e a trajetória descendente de Manoel Paiva, outros personagens começam a destacar-se no jogo político da cidade, entre eles, três nomes: Pedro Lobato, genro de Dedeco Mendes; José Genésio, tido como oposição; e José Jorge, que entra no jogo como candidato a prefeito com o apoio de Manoel Paiva.

O primeiro, Pedro Lobato, tem 66 anos, nascido em Queimadas, povoado de Santa Helena, cidade que fica a 42 km de Pinheiro. Mudou-se para Pinheiro em 1972 após concluir seu curso de Medicina na Universidade Federal do Maranhão em São Luís.

Seu pai, Ergídio Lobato era pecuarista na região da Baixada e a mãe dona-de-casa. Ergídio Lobato além de pecuarista era “boiadeiro”. Sua produção bovina e bubalina era comercializada em cidades do Pará e o próprio levava a mercadoria até o local de venda.

Pedro Lobato pertence a uma família de políticos da cidade de Santa Helena, onde um tio, Leocádio Lobato, foi prefeito daquela cidade na década de 70 e uma prima (filha de Leocádio Lobato), Helena Lobato Pavão, casada com José Pavão, que já exerceu o cargo de deputado estadual e prefeito de Santa Helena por mais de uma vez cada, é a atual prefeita da cidade.



**Ilustração 06:** Diagrama genealógico da família Lobato<sup>24</sup>

As origens da família Lobato remontam a Portugal. Uma das famílias de portugueses que chegaram à Baixada Maranhense no início do século XX foi a Lobato. No percurso dos portugueses, não ficaram em Pinheiro, seguindo mais adiante, fixando residência na região de Santa Helena. Luís Lobato, português, era comerciante e pecuarista.

Casado com Sandra Mendes<sup>25</sup>, filha de Dedeco Mendes, o ingresso na política de Pedro Lobato aconteceu pelas mãos de seu sogro em 1973, quando assume a secretaria de saúde do município. Concorreu pela primeira vez a um cargo público no pleito de 1982 como candidato a prefeito da cidade de Pinheiro. Nessas eleições, Dedeco Mendes seria o candidato a prefeito, porém, após o rompimento da aliança que tinha com Manoel Paiva, lançou seu genro como candidato, contra Sr. Real. Os meios de comunicação publicaram o apoio de Dedeco Mendes a Pedro Lobato:

<sup>24</sup> Luís Lobato teve mais três filhos: Luís Lobato, Rafael Lobato e João Lobato. Nenhum dos três, no entanto, aventurou-se no universo da política.

<sup>25</sup> Se em alguns casos, algumas famílias fazem casamentos entre primos para que o patrimônio político fique preservado (FRITZ, G; FRITZ, JC, 1992), em outras situações acontece o inverso. Sobre casamentos entre famílias de políticos, visando interesses políticos, Letícia Canêdo (1991) expõe que tais estratégias não são aleatórias, resultando em alguns casos a acumulação do capital político de ambas as famílias. Em estudos sobre famílias de políticos em Minas Gerais, a autora assevera que naquele estado, as alianças entre famílias diferentes produziram mais efeitos de ordem política que econômica.

Até o momento não se registra o consenso partidário para a escolha de um único candidato a sucessão municipal. Dois nomes estão em evidência e já iniciaram a luta: Dr. Pedro de Souza Lobato, candidato do nosso deputado estadual Dedeco Mendes que diz abertamente „**não abro nem para o trem; nenhum acordo que afaste o nome do meu genro como candidato a prefeito de Pinheiro**“ (Jornal Cidade de Pinheiro, 1982. Grifo meu).

Nesta eleição, o mote principal foi a renovação do quadro de políticos local. Se os nomes mudam, as famílias tencionavam continuar no comando das ações. Dedeco Mendes apoiou Pedro Lobato, que acionava sua juventude e capacidade técnica como recurso eleitoral. Sr. Real arriscou-se em pleitos apenas nessa eleição, sendo o representante de Manoel Paiva. As peças publicitárias de Pedro Lobato traziam recorrentemente a palavra “renovação”; já o adversário trabalhou com conceitos ligados a sua atividade profissional, tais como “dinamismo” e “ação”.

**Quadro 06:** Eleição para prefeito de Pinheiro em 1982

<b>Candidato</b>	<b>Partido</b>	<b>Votos</b>	<b>%</b>
Pedro de Sousa Lobato	PDS	9.094	59,77
Antonio José Araújo Guterres (Sr. Real)	PDS	5.452	35,83
José Policarpo Costa Neto	PDT	351	2,30
Afonso Weba Guimarães	PMDB	318	2,10

A vitória de Pedro Lobato com pouco mais de 9 mil votos representou o início da variação de políticos no comando do executivo local, sendo ele mesmo um dos que estariam a partir daquele momento no “rodízio” do cargo de prefeito, juntamente com Maneco Paiva. Após seu mandato, Manoel Paiva assumiu mais uma vez o executivo local, dando a chance para que Pedro Lobato assumisse a prefeitura novamente em 1993, após vencer o pleito mais uma vez com o apoio de Dedeco Mendes. Porém, desta vez, o adversário foi José Jorge, que era apoiado por Manoel Paiva. A saída provisória de Pedro Lobato da vida pública coincide com seu rompimento com a família Mendes por conta da sua separação judicial de Sandra Mendes.

Após esse momento, dedicou-se apenas à sua profissão em Pinheiro, onde possui uma clínica médica. No ano de 2004 candidatou-se a prefeito contra Filuca Mendes e teve apoio político de um ex-adversário: José Genésio. A aliança continuou no ano de 2006, quando apoiou o candidato Luciano Genésio na disputa para deputado estadual. Na eleição em análise no trabalho, foi representado na disputa

por seu sobrinho, Fred Lobato, que compôs chapa com Luciano Genésio, mantendo a união política entre as famílias Genésio e Lobato.

Já José Genésio, nascido em São Bento, formado em administração de empresas, tem grande participação na política pinheirense desde meados da década de 1980.

Proprietário de uma retransmissora de TV na cidade, vinculada à *Rede Bandeirantes*, usa os meios de comunicação para ser o canal entre ele e seu eleitorado e/ou simpatizantes.

Iniciou sua participação na política como candidato a deputado estadual em 1986, ficando como suplente. Essa foi a primeira eleição desde o início da década de 1970 que nem Dedeco Mendes, nem Maneco Paiva candidatam-se a deputado estadual. Assim, José Genésio, entra no vácuo deixado pelos dois políticos. Em 1990, obteve eleição direta para a Assembléia Legislativa, reelegendo-se no ano de 1994 – nessa eleição, disputava os votos da região da Baixada Maranhense e conseqüentemente de Pinheiro com José Jorge e Filuca Mendes, aliados políticos de longa data e adversários de José Genésio. Afasta-se da função em 1996 para concorrer ao executivo municipal pinheirense, vencendo as eleições contra Filuca Mendes.

**Quadro 07:** Eleição para deputado estadual em 1994<sup>26</sup>

Candidato	Partido	Votos
José Jorge Leite Soares	PP	13.457
Jose Genésio Mendes Soares	PRP	9.975
Filadelfo Mendes Neto (Filuca)	PFL	-

Fonte: TSE

**Quadro 08:** Eleição para prefeito de Pinheiro em 1996

Candidato	Partido	Votos	%
Jose Genésio Mendes Soares	PSDB	11.512	52,39
Filadelfo Mendes Neto (Filuca)	PFL	9.115	41,48
Jose Raimundo Montenegro Soares	PPS	1.029	4,69
Telma Maria Ribeiro Pessoa	PRP	214	0,98
Jorge Campos	PST	101	0,46

Fonte: TSE

José Genésio não completou seu mandato por ter sido cassado três meses antes do fim. Nas eleições de 2000 concorreu mais uma vez para prefeito, mas foi

<sup>26</sup> A quantidade de votos de Filuca Mendes não consta no site do TSE. O candidato ficou na suplência e no site constam apenas os dados relativos aos candidatos que conseguiram sua eleição.

derrotado por Filuca Mendes, embora a disputa tenha sido bastante acirrada. O vencedor do pleito conseguiu 12.643 votos (47%) e José Genésio 11.111 (41%). Percebe-se por esses números que, mesmo com o processo de cassação de mandato ter sido deferido apenas um ano antes da eleição, José Genésio ainda tinha uma força considerável na cidade, consolidando sua condição de liderança oposicionista à família Mendes.

**Quadro 09:** Eleição para prefeito de Pinheiro em 2000

<b>Candidato</b>	<b>Partido</b>	<b>Votos</b>	<b>%</b>
Filadelfo Mendes Neto	PFL	12.643	47,19
Jose Genésio Mendes Soares	PSDB	11.111	41,47
Achilles Câmara Ribeiro	PMN	2.078	7,76
Genival Abrão Ferreira	PSB	888	3,32
Remi Abreu Trinta	PST	68	0,26

**Fonte:** TSE

A última eleição em que José Genésio participou na condição de candidato foi em 2002, concorrendo ao cargo de deputado estadual, onde obteve 12.776 (8.761 na cidade de Pinheiro), ficando como suplente. José Jorge, concorrente direto de José Genésio também não conseguiu eleição direta, ficando na suplência.

**Quadro 10:** Eleição para deputado estadual em 2002<sup>27</sup>

<b>Candidato</b>	<b>Partido</b>	<b>Votos totais</b>	<b>Votos (Pinheiro)</b>	<b>%</b>
Jose Genésio Mendes Soares	PSDB	12.776	8761	31,42
José Jorge Leite Soares	PFL	22.147	7857	28,18

**Fonte:** TSE

Nas eleições de 2006, seu filho, Luciano Genésio concorreu ao cargo de deputado estadual, disputando os mesmos votos pretendidos por Victor Mendes. Dessa forma, as disputas entre Filuca Mendes e José Genésio foram “herdadas” por seus filhos. Porém, se José Genésio venceu quase todas as disputas com Filuca Mendes, seu filho não teve o mesmo sucesso. No referido pleito, obteve 8.609 votos contra 47.735. Levando em consideração apenas os eleitores pinheirense, Luciano Genésio teve 6.541 votos e Victor Mendes 14.778.

<sup>27</sup> O total de eleitores que compareceram às urnas foi de 29.154.

Na mesma eleição, José Genésio apoiou Mário Antonio Ferreira de Sá, conhecido como Tony Ferreira. O candidato obtém boa votação para o cargo de deputado federal, mas não consegue eleger-se ficando como suplente.

Contemporâneo de José Genésio, José Jorge Leite Soares entrou na cena política pinheirense no fim da década de 1980. É pinheirense, tem 59 anos e fez seus estudos básicos em Pinheiro, no Colégio Pinheirense<sup>28</sup>. Aos 15 mudou-se para Brasília para continuar seus estudos. Tem curso superior em Engenharia Mecânica pela Universidade de Brasília, especialização em conservação de energia e MBA em gestão de políticas públicas pela Fundação Getúlio Vargas.

José Jorge já trabalhou como professor da Escola de Engenharia da Universidade Federal de Pernambuco, teve cargo de executivo na empresa de engenharia *Spirax Sarco*, especializada em sistemas e controles de vapor e recuperação de calor. Exerceu cargo de diretor de operações da Companhia Energética do Maranhão (CEMAR) em duas oportunidades: após sua formatura e depois da saída da empresa *Spirax Sarco*, em 1986, quando José Sarney era presidente da República e Fernando Sarney, filho de José Sarney, presidente da CEMAR.

Na política, já exerceu o cargo de deputado estadual em duas oportunidades, de 1995 a 1998 e de 2001 a 2002. Na administração pública, foi gerente de desenvolvimento regional em Rosário e Pinheiro nos governos de Roseana Sarney e secretário de Estado de coordenação das gerências regionais de 2003 a 2004.

José Jorge é membro de vários clubes de engenharia pelo Brasil, além de membro da Academia Pinheirense de Letras, Artes e Ciências (APLAC) e Cônsul Honorário da França no Maranhão. Possui ainda estudos sobre a cidade de Pinheiro, sendo um de sua autoria e outros que organizou. Tais textos são recorrentemente citados pela população da cidade como fonte de pesquisa.

Alguns desses textos foram usados na dissertação, sendo duas publicações (organizações de crônicas e/ou textos dissertativos) e um de sua autoria. Os dois primeiros são a coletânea de crônicas publicadas entre os anos de 1952 a 1959, *Coisas de Antanho: crônicas*, de autoria de Josias Abreu, ex-prefeito de Pinheiro e a compilação de vários artigos do historiador Jerônimo de Viveiros sobre a cidade, *Quadros da vida pinheirense*, enfatizando o período de 1856 a 1956. A outra publicação trata-se de um livro de cunho historiográfico, *Lugar das águas*, que discorre

---

<sup>28</sup> Maior colégio particular da cidade, fundado em 1953 por padres italianos.

sobre o período de 1856 a 2006. Neste último, o autor enfatiza alguns personagens que influenciaram na história do município, como padres italianos que ali chegaram em meados do século XX, comerciantes portugueses que se instalaram na cidade por volta da década de 1920 e seu avô, Chico Leite. Todos os textos foram publicados em 2006, em decorrência da comemoração dos 150 anos da cidade. Convém ressaltar que as publicações saíram sob a chancela da Academia Pinheirense de Letras, Artes e Ciências, fundada em 2005.

Maria Auxiliadora Lemenhe (2008) em análise sobre a família Bezerra de Menezes na região do Cariri, interior do Ceará, destaca as produções sobre tal família, distinguindo três “instâncias de validação das origens remotas dos Bezerra de Menezes e da perpetuação do atributo de família de tradição”. Seriam elas: as instituições de produção dos trabalhos, seus autores e a reiteração do conteúdo dos textos.

Tais instâncias são profícuas para pensar o caso em análise, haja vista a constante referência aos textos de José Jorge pela população quando da procura de textos sobre a história local. A responsabilidade de tal autor pelas três obras não é mera coincidência, uma vez que ele é membro de uma das mais importantes famílias locais, além de participar de diversas instituições de cunho intelectual, mais destacadamente a APLAC, para no que concerne à publicação de obras estar “autorizado” a escrever sobre o município.

Peça importante no jogo político local por conta de sua estreita ligação com a família Mendes, mas principalmente com a família Sarney. Antes, porém, de Filuca Mendes assumir a condição de líder político do município no início da década de 2000, as ações eram divididas entre alguns membros, entre eles, José Jorge.

Tendo na família outros políticos, como seu avô, Chico Leite, que foi vice-prefeito e Jurandy Leite, deputado estadual, sua motivação para iniciar a participação na vida política aconteceu durante sua segunda passagem pela CEMAR<sup>29</sup>, quando

**comecei a atender prefeitos, vereadores que vinham, viajava muito pelo interior** e a ver aquilo que eu realmente não conhecia, que é conhecer um pouco o Maranhão [...] e me fez conhecer a realidade. Ai eu comecei a pensar: „puxa, eu posso contribuir de alguma forma para o desenvolvimento

---

<sup>29</sup> Segundo José Jorge, durante a segunda passagem pela CEMAR, esteve a frente de um projeto de interiorização de energia elétrica, o que possibilitou seu contato com diversas lideranças municipais.

da minha terra” e foi quando me propus a ser o candidato a prefeito de Pinheiro (José Jorge, entrevista em 21/09/09. Grifo meu).

Até esse momento, o entrevistado afirma que não tinha ambições políticas, apesar de sua família ter membros que já tinham exercidos cargos públicos anteriormente. José Jorge diz que, apesar de ter sido criado em um ambiente essencialmente político, não se interessava por tal atividade<sup>30</sup>, chegando mesmo a ter repulsa pelo universo político. Porém, como a passagem acima evidencia, seu contato com lideranças políticas continuou durante sua carreira profissional. As relações com políticos do interior do estado durante o projeto de interiorização de energia elétrica desenvolvido pela empresa em que trabalhava, fomentou a idéia de ser candidato em Pinheiro.

Dessa forma, a primeira participação em eleições na condição de candidato aconteceu no ano de 1992, tendo como adversários Pedro Lobato, que contava com o apoio de Dedeco Mendes, José Sousa, então secretário de estado no governo de Eptácio Cafeteira e José Genésio. Ficou em segundo lugar, atrás de Pedro Lobato.

Em entrevista, José Jorge credita sua derrota à “inexperiência, ingenuidade e talvez por não ter a habilidade necessária para costurar as alianças”.

Sua primeira eleição foi em 1994, quando concorreu a uma vaga na Assembleia Legislativa do Maranhão<sup>31</sup>. Obteve 13.457 votos, ficando à frente de seu principal adversário na disputa, José Genésio, que obteve 9.975<sup>32</sup>. José Genésio tentava sua terceira eleição consecutiva. Nessa eleição, pode-se perceber que a família Mendes desejava ter um candidato eleito deputado estadual para frear o avanço da força política de José Genésio. José Jorge contou, em suas palavras, “com o apoio da estrutura de governo”.

Em 1998, candidatou-se à reeleição e venceu, com 12.726 votos, sendo desses, apenas 2.608 na cidade de Pinheiro. O número pode ser explicado pela grande concorrência local durante o pleito. Os outros municípios onde o candidato teve ex-

---

<sup>30</sup> Christian Le Bart (1992) afirma que a condição de herdeiro é vista como “natural”, e, mesmo que ele não escolha ser um político, deve fazer tal escolha e não apenas ausentar-se da decisão: “O herdeiro é um cidadão por quem a questão da ambição política se coloca explicitamente, naturalmente, o que constitui já uma ruptura fundamental com relação ao homem comum. O herdeiro pode recusar a carreira política, evidentemente, mas não pode se esquivar da escolha que essa recusa constitui. Ele não é jamais um apolítico natural” (p. 189).

<sup>31</sup> Para tanto, deixou o cargo de diretor da CEMAR.

<sup>32</sup> Não consegui obter informações acerca dos votos dos candidatos na eleição de 1994 detalhadamente, para identificar o número de votos dos candidatos por município, ficando disponível apenas o número total.

pressiva votação foram Pedreiras (1.660), Governador Luiz Rocha (1.339), São Vicente Férrer (1.322) e São Bento (1.260). Os dois primeiros não ficam na “região” onde tradicionalmente José Jorge atuava, ficando na região central do Estado<sup>33</sup>.

**Quadro 11:** Eleição para deputado estadual em 1998<sup>34</sup>

Candidato	Partido	Votos totais	Votos (PHO)	%
Maria da Graça Silva Soares <sup>35</sup>	PRP	7.504	4.318	20,86
Genival Abrão Ferreira	PMN	3.979	2.673	12,80
José Jorge Leite Soares	PMDB	12.726	2.608	12,49
Nilson Santos Garcia	PL	14.049	1.528	7,31
José Erivan Oliveira Cordeiro	PL	1.817	1.351	6,47
José Raimundo Soares Montenegro	PPS	2.073	1.289	6,17
José Raimundo Rodrigues	PSD	20.743	1.020	4,88

Fonte: TSE

O quadro acima expõe um cenário de rearranjo pelo qual a política pinheirense passava em fins da década de 1990. A família Mendes não tinha um representante em condições de herdar seu patrimônio político. Filuca Mendes havia perdido as eleições de 1996 para prefeito. José Genésio, principal rival dos Mendes estava na prefeitura municipal. José Jorge era deputado estadual e Pedro Lobato havia saído da vida política após o fim de seu mandato em 1995. Com isso, diversos personagens apresentaram-se no pleito de 1998 concorrendo ao cargo de deputado estadual, objetivando os votos do eleitorado pinheirense. Os nomes expostos no quadro 11 dão mostra dessas mudanças. Genival Ferreira e José Montenegro são pinheirenses e buscaram seus primeiros cargos eletivos nessa eleição; José Raimundo Rodrigues, apresentador de TV em São Luís, porém, nascido em Pinheiro, fez campanha na cidade tentando obter ali boa margem de votos; José Erivan já tinha experiência na política local (havia sido o candidato a vice-prefeito quando da tentativa de José Jorge enquanto candidato a prefeito); Maria Graça Soares é esposa de José Genésio; e por fim, Nilson Garcia, que tem a cidade de Palmeirândia<sup>36</sup> como base eleitoral, mas que obteve diversos votos em Pinheiro.

A última vez que José Jorge pleiteou um cargo eletivo foi no ano de 2002, tentando sua segunda reeleição. Mais uma vez, sua base eleitoral era a Baixada Mara-

<sup>33</sup> Como comparativo, na eleição subsequente, em 2002, José Jorge obteve apenas 2 votos em Governador Luiz Rocha e nenhum em Pedreiras.

<sup>34</sup> O comparecimento total de eleitores na eleição em Pinheiro foi de 24.474 votos.

<sup>35</sup> Maria da Graça Silva Soares é esposa de José Genésio.

<sup>36</sup> Cidade localizada a 34 km de Pinheiro.

nhense, mais especificamente o município de Pinheiro e seus vizinhos<sup>37</sup>. Dos seus 22.147, conseguiu 7.857 em Pinheiro, 2.099 em Pedro do Rosário e 1.292 em Bequimão. Em São Luís, local de sua residência, obteve 2.504.

Seu principal rival na disputas por votos foi novamente José Genésio. Esse, mesmo após ter sido cassado do executivo municipal pinheirense, obteve 12.776. Se José Jorge “vence” José Genésio no geral, perde em nível local (Pinheiro), onde obteve 8.761.

José Jorge teve seu nome envolvido na disputa municipal de 2008. Ele seria o preferido de José Sarney, de quem a família Mendes é aliada. Porém, Filuca Mendes, preferia seu vice-prefeito, José Arlindo. Filuca Mendes saiu vitorioso na disputa interna e José Jorge ficou fora do pleito. Ainda tendo como fonte a entrevista em profundidade feita com o último, alguns contatos foram feitos no intuito de viabilizar seu nome enquanto candidato da família Mendes. Tal proposta seria uma chance de “unir o grupo todo”. O “grupo” a que se refere José Jorge são pessoas ligadas à Filuca Mendes e que eram seus contemporâneos: amigos de escola, alguns parentes, etc. Porém, tal união não logrou êxito.

### 1.3. A ascensão do líder: Filuca Mendes

Após as alianças e clivagens na política pinheirense desde os anos sessenta até fins da década de 1990, um nome destacou-se do município, Filadelfo Mendes Neto. Conhecido como Filuca, é pinheirense, 53 anos, formado em engenharia. Filho de um dos políticos mais importantes da cidade, Dedeco Mendes, desde cedo começou a participar de atividades políticas.

É dono de uma empresa de comunicação administrada por seu filho, o deputado estadual Victor Mendes. Retransmissora de duas televisões, Rede Record e Rede TV, seus dois principais programas são apresentados por profissionais da área de comunicação, porém, sem formação acadêmica. O programa *Tribuna Popular* é apresentado por Paulo Castro<sup>38</sup> na Rede Record e o *Pinheiro no ar*, tem como ancora João Morais, ex-vereador, que agendava os compromissos de José Arlindo na campanha de 2008 para prefeito.

---

<sup>37</sup> Exceção feita ao município de Santa Helena, base eleitoral de João Jorge Jinkings Pavão.

<sup>38</sup> Paulo Castro também é diretor do jornal Cidade de Pinheiro, de propriedade de Francisco José de Castro Gomes, conhecido na cidade como Sr. Chiquinho.

Filuca Mendes foi diretor regional do Departamento Nacional de Estradas e Rodagens (DNER) durante o início da década de 1990, quando de sua primeira tentativa de assumir um cargo eletivo ao concorrer ao cargo de deputado estadual. Seu principal rival era José Genésio, que tentava a segunda eleição consecutiva. Filuca Mendes não obtém uma vaga direta, ficando na condição de suplente.

Quatro anos mais tarde, candidatou-se novamente a deputado estadual, malogrando êxito mais uma vez. Aqueles que conseguiram a eleição foram José Genésio e José Jorge. O primeiro se reelegeu pela segunda vez e o segundo obteve sua primeira eleição direta a um cargo eletivo.

Dois anos após a tentativa, candidatou-se a prefeito de Pinheiro, tendo como adversário José Genésio. Perdeu as eleições por aproximadamente 2.400 votos<sup>39</sup>. Essa foi a segunda derrota política para seu principal rival.

Ausentou-se do pleito para a Assembléia Legislativa em 1998, voltando a candidatar-se em 2000, quando mais uma vez, enfrentou José Genésio, que tinha sido cassado do cargo de prefeito. Dessa vez, Filuca Mendes venceu as eleições, dando início ao processo de consolidação da liderança da *coalizão* da qual faz parte. Obteve 12.643 votos contra 11.111 do seu concorrente direto<sup>40</sup>.

Reelegeu-se prefeito de Pinheiro no ano de 2004, vencendo Pedro Lobato, ex-aliado de sua família. Contou com uma coligação que abarcava 12 partidos políticos, dentre eles o PFL (ao qual era filiado), PMDB, PRONA e PC do B. A diferença de votos faz com que fique conhecido como “ruim de voto” pela população em geral, já que o adversário não tinha participação ativa no cenário político local havia 12 anos e conseguiu mais de 12 mil votos. Essa eleição corroborou tal alcunha que já vinha sendo usada após a eleição de 2000 pelos motivos acima explanados.

**Quadro 12:** Eleição para prefeito em 2004

<b>Candidato</b>	<b>Partido</b>	<b>Votos</b>	<b>%</b>
Filadelfo Mendes Neto	PFL	19.152	57,31
Pedro de Sousa Lobato	PAN	12.175	36,43
César Augusto de Lima Soares	PT	2.091	6,26

<sup>39</sup> Ver quadro 08.

<sup>40</sup> No site oficial de seu filho, o deputado estadual Victor Mendes ([www.victormendes.com.br](http://www.victormendes.com.br)), há a seguinte passagem sobre Filuca Mendes na citada eleição: “Foi eleito com larga vantagem de votos”. Porém, levando em conta o processo de cassação de seu adversário do cargo pretendido por ambos apenas um ano antes, a diferença de votos foi pequena.

Os oito anos em que ficou à frente do executivo municipal propiciou a Filuca a condição de líder da *coalizão* dominante na cidade. Dentre os motivos para tal fato, estavam a saída da vida pública de José Jorge, seu principal rival no seio da *coalizão*, o desgaste da imagem de seu principal adversário político, José Genésio e a reputação de “bom administrador” que o próprio reivindicou para si e que seus partidários propagaram. Tais seguidores exaltavam suas obras, o pagamento em dia do funcionalismo público, etc. Um ponto chama atenção nas falas: a prioridade em trabalhos realizados nos povoados da cidade. Até o ano 2000, poucos tinham energia elétrica, postos de saúde, escola e/ou água potável a disposição dos moradores dessas localidades. Segundo seus partidários, ao fim do seu mandato, Filuca Mendes deixou os povoados com o mínimo de infra-estrutura.

Em 2006, lançou seu filho, Victor Mendes como candidato a deputado estadual. O mesmo obteve mais de 14 mil votos apenas em Pinheiro, totalizando mais de 42 mil votos no pleito. Victor Mendes venceu o filho do principal principal adversário político de seu pai. José Genésio lançou Luciano Genésio, mas não teve êxito.

Filuca Mendes foi o principal cabo eleitoral durante a eleição de 2008. Seu apoio a José Arlindo se candidatar e depois durante a campanha foi fundamental para a vitória deste. Apoiou também alguns candidatos em cidades próximas a Pinheiro. Segundo pessoas ligadas a ele, com isso, tinha o objetivo de alavancar sua candidatura a deputado federal em 2010. Dos candidatos apoiados, quase todos foram eleitos.

Atualmente, por conta dos laços políticos com a família Sarney, Filuca Mendes é secretário de Estado de Cidades e Desenvolvimento Urbano. Tal secretaria foi reorganizada<sup>41</sup> após o retorno de Roseana Sarney (de quem é aliado político de longa data) ao Governo do Estado em 2009.

#### 1.4. A nova geração e a herança política: Victor Mendes e Tony Ferreira<sup>42</sup>

Após as duas eleições de Filuca Mendes como prefeito de Pinheiro, alguns personagens deixaram a vida pública, como José Jorge, outros ainda tem força considerável, caso de José Genésio, e ainda há caso de políticos que participam dos pleitos esporadicamente, como Pedro Lobato.

---

<sup>41</sup> Medida Provisória n° 048 de 23 de abril de 2009.

<sup>42</sup> Luciano Genésio também faz parte desse momento da política pinheirense. Por ser um dos candidatos a prefeito no pleito de 2008, sua apresentação será feita no capítulo 2.

Filuca Mendes, no ano de 2006, lançou seu filho, Carlos Victor Guterres Mendes como candidato a deputado estadual, consolidando assim sua condição de líder político não apenas municipal, como também regional, dando continuidade à trajetória política de sua família.

Victor Mendes é pinheirense e tem 30 anos. Fez seus estudos em Pinheiro até a quinta série no Colégio Pinheirense, concluindo o ginásio e o segundo grau em São Luís, nos colégios Santa Tereza e Dom Bosco<sup>43</sup>. Durante o segundo grau fez intercâmbio cultural na cidade de Michigan, Estados Unidos. Victor Mendes fez Direito no CEUMA, formando-se em 2001. Durante sua vida acadêmica no curso de Direito fez estágio na Defensoria Pública do Estado e no departamento jurídico da companhia Vale do Rio Doce. Ainda como acadêmico de Direito, participou ativamente da militância estudantil, tendo sido um dos fundadores do Centro Acadêmico de seu curso naquela instituição e igualmente membro fundador do Diretório Central dos Estudantes do CEUMA. Em entrevista, Victor destaca sua participação no movimento estudantil, bem como as “fundações” de agremiações:

Tive participação acadêmica forte aqui [em Pinheiro] quando estudei no Pinheirense, no Santa Tereza [São Luís], fundei o Centro Acadêmico de Direito Josué Montello, no CEUMA, que não tinha, que era uma universidade particular e era difícil ter movimento acadêmico né, principalmente há anos atrás onde o estereótipo do aluno de universidade particular era muito negativo, hoje já está um pouco melhor. Eu ajudei a formar o DCE também do CEUMA, então eu já militei um pouco no movimento acadêmico (Victor Mendes, entrevista em 03/09/08).

Participou de forma ativa do governo de seu pai, Filuca Mendes, quando esse foi prefeito de Pinheiro. Sua atuação dava-se na forma de organizador e colaborador de eventos sociais promovidos pela prefeitura e foi durante seis meses procurador geral do município em 2005. Além da atuação como político, é empresário do ramo da comunicação, presidindo o Sistema Pericumã de Comunicação, que conta com uma rádio que transmite frequências AM e FM e duas retransmissoras, dos canais *Rede TV!* e *Rede Record*. Tal Sistema é de propriedade de seu pai.

Suas primeiras experiências na política deram-se nas campanhas em que se avô, Dedeco Mendes, apoiava algum candidato ou seu pai, Filuca Mendes, era o próprio pleiteante. Segundo Victor Mendes, tentava ajudar da forma que conseguisse, fosse “carregando uma bandeira, colando um adesivo ou então colando um car-

---

<sup>43</sup> Ambos colégios particulares de São Luís.

taz”. Essa experiência aconteceu quando ainda era muito jovem, algo entre oito e dez anos de idade.

Essa iniciação na vida política o levou para aquele mundo. Para Victor Mendes seria mais que natural essa identificação com a política, haja vista que desde a infância até a idade adulta ele estava imerso nos embates públicos em nome de sua família:

**acompanhando pai, acompanhando sempre a luta do meu pai que começou na política e aprendi a gostar e conviver nesse meio.** Hoje eu tenho a política como opção não como uma profissão, eu faço política porque eu gosto, porque eu me identifico, porque eu acredito que hoje é um sacerdócio ser político, não é fácil, não é „ah, eu quero ser político” e pronto. **Então eu vivi toda minha infância com isso e hoje aprendi a gostar** (Victor Mendes, entrevista em 03/09/08, Grifos meus).

A naturalidade com o mundo político descrito por Victor Mendes não é um acontecimento isolado. Em estudo sobre as “heranças políticas” no Rio Grande do Sul, Igor Grill (2008c) abordou a questão e destacou que essa precocidade na política, além de ser acionada como um trunfo eleitoral, como uma forma de diferenciação entre os “herdeiros” e seus adversários, é um processo, muitas vezes, iniciado no seio familiar. Segundo o autor,

essa interconexão entre a esfera doméstica e a esfera política acaba incidindo diretamente na forma de conceber a *entrada na política*. Um *continuum* é traçado entre a participação no empreendimento político familiar e a iniciação precoce em atividades políticas (GRILL, 2008c, p. 72).

Atualmente Victor Mendes é filiado ao Partido Verde (PV) sendo seu presidente regional, porém, não é sua primeira filiação partidária. Em 1996 filiou-se pela primeira vez ao Partido Progressista Brasileiro (PPB) saindo apenas em meados da década de 2000 para concorrer ao cargo de deputado estadual pelo seu atual partido.

Nessa eleição, a primeira de sua carreira política, obteve êxito, conseguindo 47.735, ficando na sétima colocação geral do pleito. Em seu reduto eleitoral, a Baixada Maranhense, tinha a concorrência direta de dois adversários políticos de sua família: Penaldon Jorge e Luciano Genésio. O primeiro conseguiu eleger-se com 20.530 votos; o segundo ficou na suplência ao obter 8.609. Em Pinheiro, porém, os números aproximam os candidatos Victor e Luciano: 14.778 votos do primeiro contra 6.541. Assim, Victor consegue em torno de um terço de seus votos em Pinheiro, es-

praiando sua votação pelos municípios vizinhos, enquanto Luciano Genésio tem um número próximo a três quartos dos votos obtidos na cidade. Isso em parte se explica pelas alianças feitas por Filuca Mendes, pai de Victor com prefeitos das cidades vizinhas para que apoiassem seu filho<sup>44</sup>.

Já o processo de transmissão da “herança política”<sup>45</sup> tendo em vista a chamada oposição em Pinheiro, liderada por José Genésio, trabalhou com dois nomes. Além de seu “filho sanguíneo”, Luciano Genésio, que concorreu pela primeira vez em 2006 concorrendo ao cargo de deputado estadual, fez dobradinha com Mário Antonio Ferreira Sá, conhecido popularmente como Tony Ferreira, que pleiteou o cargo de deputado federal, considerado seu “filho político”.

Mário Sá é pinheirense, 42 anos, locutor e comentarista de rádio e televisão, mas não possui curso superior, apenas o ensino médio completo. Apresenta um programa de televisão pertencente à emissora de José Genésio, político local. Teoricamente, o programa é de cunho popular, visando atender problemas de pessoas humildes e denunciar os possíveis erros cometidos pela administração municipal. Na prática, serve para externar as idéias do seu proprietário, veiculando entrevistas de políticos ligados à *facção* que faz parte, matérias com vertentes políticas, etc.

A popularidade que Tony Ferreira adquiriu com o programa deu a possibilidade de ser candidato ao cargo de vereador em 2004. À época filiado ao PSDB, venceu as eleições, conseguindo 1.607 votos, sendo apoiado na campanha pelo candidato a prefeito Pedro Lobato.

Afilhado político<sup>46</sup> de José Genésio, em 2006, candidatou-se a deputado federal. Fez dobradinha com Luciano Genésio, candidato a deputado estadual. Teve como principal adversário político aos votos da região da Baixada Maranhense e por consequência do município de Pinheiro, José Sarney Filho. No computo geral, obte-

---

<sup>44</sup> Marc Abélès emprega três níveis de análise ao estudar os laços de parentesco no processo de legitimação política: local, regional e nacional. Sobre o segundo nível, regional, enfatiza o pertencimento de políticos com prestígio local a redes mais amplas. Uma vez que “o espaço político e o espaço regional misturam-se em redes interconectadas [...] membros de uma família localmente prestigiosa pertencem, simultaneamente a uma rede maior cujas ramificações ultrapassam os limites da cidade”. Assim, “pode-se qualificar „elegível” aquele que é filiado a uma rede política de parentes e aliados” (1992, p. 87).

<sup>45</sup> Ainda segundo Marc Abélès, acerca dos vínculos políticos e os laços de parentesco, em nível local, destaca a “importância da transmissão em linha direta de um verdadeiro **patrimônio político** [isto é] a memória das posições políticas que ocuparam os diferentes ascendentes, mas igualmente um elemento ideológico, distintivo que é possível transmitir pelo parentesco” (ABÉLÈS, 1992, p. 82, grifo meu).

<sup>46</sup> Sobre os termos que aproximam o universo familiar do político, tal como “afilhado político”, ver estudo de Carl Landé (1977), Letícia Canêdo (1997) e Igor Grill (2008b). Todos trabalham as metáforas utilizados pelos políticos fazendo referências às lógicas familiares.

ve 22.141 votos, sendo 14.981 na cidade de Pinheiro, ou seja, pouco mais de dois terços. Em comparação, Sarney Filho teve 7.205 votos. Tendo como norte o número total de eleitores votantes na cidade naquela eleição, 35.357, Tony Ferreira conseguiu 42% dos votos e Sarney Filho 20%.

Os demais municípios onde seu resultado foi acima de um mil votos foram Presidente Sarney (3.129) e Palmeirândia (1.378). Tais números, porém, não foram suficientes para que Tony Ferreira conseguisse sua eleição, ficando como suplente.

Nessa eleição foi apoiado pelo então governador do estado, Jackson Lago em nível estadual e por José Genésio e Pedro Lobato, ambos ex-prefeitos. Segundo informações colhidas em conversas com amigos de Tony Ferreira, seu objetivo nessa eleição era alavancar seu nome visando a disputa municipal de 2008 pelo PDT, apoiado por José Genésio e pelo governador do estado, para o qual fez campanha em Pinheiro em 2006. Porém, a entrada no jogo político local de Dr. Léo impediu a candidatura, uma vez que ambos eram filiados ao PDT e o partido escolheu o segundo. Tony tinha a possibilidade de ser candidato a vice ou a vereador, mas preferiu ausentar-se do pleito por dois motivos: primeiramente, sendo candidato a vice na chapa de Dr. Léo, estaria aceitando a subordinação a um “estrangeiro”, como era tratado Dr. Léo; segundo, sendo candidato a vereador, teria muitos votos e elegeria alguns adversários políticos, mesmo que do mesmo partido. Assim, preferiu lançar sua filha, Layanna Ferreira como candidata a vereadora por um partido pequeno (Partido Humanista da Solidariedade), arriscando sua eleição a eleger adversários políticos. A estratégia deu certo, haja vista Layanna Ferreira ter sido a candidata mais votada no município no pleito de 2008, obtendo sua eleição com 2.478 votos.

#### 1.5. Notas finais sobre as trajetórias de políticos pinheirenses

Após o exposto, as trajetórias de alguns personagens de destaque na política local, percebe-se algumas recorrências entre eles. Primeiramente, levando em conta as duas primeiras “gerações”, formadas por Manoel Paiva, Dedeco Mendes, José Genésio, Filuca Mendes, José Jorge e Pedro Lobato, os dois primeiros não tinham curso superior. Para o momento, tal recurso não era destaque no mundo político local. Já os quatro últimos, todos tem cursos superior em áreas técnicas: medicina (Pedro Lobato), administração de empresas (José Genésio) e engenharia (Filuca Mendes e José Jorge). Tais personagens iniciam suas trajetórias políticas “por ci-

ma”, tendo como cargo mínimo de iniciação da vida pública o de prefeito, com a ajuda de alguma família já com seu capital social e político consolidado<sup>47</sup>. Porém, alguns adentram na esfera política como deputado estadual, como o caso de José Jorge e José Genésio. De todos os perfis detalhados, apenas Dedeco Mendes e Manoel Paiva começaram pela vereança.

Outro ponto em comum são os cargos de confiança ocupados por alguns na esfera pública. José Jorge trabalhou na Companhia Energética do Maranhão (CEMAR), Filuca Mendes no Departamento Nacional de Estradas e Rodagens (DNER) e Pedro Lobato foi secretário de saúde do município. A administração pública também serviu como porta de entrada para alguns dos políticos como Victor Mendes, ao assumir a procuradoria geral do município de Pinheiro, quando seu pai era prefeito em 2005. Além das características acima, dois dos três sistemas de comunicação existentes na cidade estão vinculados a políticos locais, Filuca Mendes e José Genésio, o que expõe o poderio obtido por eles ao longo dos anos proveniente da política.

Além das similaridades supracitadas, vários dos políticos acima, casos de José Jorge, Manoel Paiva, Pedro Lobato, Filuca Mendes, Luciano Genésio, Victor Mendes e Layanna Ferreira, viveram suas infâncias e adolescências em meios políticos. Diversos textos<sup>48</sup> abordam a iniciação do político dentro do seio familiar e que

---

<sup>47</sup> Tal ocorrência de trajetórias políticas iniciadas “por cima” não é isolada no contexto maranhense. Em estudo comparativo entre deputados federais dos estados do Rio Grande do Sul e Maranhão, Grill (2008b) evidencia, por exemplo, que 50% dos deputados federais maranhenses entre os anos de 1945 e 2006 adentraram o universo da política por cargos políticos administrativos (não-eletivos), enquanto que no estado sulista, esse número é de 25%. Em se tratando dos primeiros cargos eletivos ocupados, 80% dos pesquisados iniciam suas carreiras como deputados (44% federais e 36% estaduais). Já no Rio Grande do Sul, pouco mais de 50% iniciam sua trajetória “por cima”.

<sup>48</sup> Ainda sobre a internalização das práticas políticas, Philippe Garraud (1992) demonstra que certas “vocações” de candidatos eleitos, foram na verdade “familiarizadas e valorizada, permitindo assim a aquisição de uma pré-disposição” (p. 220). O autor expõe o caso de um político que tinha na família o avô e o pai como políticos. Sobre o avô, dizia que lhe deu “lições de humanismo, o socialismo, o direito dos homens”. Quando de sua morte, a cremação do corpo aconteceu em uma floresta de bandeiras vermelhas. Segundo o entrevistado “naquela idade, aquilo marcou muito...” (p. 220). Outros estudos demonstram empiricamente esse processo de internalização, pelas mais diferentes vias. Barreira (2006) demonstra a participação da filha de um político morto em campanhas eleitorais após seu assassinato; Grill (2008c) ao discorrer sobre diversos políticos gaúchos, demonstra como grande parte deles valoriza a precocidade em participações políticas. Segundo o autor, “para os entrevistados, o início da atividade política consiste em uma gradação de funções determinadas pelo círculo familiar [...] a idéia de trajeto peculiar de formação de um político” é desenhada. Uma “infância” ímpar é seguida por uma “adolescência” repleta de marcas de afirmações políticas” (p. 72-3). Por fim, cito o caso estudado por Karina Kuschner (2000), sobre a família Silveira, no Rio de Janeiro, mais destacadamente a herdeira do patrimônio político familiar, Marta Silveira. A autora assim descreve o momento de preparação da candidata: “Para dar continuidade à carreira do pai, Marta tinha a seu favor vários anos de treinamento informal. Como *filha de deputado*, ela havia convivido desde criança com campanhas, mandatos, partidos, perseguições políticas, disputas e alianças. Embora inicialmente não

a “vocação política” pouco ou nada tem de “natural”. Letícia Canêdo no texto *Estratégias familiares na produção social de uma qualificação política* (1991) revela que a “vocação” é a “internalização de um sistema de categorias, de percepções, de pensamentos e de ações continuamente confirmados e legitimados pelas práticas levadas a bom termo pelos descendentes de antigas famílias de políticos” (p. 222). Nesse sentido, segundo a autora,

A criança desde cedo vê desfilar em casa os mais diversos visitantes, de políticos a solicitadores, denominados “protegidos” da família. Faz parte da sua vida particular dos acontecimentos sociais locais, nos quais percebe os olhares dos presentes sobre o seu grupo familiar. Cumprimentar convidados, parentes e amigos, aprender a sorrir, deixar brinquedos e freqüentar festas de casamentos na roça, escutar distraidamente conversações de políticos, acompanhar o trabalho entre os eleitores e a “elevação da temperatura” na vida familiar às vésperas das eleições, perceber os pequenos cuidados necessários para dominar os detalhes do jogo básico do homem político, **tudo isso faz parte da conduta regular de uma criança** e representa a forma de capital mais importante dentre todas as que constituem investimento para o sucesso na carreira política (CANÊDO, 1991, p. 232. Grifo meu).

No entanto, e aliado ao exposto, a transmissão do patrimônio político familiar é fato de destaque entre os políticos pinheirenses. A maior parte dos personagens envolvidos naquele jogo tinha ou tem um herdeiro para transmitir o legado político de sua família. Os Mendes estão na terceira geração de políticos; José Genésio faz-se representar nos pleitos através de seu filho, Luciano Genésio ou pelo seu afilhado político, Tony Ferreira, que por sua vez, conduziu sua filha, Layanna Ferreira as campanhas eleitorais; Pedro Lobato, após seu casamento com a filha de Dedeco Mendes, transmite sua herança política a seu sobrinho, Fred Lobato – vale lembrar que Pedro Lobato pertence a uma família de políticos, porém, de outra cidade; José Jorge e Manoel Paiva receberam a herança política de suas famílias, porém, não transmitiram tal herança a nenhum herdeiro.

Percebe-se assim que as relações entre a elite política em Pinheiro é permeada de laços de parentesco e que, ter ou não uma herança política a receber ou a transmitir, é fundamental para o sucesso em eleições na cidade, como será exposto no transcorrer da dissertação.

---

seguisse de perto os passos do pai, **Marta cresceu aprendendo aqui e ali a gramática da vida política**” (p. 58. Grifo meu).

## **2. Velhas raposas e um estranho no ninho: José Arlindo, Luciano Genésio, Dr. Léo e o “continuismo” na política em Pinheiro**

O foco deste capítulo será a exposição dos três candidatos a prefeito que se apresentaram no pleito em 2008. Farei uma apresentação dos candidatos nesse ponto do trabalho, destacando suas origens sociais, trajetórias profissionais e/ou políticas e suas percepções do jogo político local, bem como os trunfos acionados por cada um na campanha e as desqualificações feitas pelos adversários.

Desde meados da década de 80, as disputas eleitorais no município eram monopolizadas por duas candidaturas: uma ligada à família Mendes e a outra vinculada a José Genésio. Como exposto no capítulo anterior, no pleito de 2008, ambas tiveram representante na disputa. Os Mendes apoiaram a candidatura de José Arlindo, então vice-prefeito da cidade e José Genésio lançou como candidato seu filho, Luciano Genésio. Porém, diferentemente do que vinha acontecendo ao longo dos últimos 20 anos, uma terceira coalizão dividiu as atenções dos eleitores no pleito. Sob a liderança do candidato Leonaldson Castro, mais conhecido como Dr. Léo, o espaço de concorrência foi modificado com sua entrada no jogo político.

Partindo do princípio de que todos tinham pontos a serem atacados, exporei algumas variáveis relativas aos candidatos tentando, entre outras questões, perceber o porquê de um candidato ser colocado como “estrangeiro”, no caso, Dr. Léo, mesmo tendo nascido na cidade. As variáveis destacadas aqui serão: as origens sociais dos candidatos, seus graus de escolaridade e por fim o tempo que fazem parte do mundo da política. Objetivo, dessa forma, evidenciar o processo de especialização política no que concerne aos candidatos a prefeito de Pinheiro, bem como identificar o fator que permite a desqualificação de um agente no jogo político.

Tal como Coradini (2001), não pretende-se aqui marcar um indicador socio-gráfico enquanto um recurso de legitimação eleitoral, uma vez que para suas utilizações é necessário “que se compreenda as condições de sua reconversão em recursos eleitorais e os significados que podem adquirir nessa esfera”. Ainda segundo o autor,

não é a condição de pertencer a determinada unidade geográfica, profissão, condição social ou a outra classificação qualquer o que está em pauta, mas sim os códigos culturais e políticos que informam e dão sentido a essa interpretação eleitoralmente interessada daquelas classificações (CORADINI, 2001, p. 10).

A coleta de informações que possibilitaram a pesquisa foi feita essencialmente com entrevistas com os candidatos José Arlindo e Leonaldson Castro. Com relação ao candidato Luciano Genésio, a pesquisa baseia-se em informações colhidas nos programas do Horário Eleitoral Gratuito, materiais impressos de campanha e no site do Superior Tribunal de Justiça, haja vista que não consegui entrevistá-lo.

Como citado, as informações privilegiavam três dimensões de análise. Com as origens sociais dos candidatos, objetivou-se perceber a valorização de certos atributos, como o vínculo com a cidade e o grau de escolaridade; no que tange suas trajetórias políticas e profissionais, destaca-se o prévio exercício de liderança nas mais diferentes esferas pelos agentes e a possível reconversão desse recurso enquanto trunfo de campanha, quando e como deu-se o ingresso no universo da política, as instituições partidárias pelas quais já foi filiado e suas participações na administração pública; por fim questionou-se os entrevistados acerca de suas formas de atuação na política, percepções das candidaturas adversárias e sua equipe de campanha, como foi formada, há quanto tempo conhece os membros que a compõem, os vínculos que os unem entre outras dimensões. Porém, antes da apresentação dos agentes, convém expor o panorama pré-eleitoral.

O processo de escolha dos candidatos para o pleito de 2008 foi menos pacífico que em eleições anteriores. Dentre aqueles que pleiteavam o apoio do então prefeito Filuca Mendes estavam diversos aspirantes como vereadores<sup>49</sup> e o vice-prefeito; entre os adversários dos Mendes, por sua vez, tudo caminhava para um nome de consenso, até a entrada de um novo personagem no jogo político local.

Os problemas da *coalizão* liderada por Filuca Mendes com relação ao lançamento de um candidato decorreram do fato dele próprio não poder ser candidato, haja vista já ter sido reeleito, de seu filho ser deputado estadual e da impossibilidade legal de lançar algum parente. Assim, estava aberta a disputa *intra-faccional* para a condição de candidato da *coalizão*. Como tal *facção* estava alinhada com o “grupo Sarney”, seria necessário uma concordância entre as partes, ou seja, tanto entre os líderes em nível municipal e estadual, como entre os partidos que fizeram parte da

---

<sup>49</sup> Os vereadores que tinha pretensões de serem candidatos a prefeito eram Gilmar Soares (PV), então presidente da Câmara de Vereadores e Stélio Cordeiro (DEM), que na eleição de 2004 foi um dos candidatos a vereador mais votado.

coligação. Após diversos embates, o nome de José Arlindo foi lançado por Filuca Mendes em detrimento de José Jorge, o preferido de José Sarney.

Em se tratando da candidatura rival, a inserção de Leonaldson Castro (Dr. Léo) no jogo local modificou o panorama das disputas. Tal alteração ocorreu em virtude do interesse do então governador na candidatura à prefeitura pelo PDT (Partido Democrático Trabalhista) local.

Aproximadamente um ano antes do início do período eleitoral, foi formada a *Frente de Libertação de Pinheiro*<sup>50</sup>, aliança entre os adversários políticos da família Mandes. O acordo seria que, durante o ano de 2008, várias pesquisas seriam feitas, onde o melhor colocado seria o candidato oficial da *Frente*. Na imagem abaixo, diversos personagens que compunham a *coalizão*.



**Ilustração 07:** *Frente de Libertação de Pinheiro* em março de 2008

Na imagem acima, dos 22 presentes na foto, 16 tinham ligações com a política local. Elenco a seguir cada um dos dezesseis:

- Lauber Jorge: enfermeiro, filiado ao Partido dos Trabalhadores;
- Geraldo Júnior: ex-vereador do município que sofreu processo de cassação de mandato. Candidatou-se a vereador em 1996 ao lado de Filuca Mendes, mas migrou

<sup>50</sup> O conjunto de políticos nomearam tal aliança de *Frente de Libertação de Pinheiro* em alusão à *Frente de Libertação do Maranhão*, movimento liderado pelos ex-governadores do Maranhão, Jackson Lago e José Reinaldo Tavares, nas eleições estaduais de 2006, quando disputaram o pleito com Roseana Sarney.

para a *coalizão* de José Genésio após a vitória deste no pleito. Sua mulher, Suzane Cordeiro<sup>51</sup> candidatou-se nas eleições de 2004, sem êxito;

- Jovane Melo: até então, assessor do ex-vice governador do Maranhão, Luís Porto;
- Pastor Lobato: apoiou Dr. Léo na campanha, porém, atualmente, faz parte da equipe de governo de José Arlindo e exerce o cargo de superintendente de trânsito municipal;
- João Rodrigues: faz oposição à família Mendes há muitos anos;
- Tony Ferreira: suplente de deputado federal;
- César Soares: candidato a prefeito em 2004 pelo Partido dos Trabalhadores;
- Sinval Marques: candidato a vereador em outras eleições pelo PT;
- Eri Castro: irmão de Dr. Léo;
- Luciano Genésio: filho de José Genésio;
- Sinval Moreira: também opositor dos Mendes de longa data;
- Pedro Lobato: ex-prefeito em duas oportunidades;
- Dr. Léo: pré-candidato a prefeito;
- Valdomiro Magno: filiado ao PDT. Valdomiro sempre esteve ao lado da família Mendes. No entanto, em 2008, haja vista sua filiação partidária, rompe com seus antigos aliados e vincula-se à *Frente de Libertação de Pinheiro*;
- Zezinho de Dácio: foi eleito vereador com o apoio de Filuca Mendes em 2000, mas rompeu com ex-prefeito e aliou-se a Pedro Lobato;
- Edmilson Silva: líder comunitário que até 2006 era aliado da família Mendes. Na eleição daquele ano para deputado estadual, apoiou Penaldon Jorge e não Victor Mendes. Em março 2008, esteve junto com a *Frente de Libertação*. Já no período de campanha, voltou a estar ao lado do candidato apoiado pela família Mendes.

Segundo o conteúdo da matéria do jornal *Folha de Pinheiro*, a reunião em voga serviu para definir os critérios de escolha do candidato a prefeito pela oposição: “serão realizadas, ainda no primeiro semestre, três pesquisas que serão fundamentais para a escolha do candidato. Escolhemos critérios políticos e democráticos para a escolha do candidato” (Jornal Folha de Pinheiro, março de 2008).

Um nome esteve sempre bem colocado em todas as pesquisas, Tony Ferreira. Porém, diversas discordâncias decorreram das pesquisas, em que os candidatos

---

<sup>51</sup> Suzane Cordeiro é irmã de Stélio Cordeiro e prima de Paulinho Castro, ambos vinculados politicamente à família Mendes.

perdedores não aceitaram tal condição. Dr. Léo foi um deles. Como ambos eram filiados ao PDT, Dr. Léo foi o escolhido pelo comando do partido em nível municipal. Segundo Tony Ferreira, em entrevista ao programa *Agito X*, veiculado na *Rede Bandeirantes*, mantida por José Genésio no município, os candidatos a vereador Enézio Ribeiro, conhecido como Nézio e Edinildo Rodrigues insistiram com os representantes do PDT estadual para que houvesse uma convenção municipal para confirmar o nome de Tony Ferreira como candidato a prefeito de Pinheiro. Tal evento, ainda segundo Tony Ferreira, serviria como uma manobra para tirá-lo da condição de candidato a prefeito, sendo substituído por Dr. Léo.

Após a “traição”<sup>52</sup>, o então pré-candidato afirmou que

não me restava outra alternativa a não ser lançar minha filha como candidata [...] se eu quisesse ser o candidato a vereador mais votado do Maranhão, hoje eu estava lá junto com os traidores, com minha eleição garantida. Mas eu tinha que puxar pelo braço o vereador Nenenénananá<sup>53</sup> que está enterado e dificilmente se reelege e eu tinha que puxar pelo braço o principal traidor [Edinildo]. Me elegia, mas puxava pelo braço meu principal traidor. Minha dignidade, minha responsabilidade, meu compromisso é mais forte e não permitiram. Ou seja, eu fico sem o mandato, mas não fico sem minha dignidade, sem meu caráter, sem minha honra (Tony Ferreira em entrevista ao programa *Agito X*, Rede Bandeirantes, setembro de 2008).

Aliado ao interesse do PDT em apoiar um candidato em Pinheiro nas eleições de 2008, as ligações de Dr. Léo com o então governador do Maranhão Jackson Lago eram intermediadas pelo seu irmão, Eri dos Santos Castro, amigo da família La-

<sup>52</sup> Sobre a “traição” na política, ver “*Quando o inimigo te abraço com entusiasmo...*”: *etnografia de uma traição* (1998), dos autores Mauricio Fernando Boivin, Ana Rosato e Fernando Alberto Balbi. No estudo, é abordada a “traição” política na eleição municipal de uma pequena cidade litorânea da Argentina. Julio Solari e Moncho Córdoba eram membros do Partido Justicialista. Solari, ao vencer as eleições de 1987 leva Moncho para ser membro de seu governo, o seu “homem de confiança” na Direção Municipal de Pesca. Nos anos que seguiram, Moncho tornou-se um forte cabo eleitoral de Solari, além do fortalecimento dos laços de amizade entre eles, o que acalentou seu desejo de ser candidato a vereador em eleições posteriores. Em 1995, Solari não indicou Moncho, que alia-se com um adversário de seu mentor, Esteban Carbonari, para as prévias do partido. Julio Solari vence as prévias e lança como candidato a prefeito Venancio Simoni. Seu rival foi Nardo Liporacce, da União Cívica Radical, que venceu o pleito após diversos boicotes liderados por Moncho Córdoba e Esteban Carbonari. Questões como honra, caráter, lealdade, entre outros valores morais são discutidos pelos autores tendo em vista a aliança feita entre Moncho e Carbonari para prejudicar a campanha de Solari. Interessante o caso argentino, pois, tal como em Pinheiro, o “traidor”, Moncho, era acusado de não possuir vínculos com a cidade. Segundo os autores, “faltava a Moncho raízes locais [...] Moncho não estava inserido na rede de relações de parentesco [...] A maioria dos cabos eleitorais nasceu e cresceu, se não no bairro onde atuava, pelo menos na cidade, e possuía vínculos de parentesco entre si e, às vezes, com seus chefes políticos” (1998, p. 40).

<sup>53</sup> Na entrevista, Tony Ferreira afirmou que não podia falar nomes, uma vez que seus adversários políticos poderiam processá-lo por algo que dissesse. “Nenenénananá” é uma referência a Enézio Ribeiro.

go<sup>54</sup> e pelo seu candidato a vice-prefeito, Jovane Melo, filiado ao PPS e assessor do vice-governador do estado à época das eleições, Luiz Porto. Tais vínculos foram decisivos na escolha de Dr. Léo enquanto candidato a prefeito.

Após o fim da *Frente de Libertação*, duas *facções* foram formadas tendo em vista a eleição municipal. Dos acima citados, Lauber Jorge, Pastor Lobato, João Rodrigues, César Soares, Sinval Marques, Valdomiro Magno, Edmilson Silva e Zezinho de Dácio aliaram-se a Dr. Léo; já Pedro Lobato, Geraldo Júnior e Tony Ferreira e prestaram apoio a Luciano Genésio.

Esse fator novo nas eleições pinheirenses em 2008, a entrada de um novo personagem no jogo político local, mudou o panorama eleitoral da cidade que se mantinha inalterado há alguns anos, ou seja, duas *facções* digladiando-se na busca pelo comando do executivo municipal. Dessa forma, Dr. Léo, liderou uma terceira durante o processo eleitoral em Pinheiro.

Tendo como maior apoiador à sua candidatura o governador do Estado do Maranhão, Jackson Lago, Dr. Léo possibilitou a *reconfiguração* do quadro político da cidade. Porém, foi colocado na condição de “estrangeiro” por seus adversários pelo fato de, mesmo tendo raízes familiares em Pinheiro, não ter vivido na cidade.

Após o exposto, apresentarei os candidatos a prefeito da cidade, buscando visualizar os trunfos utilizados por eles para se auto-afirmarem naquele jogo político, bem como as desqualificações que foram lançadas sobre eles pelos adversários.

## 2.1. A raposa: José Arlindo

O candidato da situação, ligado à família Mendes, José Arlindo Silva Sousa foi escolhido após uma série de controvérsias dentro de sua própria *facção* política. A princípio, José Jorge seria o candidato indicado por José Sarney. Porém, Filuca Mendes insistiu para que seu vice, José Arlindo, fosse o candidato. Aberta uma disputa, seguiram-se algumas rodadas de negociações visando a solução do impasse. Segundo informantes próximos de Filuca Mendes, esse abriria mão do seu candidato se José Sarney Filho “transferisse” seus votos de deputado federal na Baixada Maranhense para aquele. Tal proposta foi recusada, possibilitando assim a candidatura de José Arlindo.

---

<sup>54</sup> Eri Castro estudou no Colégio Marista junto com Igor Lago, filho de Jackson Lago. Além disso, foram contemporâneos de movimento estudantil secundarista.

O candidato é pinheirense, tinha 51 anos à época da eleição, nascido em Ponta Branca, povoado às margens do Rio Pericumã – que corta a cidade – e filho de pessoas humildes da localidade. Seus pais, um músico e uma doméstica, não participaram da vida política do município, sendo ele o primeiro da família a exercer um cargo eletivo. Na eleição de 2008, representava a coligação *O melhor para Pinheiro!*, formada por seis partidos: Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB), Democratas (DEM), Partido Progressista (PP), Partido Verde (PV), Partido Trabalhista Nacional (PTN) e Partido da República (PR).

Antes de dar prioridade aos estudos, exerceu por muitos anos a profissão de pescador. Por um longo período foi líder comunitário e é presidente de honra da associação da colônia de pescadores do município desde 1998. Essa liderança prévia foi fundamental para sua inserção no mundo da política, sendo aquela sua base eleitoral. Segundo o próprio candidato, porém, sua profissão é professor. Lecionou por alguns anos na rede municipal de ensino. Essa experiência na área da educação não teve destaque durante a campanha, mas sim os anos em que foi pescador.

Toda sua carreira escolar foi feita no município de Pinheiro, com exceção do curso de nível superior. Possui curso técnico de contabilidade, curso superior de Geografia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), de Ensino Religioso pela Faculdade Assembleiana de Ensino Religioso (FASSEM) e atualmente é acadêmico de Direito pela Faculdade Santa Terezinha (CEST).

Sua carreira política teve início em meados dos anos de 1980, quando filiou-se ao PDT, com 29 anos, partido pelo qual candidatou-se ao cargo de vereador em 1988, saindo derrotado, com cerca de 200 votos. José Arlindo afirma que tal candidatura, apesar da derrota

foi uma experiência muito boa, uma experiência de 86, há mais de vinte anos atrás [...] eu entrei como candidato só porque eu tinha vontade [...] mas eu não tinha ainda conhecimento nem experiência suficiente pra realmente disputar, eu não estava preparado essa que é a grande realidade [...] foi uma experiência excelente, foi muito válida, porque eu tive oportunidade de como candidato na época saber como funciona a política, várias carências do nosso povo, das comunidades, nossos bairros, isso foi um aprendizado muito bom, que mesmo eu não tendo sido eleito, que foi até bom eu não ter me eleito na época, mas eu ganhei muito com isso (José Arlindo, entrevista em 01/09/2008)

A partir desse momento, segundo o então candidato, houve um período de preparação para sua inserção no mundo da política, visando outras eleições. As

mudanças de partido político nesse ínterim decorreram, segundo o próprio, de incompatibilidade de idéias com os mesmos. Após a filiação ao Partido Democrático Trabalhista (PDT), passou pelo Partido Trabalhista do Brasil (PT do B), PRTB até chegar ao Democratas (DEM) antigo Partido da Frente Liberal (PFL). Filiou-se a esse último por conta da candidatura a vice em 2000. Exerceu o cargo de presidente local tanto do PDT como do PT do B quando da sua participação nos referidos partidos. Esse momento de preparação do candidato serve para ilustrar o processo exposto por Pierre Bourdieu, no qual afirma que

nada é menos natural do que o modo de pensamento e de acção que é exigido pela participação no campo político: como o habitus religioso, artístico ou científico, o habitus do político supõe uma preparação especial. É, em primeiro lugar, toda a aprendizagem necessária para adquirir o corpus de saberes específicos (...) produzidos e acumulados pelo trabalho político dos profissionais do presente e do passado ou das capacidades mais gerais tais como o domínio de uma certa linguagem e de uma certa retórica política, a do *tribuno*, indispensável nas relações com os profanos, ou a do *debater*, necessária nas relações entre profissionais. Mas é também e sobretudo essa espécie de *iniciação*, com as suas provas e os ritos de passagem, que tendem a inculcar o *domínio prático* da lógica imanente do campo político (BOURDIEU, 2004, p. 169).

Esse período de preparação coincidiu com sua formação escolar. Para José Arlindo, as duas coisas estavam interconectadas. Esse período foi até o ano 2000, quando compôs a chapa majoritária na cidade, ao lado de Filuca Mendes. Segundo ele, seu objetivo era concorrer ao cargo de vereador, sendo o líder<sup>55</sup> e representante da colônia de pescadores, mas o convite mudou seus planos:

essa experiência de ter sido candidato em 88, não fui eleito, agradeço inclusive por isso mais uma vez. Pra mim foi muito gratificante eu vi que naquele momento eu não estava preparado pra exercer nenhum tipo de cargo dessa magnitude, então a partir daí eu comecei a me preparar e uma das metas que eu tracei foi uma formação superior [...] foi buscar mais espaço nas comunidades, com entidades de classe, e a partir daí me preparei. Consegui esse espaço, consegui uma formação superior, me preparei realmente pra ser candidato a vereador no ano de 2000 e aí surgiu a oportunidade em 2000 de não ser só candidato a vereador, mas ser candidato a vice-prefeito, pelo trabalho que a gente vinha desenvolvendo junto à colônia de pescadores, junto às entidades, outras entidades de classe, junto às comunidades. **Então isso me credenciou**, que eu estava preparado, convicto de que ia candidato a vereador mas me senti na oportunidade por esse trabalho que a gente já vinha desenvolvendo, [...] **Surgiu essa oportunidade de ser candidato a vice-prefeito na chapa**. Graças a Deus deu certo, nós fomos can-

<sup>55</sup> Odaci Coradini alerta para a associação espontânea entre a condição de “líder” e as “qualidades” que possibilitam uma candidatura. Segundo o autor, tal ocorrência “não significa, no entanto, que haja equivalência direta entre a condição de „líder” e a ocorrência de candidatura” (CORADINI, 1998, p. 99).

didato ao lado do prefeito Filuca, fomos vitoriosos e bem ai começa a trajetória política de Zé Arlindo (José Arlindo, entrevista em 01/09/2008. Grifos meus).

A passagem acima, além da associação entre a necessidade da formação escolar para a inserção no universo da política, evidencia a inserção do agente em espaços visando uma futura eleição. Ao afirmar que buscou espaço em comunidades e a desenvolver trabalhos em colônia de pescadores e entidades de classe, José Arlindo enfatiza sua relação com espaços próximos as suas origens sociais.

Ao destacar a “oportunidade de ser candidato a vice-prefeito”, José Arlindo valoriza todo o investimento feito na preparação para ser vereador em 2000. Porém, a elevação de candidato a vice e não mais para vereador parece uma cooptação política dentre aqueles que pleiteariam uma vaga na Câmara de Vereadores. Sobre esse método, Philippe Garraud (1992) afirma ser “um modo de recrutamento particular, resultante de uma seleção interna e prévia ao jogo dos mecanismos eleitorais que vem ratificar ou legitimar uma escolha anterior” (p. 226). Já em 2008, Filuca Mendes transmite sua herança política a José Arlindo, herança esse que pode ser transmitida de forma não familiar, como o caso exemplifica. Essa transmissão acontece após o processo de cooptação acima exposto.

O espaço concedido ao candidato no Horário Eleitoral Gratuito também destacava suas origens e o fato de sua ligação com a cidade. As referências ao município eram constantes, como se pôde perceber em vídeos veiculados durante a programação local:

**Pinheiro, verdes campos e uma paisagem exuberante. A serenidade das águas.** A garantia de um futuro melhor no sorriso de **quem nasceu e cresceu nesta terra** abençoada, de quem fez parte de uma história de transformação, de quem vai continuar a fazer de Pinheiro um município onde cada habitante tenha o orgulho de aqui viver e ser feliz. (HEG de José Arlindo. Grifos meus).

**Ele não é doutor.** Nunca teve pai rico. Jamais se utilizou de oportunidade alguma para exhibir seus conhecimentos. **Um homem humilde**, trabalhador, gente de confiança. **Um pinheirense igual a tantos pinheirenses. Ele é simplesmente Zé.** Zé Arlindo, o Zé que Pinheiro quer (HEG de José Arlindo. Grifos meus).

Dessa forma, seus principais atributos durante a campanha foram a experiência administrativa adquirida em dois mandatos como vice-prefeito e o conhecimento que tinha da cidade, sendo “nascido e criado” em Pinheiro. Como contraponto, os

constantes ataques dos adversários eram direcionados para uma possível submissão a Filuca Mendes, representando assim o “continuísmo”.

Eu vejo que um prefeito, a principal qualidade é conhecer realmente o município que ele quer dirigir, que ele quer ser prefeito [...] Eu nasci aqui, cresci aqui, conheço Pinheiro de ponta a ponta, conheço todos os bairros, todas as comunidades, inclusive agora mesmo domingo, dia 31, nós encerramos a visitação em todos os povoados de nosso município. Então isso credencia a ter o conhecimento que nós temos, nós sabemos todos os problemas que as comunidades possuem, que os bairros possuem e nós estamos preparados pra resolvê-los (José Arlindo, entrevista em 01/09/2008)

Meus dois adversários representam o continuísmo, eles representam exatamente o continuísmo, eles representam o continuísmo de grupos políticos que já estiveram no poder ou que estão no poder e que no meu entender, infelizmente não construíram uma agenda propositiva e de fato não resolveram os problemas aqui desses grupos e que esses grupos diziam que vieram para resolver. Então, exatamente por isso eu acho que são candidaturas não autênticas que não trazem de maneira nenhuma uma roupagem nova e que de fato estão a serviço do continuísmo de seus chefes políticos. Como por exemplo, o Zé Arlindo, ele por oito anos foi vice do prefeito Filuca, daí ser um continuísta da política do Filuca (Entrevista com Dr. Léo em 14/08/2008).

Nos trechos acima, respectivamente de José Arlindo exaltando suas qualidades e de Dr. Léo, desqualificando aquele, é importante destacar que José Arlindo aciona suas origens e seu conhecimento dos problemas da cidade. Sua experiência como vice-prefeito também é ressaltada em diversos momentos na campanha, mas em poucos ele associa-se a Filuca Mendes. Seus adversários, no entanto enfatizavam essa união, criticando a relação, entendendo que a política não mudaria. Termos como “continuísmo” foram recorrentes.

### 2.1.1. A equipe de campanha do candidato

Nesse ponto da dissertação, serão apresentados dois casos de *agentes* que compunham a equipe de campanha do candidato José Arlindo. Entre seus diversos membros, dois não tinham vínculos com o município: o coordenador jurídico, Diego Moura, e a coordenadora de marketing, Flávia Regina. Sendo ambos especialistas em suas áreas e com destacada atuação na esfera política, a contratação dos dois reflete um processo de profissionalização do espaço político, transformação essa que exige a especialização cada vez mais necessária em suas atividades profissionais (PHÉLIPPEAU, 2001). No entanto, mesmo que a profissionalização seja cada

vez mais perceptível em campanhas eleitorais, a personalidade ainda pauta as relações entre os profissionais contratados e seus empregadores.

O coordenador do setor jurídico da campanha de José Arlindo, Diego Moura, tem 26 anos, é natural de Imperatriz e iniciou três cursos superiores: Ciências contábeis na UFMA, Administração de empresas, na UEMA, e Direito, na Faculdade São Luís, sendo esse último o único concluído. É filho de José Moura Ferreira, que ocupou o cargo de secretário municipal de administração em duas cidades: Imperatriz em duas oportunidades e Pinheiro uma vez, no primeiro mandato de Filuca Mendes (2001-2004). A aproximação entre Filuca Mendes e José Moura foi intermediada por José Jorge, uma vez que o ex-secretário municipal de Pinheiro já exercera cargo de diretor da Companhia Energética do Maranhão, CEMAR, em Imperatriz. Como exposto no capítulo 1, José Jorge sempre ocupou cargos diretivos na mesma companhia. Assim, o trabalho na instituição de ambos propiciou o contato entre eles, o que levou ao contato de José Moura com Filuca Mendes.

Seu filho, Diego, foi estagiário do setor jurídico na campanha municipal de 2004, quando Victor Mendes era o advogado da coligação. O elo foi mantido e nova oportunidade foi concedida a Diego Moura no pleito que elegeu Victor Mendes deputado estadual em 2006. Em 2008, foi o advogado principal de uma campanha pela primeira vez. Em sua trajetória profissional constam diversos trabalhos em assessorias jurídicas a políticos. Todos os serviços prestados pelo então estagiário, no entanto, foram a políticos ligados à família Sarney. O escritório em que atuava em São Luís é de propriedade de Marcos Coutinho Lobo, um dos advogados da família Sarney. Entre os municípios que trabalhou estão Alto Alegre do Maranhão e São José de Ribamar. Além de trabalhos ligados a políticos, esteve na procuradoria do município de Imperatriz, ainda na condição de estagiário.

Apesar de afirmar que não gosta da “participação direta” em pleitos, ou seja, a condição de candidato, o entrevistado afirma ter grande interesse pelos bastidores de uma campanha eleitoral. Sua ligação com a família Mendes fez com que o advogado filiasse-se ao Partido Verde de Pinheiro (vale lembrar que Victor Mendes é filiado ao mesmo partido e atualmente é seu presidente estadual).

Ao ser questionado sobre a importância de uma assessoria jurídica por parte de uma coligação, Diego Moura afirmou que um dos principais erros que um candidato por cometer é não contratar profissionais da área para sua equipe, uma vez

que todos as outras áreas precisam de um acompanhamento jurídico para desenvolverem suas atividades.

Uma campanha bem sucedida é uma campanha que tem um assessoramento, seja na parte de marketing, seja na parte jurídica, os dois se comunicando diretamente. Tudo que a [coordenadora de marketing] Flávia quer colocar no programa eleitoral passa pelo meu crivo e aí eu digo „pode isso“, „não pode aquilo“, para evitar que as propagandas eleitorais sejam retiradas do ar (Diego Moura, entrevista em 13/09/08).

A interlocução entre as diferentes áreas da equipe teve o resultado esperado pela coligação. Até o dia da entrevista com Diego Moura (13/09/08), nenhum programa da campanha de José Arlindo tinha sido retirado do ar ou foi proibido de ser veiculado. Além disso, cerca de 15 representações foram enviadas à justiça eleitoral para a suspensão de programas eleitorais de outros candidatos, sendo apenas três dos pedidos indeferidos.

Os motivos que levavam a suspensão eram variados, como a não inserção de legendas ou um especialista em libras, dada a obrigatoriedade do acesso à informação pelos deficientes visuais, falta de informação no conteúdo dos vídeos, como a coligação de origem, o que resultaria em material apócrifo, ou seja, sem informações sobre seus idealizadores, etc. Importante ressaltar que a empresa (televisão) geradora de imagens era o Sistema Pericumã de Comunicação, de propriedade de Filuca Mendes e presidido por seu filho, Victor Mendes. Sobre esses motivos que resultavam em suspensões dos programas eleitorais dos adversários, Diego Moura afirmou que “são esses pequenos detalhes que tem que ser vistos pelos candidatos”.

Já a profissional contratada para chefiar o departamento de marketing da campanha foi Flávia Regina Bezerra de Melo. Nascida em São Luís, 40 anos, estudou em colégios tradicionais da capital, como Marista e Batista Ludovicense. É formada em Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão e possui duas especializações: uma em educação também pela UFMA e outra em Educomunicação, pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

Seus pais eram professores universitários da UFMA, departamento de Letras, ambos com pós-graduação, e hoje são aposentados da instituição. O pai de Flávia Regina é natural de Peri-Mirim e fez seus estudos básicos no Colégio Pinheirense, em Pinheiro.

Em sua trajetória, não há liderança prévia nem filiação partidária. Sua família teve um tio que além de exercer o cargo de secretário de indústria, comércio e tu-

rismo no governo de Edison Lobão, foi gerente regional em Açailândia. A única vez que militou em uma campanha foi em 1989 para o então candidato a presidente da república Luís Inácio Lula da Silva. Segundo a entrevistada, “minha participação em campanhas sempre foi apenas para votar e eleger candidatos”.

Sua trajetória profissional é longa, além de mesclada com a esfera política. Iniciou como repórter no início da década de 1990 na TV Mirante, de propriedade de Fernando Sarney, filho de José Sarney. Dali, segue para a TVE Maranhão, onde apresentaria tele aulas. O início de sua atuação em meios de comunicação de cunho político aconteceu durante o governo de Conceição Andrade como prefeita de São Luís (1993-1996). Flávia Regina era repórter televisiva do *Jornal do Cidadão*. Durante o emprego, começou a fazer informes publicitários das ações da então prefeita. Flávia afirma que essa foi sua primeira experiência com marketing político.

O sucesso dos informes propiciou um convite do então secretário de comunicação do governo de Roseana Sarney, Antonio Carlos Lima, para fazer o mesmo trabalho para a então governadora. O convite foi recusado após um aumento salarial oferecido pela prefeita depois de saber do “assédio” da governadora.

Em fins da década de 1990, após manter uma revista (Parla), um novo convite lhe foi feito pela secretaria de comunicação do estado, no segundo mandato de Roseana Sarney. Após o aceite, chefiou a equipe de produção do informe publicitário *Novo Tempo*, onde eram destacadas as realizações da governadora. A inserção na equipe de comunicação do governo estadual propiciou o contato com Filuca Mendes, para o qual trabalhou na campanha de 2000 para prefeito de Pinheiro, após indicação. Chefiou a equipe de campanha do candidato mais uma vez em 2004, quando tentava reeleição. Entre os quatro anos, foi: diretora de redação do jornal *Folha do Maranhão*, de propriedade do então deputado estadual Manoel Ribeiro; fez a campanha eleitoral de José Reinaldo Tavares ao governo do Maranhão em 2002; foi assessora de comunicação da Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos deputados, presidida pelo deputado federal Gastão Vieira; atuou como assessora da Secretaria de Solidariedade Humana, chefiada por Alexandra Tavares, na época do governo de José Reinaldo Tavares.

Em fins de 2004, assumiu a Secretaria de Comunicação do estado, no exercício do governo de José Reinaldo. Em entrevista, Flávia Regina afirma que aquela época foi difícil, uma vez que foi o período do rompimento do governador com a família Sarney:

Eu fiquei em uma crise existencial muito grande porque foi no momento do rompimento, eu sabia que aquilo ia ter um preço muito alto pra minha vida, como teve... [...] Em novembro de 2004 eu assumi a comunicação do governo, sem Mirante, com um boicote na mídia enorme, pegando pancada dia e noite [...] Fiquei até o final do governo de Zé Reinaldo, a gente enfrentou muita coisa difícil... Enfim, ele ganhou a eleição em 2006 com o Jackson [Lago] e depois eu fui embora para São Paulo (Flávia Regina, entrevista em 01/10/2008).

Após o término do mandato de José Reinaldo, quando deixou o cargo de secretária de estado, Flávia Regina voltou a participar de campanhas eleitorais em 2008, quando coordenou a equipe de marketing de José Arlindo. Durante o período em que esteve à frente da secretaria de comunicação, recebeu um pedido de indicação de um profissional para coordenação da campanha de Victor Mendes a deputado estadual, haja vista o rompimento ocorrido anteriormente. A jornalista afirma que durante esse momento que esteve afastada da família Sarney, sempre teve uma relação tranqüila com seus membros.

Quando perguntada sobre as imagens que um político deve passar a seus eleitores em suas peças publicitárias, Flávia Regina destaca exatamente as duas imagens que José Arlindo tinha como trunfo de campanha. A primeira, a experiência administrativa. Nesse ponto, a entrevista faz referência a Dr. Léo: “a experiência administrativa é fundamental, em uma máquina pública você não pode cair de pára-quedas, tem de se identificar com os problemas da região”. Luciano Genésio também é citado indiretamente durante a exposição das imagens que um candidato deve ter: “um candidato deve ter credibilidade. Você não vai votar em um candidato que você não acredita, que não honra seus compromissos”. Tal passagem faz referência ao pai do candidato, José Genésio.

Diferente do departamento jurídico, que era constituído basicamente por seu coordenador, Diego Moura, a equipe de marketing era formada por oito pessoas: a coordenadora, a apresentadora dos programas, dois cinegrafistas (um para gravações em estúdio e outro para gravações externas), um editor de vídeo, editor de áudio, além de dois editores de imagens (um para a campanha majoritária e outro para a proporcional).

Pode-se observar após a exposição das trajetórias dos dois principais profissionais contratados pela coordenação geral da campanha de José Arlindo que, mesmo que a contratação de pessoas específicas das áreas jurídica e de marketing possam evidenciar um processo de profissionalização nos processos eleitorais em

Pinheiro, os laços de amizade e as relações simultaneamente pessoais e políticas pautam as relações de trabalho nas campanhas. O caso de Diego Moura é exemplar nesse sentido. A união entre as famílias Moura e Mendes propiciou o contato profissional. Reforçando tal idéia, a intermediação de José Jorge foi fundamental para o contato inicial, havendo após isso a manutenção das reciprocidades. O estágio conseguido para o então acadêmico de Direito em 2004, em 2006 e sua contratação como advogado da campanha em 2008 é fruto das relações pessoais que foram reconvertidas em posições políticas, caso do pai do advogado, José Moura, secretário de administração do município<sup>56</sup>.

Já Flávia Moura vincula-se aos Mendes por intermédio da família Sarney que “cede” uma profissional de sua equipe para a campanha em 2000. O interesse era mais que pessoal, mas também político, haja vista a centralidade de Pinheiro na região da Baixada Maranhense e do município, naquele momento, ser dirigido por um adversário político, José Genésio. Após o contato inicial, a jornalista sempre esteve à frente da equipe de marketing dos candidatos apoiados pelos Mendes, com exceção da eleição de 2006, quando exercia o cargo de secretaria de comunicação de José Reinaldo, que havia rompido pouco tempo antes com seus mentores políticos.

Além dos laços de amizade e/ou parentesco que vincula os profissionais àqueles que os contrataram, a contratação de ambos fica mais clara com a identificação das equipes de contratadas em pleitos anteriores, haja vista que tanto Diego Moura como Flávia Regina já haviam participado de eleições passadas.

## 2.2. O *outsider*: Dr. Léo

O segundo candidato que apresentarei é Leonaldson dos Santos Castro, 45 anos, popularmente conhecido com Dr. Léo. O candidato é natural de Belém, Pará. Em entrevista concedida em 14 de agosto de 2008, Dr. Léo disse que seus pais viajaram a Belém e lá sua mãe que estava grávida deu a luz. Após dois meses a família volta para Pinheiro. Dr. Léo se considera pinheirense. No site do Tribunal Superior

---

<sup>56</sup> Em estudo sobre os processos de seleção e recrutamento das “elites locais” no município de Caxias, Maranhão, João Gilberto Lima (2009, p. 103-104) expôs caso semelhante. Diversos profissionais que fizeram parte da equipe de campanha de Humberto Coutinho em 2004 assumiram secretarias municipais na cidade. Em Pinheiro, o processo aconteceu de forma inversa, ou seja, um secretário municipal usou sua relação com o então prefeito Filuca Mendes para obter um posto para seu filho na equipe de campanha do candidato a reeleição em 2004.

Eleitoral (TSE), Pinheiro consta como local de nascimento de Dr. Léo. Para efeito do estudo, tratarei o candidato enquanto pinheirense.

Segundo o próprio, é descendente de portugueses. Sua mãe é filha de um dos portugueses que se instalaram na cidade em início do século XX, José Santos. Maritite Santos casou-se com Ronaldson Castro, sendo Leonaldson dos Santos Castro um dos filhos do casal. A família de Dr. Léo foi próspera na atividade comercial. Seu avô possuiu diversos estabelecimentos comerciais, dentre os quais uma padaria e uma farmácia, além de exportar produtos locais para empresas de São Luís. José Santos ainda manteve um engenho de açúcar no povoado Pampilhosa, onde produzia açúcar e aguardente. Seu tio, Josué Santos foi proprietário da única indústria existente na história da cidade, a Companhia Pinheirense Industrial, COPISA, que beneficiava amêndoa do babaçu produzido na cidade. Tais atividades deram a condição para que a família Santos fosse uma das mais ricas da cidade em meados do século XX.

Sua mãe estudou apenas até a oitava série do antigo segundo grau e seu pai até a quarta. Ao falar de sua criação, destaca o papel materno. Diz que sua mãe exerceu o papel de pai e mãe e que seu progenitor era um boêmio, um *bon vivant*, não tendo “executado muito bem” suas responsabilidades de pai.

Seu pai, Ronaldson Castro, segundo Soares (2006), “era uma figura folclórica e das mais queridas em Pinheiro [...] sempre foi muito criativo e para ganhar a vida teve que se aventurar por toda a sorte de negócios” (p. 115). Um desses negócios foi quando decidiu ser empresário de circo. Viajava muito pelas cidades próximas a Pinheiro. Muitas vezes, porém, estendia o percurso e tinha como ponto final a cidade de Belém. Em uma dessas viagens à capital do Pará, sua mãe deu a luz.

Sendo a primeira vez que concorria a um cargo eletivo, não possuía liderança prévia em partidos políticos ou outras instituições, a não ser em sua fase escolar, quando foi membro do grêmio estudantil quando estudava no Colégio Pinheirense<sup>57</sup> e componente do Diretório Acadêmico do curso de Medicina na época do curso de

---

<sup>57</sup> Como exposto na apresentação de José Jorge Soares, aquele estudou no Colégio Pinheirense, assim como Dr. Léo. Apesar da diferença de idade entre os dois (doze anos), José Jorge disse, em entrevista, que era amigo de infância de Dr. Léo e que antes do período eleitoral propriamente dito, os dois conversaram bastante. Sobre a sociabilidade proporcionada pela escola e a relações políticas que tal sociabilidade por oferecer no futuro, Letícia Canêdo expôs um grupo de políticos mineiros que, fazendo parte da elite econômica e política de Minas Gerais, mantiveram relações de amizade desde os níveis fundamentais de escolaridade até o ensino superior. Essas relações foram conservadas quando da entrada de vários deles no universo da política, atuando por vezes “em bloco” (1991).

graduação. Até a eleição de 2008, não tinha militado politicamente para outro candidato, nem exercido cargo público em administrações em nenhum nível.

Dr. Léo teve durante a campanha, como principal trunfo, seu nível de escolaridade. Iniciou os estudos em Pinheiro, indo a São Luís completá-los ao iniciar o antigo segundo grau. Após isso, iniciou três cursos de nível superior, Engenharia Mecânica (UEMA), Comunicação Social (Jornalismo) e Medicina (os dois últimos pela Universidade Federal do Maranhão), escolhendo esse último para priorizar. Após a conclusão da graduação, continuou os estudos no Rio de Janeiro, fazendo três especializações, um mestrado e um doutorado – esse último em convênio com a Universidade de Cornell de Nova Iorque, Estados Unidos, todos na área de cirurgia médica.

Sua coligação nas eleições de 2008 contava com sete partidos, tendo como mote *Renovar para desenvolver*, a saber, Partido Democrático Trabalhista (PDT), Partido Popular Socialista (PPS), Partido dos Trabalhadores (PT), Partido Social Liberal (PSL), Partido Comunista Brasileiro (PCB), Partido Comunista do Brasil (PC do B) e Partido Republicano Brasileiro (PRB). O outro membro da chapa era Jovane Melo, assessor do então vice-governador do estado, Luiz Porto, filiado ao PPS.

Ao passo que tentava fazer com que seus títulos o credenciassem enquanto o candidato mais preparado, era alvo de críticas por parte dos outros candidatos e de seus simpatizantes, haja vista que passou muito tempo fora da cidade. Apenas dois anos antes das eleições de 2008, mudou-se para Pinheiro, instalando-se nas cercanias da cidade.

Nas passagens a seguir, a primeira ilustra como o candidato utilizou sua formação escolar, como relaciona as qualidades de um prefeito à formação escolar, e a outra de um adversário sobre Dr. Léo, chama a atenção para sua vivência na cidade e sua formação escolar:

Vivência de vida, competência através de escolaridade, através da sua profissão, ele ser bem sucedido na sua profissão, honestidade, entreguismo a essa causa pública [...] Escolaridade, desempenho profissional, honestidade e doação (Entrevista com Dr. Léo em 14/08/2008).

Um dos concorrentes a gente nem conhece muito [...] Eu como te disse tenho cinquenta anos como pinheirense só agora que to conhecendo ele, assim como a grande maioria da população também não conhecia essa pessoa aqui no nosso município [...] Pelo que se diz é doutor, que faz curso na Europa, no Japão, na China, no Canadá, deve ser preparado pra área de saúde, agora conhecer o município eu acredito que ele não conheça (José Arlindo, entrevista em 01/09/2008).

Sua trajetória política também foi alvo de críticas dada sua entrada no mundo da política com 43 anos. Filiou-se no tempo hábil para ser candidato, fato que, como já foi exposto, *reconfigurou* o panorama político local. Nenhum parente seu exerceu cargo público ou foi candidato antes dele, o que fez com que não estivesse inserido em nenhuma família de políticos ou ligado a nenhuma coalizão existente na cidade antes de sua inserção no jogo.

Por conta de sua saída da cidade para completar seus estudos e sua volta em um momento muito próximo às eleições de 2008, os termos “estrangeiro”, “forasteiro”, “estranho”, “não-pinheirense” foram recorrentes durante a campanha, principalmente em embates entre simpatizantes<sup>58</sup> de *facções* rivais à de Dr. Léo.

Diversos personagens da política local se posicionaram em relação à situação de Dr. Léo. Dedeco Mendes, Manoel Paiva e José Jorge consideravam o candidato muito preparado, mas sem as condições de administrar a cidade por conta do baixo conhecimento que ele tinha dos problemas locais.

### 2.3. O herdeiro: Luciano Genésio

O último candidato no pleito foi João Luciano Silva Soares, ou Luciano Genésio, por sua filiação. Não nasceu em Pinheiro, mas sim na capital do estado, São Luís. Filho do ex-prefeito José Genésio, iniciou sua vida pública no pleito de 2006 quando concorreu ao cargo de deputado estadual, saindo derrotado. Vale destacar que Luciano Genésio e Victor Mendes, filho de Filuca Mendes disputaram os votos da mesma base eleitoral, tanto em Pinheiro como em cidade próximas. Dessa forma, tal derrota teve dupla significação, a não obtenção do cargo e a vitória de um adversário político local. Filho de pai engenheiro e mãe médica pediatra, Luciano fez seus estudos em São Luís, tem curso superior em Direito pelo Centro Universitário do Maranhão (CEUMA) e nunca viveu na cidade de Pinheiro, tendo experiências de férias no município.

A coligação *Justiça e Liberdade*, apresentando Luciano como cabeça da chapa, com 27 anos e Fred Lobato como vice, 24 anos, era composta pelos seguintes partidos: Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), Partido da Mobilização

---

<sup>58</sup> Em conversas informais com pessoas ligadas às outras duas coalizões, era recorrente o uso da expressão “caiu de pára-quedas” em referência a Dr. Léo.

Nacional (PMN), Partido Socialista Brasileiro (PSB) e Partido Humanista da Solidariedade (PHS). A *facção* agregou em torno do nome de Luciano Genésio diversos adversários políticos de Filuca Mendes. Outrora, alguns desses nomes não estariam do mesmo lado como Pedro Lobato (ex-prefeito e tio de Fred Lobato) e José Genésio (ex-prefeito) que eram adversários políticos.

A juventude da chapa, que foi exposta como um trunfo pelos seus componentes, foi atacada pelos adversários, afirmando que os membros não eram experientes, além de seres filhos de antigos políticos locais.

O maior apoiador da candidatura de Luciano Genésio, seu pai, José Genésio, em discurso no Horário Eleitoral Gratuito enfatizou a juventude dos componentes da chapa:

Eu quero nesse momento me dirigir a todos os pinheirenses: **a juventude, que é a responsável por esse momento político**, aos pais, às mães, aos filhos, está chegando a hora [...] Eu quero pedir ao povo de Pinheiro, aos meus amigos, aos meus eleitores que sempre me acompanharam, à juventude, que faça uma análise desse momento político: **a eleição é dos senhores, é da juventude, é dessa geração** e o Dr. Luciano é o candidato que mais cresce nesse momento político e que tem grandes projetos, **projetos que vai beneficiar principalmente a juventude** (José Genésio, ex-prefeito de Pinheiro, em trecho extraído do Horário Eleitoral Gratuito. Grifos meus).

A juventude utilizada como trunfo político por Luciano Genésio foi acionada durante toda a campanha. A passagem acima evidencia o direcionamento do discurso dos membros ligados à sua candidatura. Sendo a coligação formada por pessoas com menos de 30 anos e os adversários com mais de 40, seria natural a postura. Porém, ao passo que José Genésio conclama a juventude a votar em seu filho, pede que “seus eleitores” também o façam, na tentativa de transferir os votos obtidos em eleições anteriores para seu filho.

Ambos os recursos utilizados por Luciano Genésio foram fortemente criticados pelos adversários. O laço de parentesco entre o candidato e seu principal apoiador foi questionado tanto por José Arlindo como por Dr. Léo, colocando em questão a reputação moral do candidato, bem como a juventude, associada por eles à inexperiência.

O Luciano esse também tem um pai que dispensa qualquer comentário, que já foi prefeito de Pinheiro, que foi cassado e a gente espera que faça uma campanha de alto nível que é o que nós estamos pregando (José Arlindo, entrevista em 01/09/2008).

O Luciano é filho do ex-prefeito José Genésio que teve seu mandato cassado enquanto prefeito. A meu ver é um jovem, que pode ser muito diferente de seu pai, mas que neste momento ainda não tem autenticidade, independência e, portanto eu acho muito influenciado pelas idéias de seu pai (Entrevista com Dr. Léo em 14/08/2008).

As passagens fazem referência à administração de José Genésio entre os anos de 1997 e 2000 que não completou seu mandato, sendo cassado alguns meses antes do término. As maiores críticas sobre tal gestão eram os constates atrasos no pagamento dos funcionários municipais e a não-execução de obras prometidas na campanha em 1996.

Em cidades de pequeno e médio porte, onde a sociedade tem um alto grau de informações sobre seus membros, o sucesso de uma administração reflete nas relações políticas, bem como nas eleições municipais. Marc Abélès afirma que “a cidade é por excelência uma sociedade de inter-conhecimento onde a notoriedade evidencia toda sua relevância” (ABÉLÈS, 1992, p. 84). Assim, fazendo referência a um mandato eletivo, quando um prefeito é reconhecido como competente e eficaz, o prestígio por ele adquirido acumula-se em sua linhagem.

No caso de Luciano Genésio, a “má administração” de seu pai pesou no pleito de 2008. Aliada a isso, concorre a administração de Filuca Mendes nos oito anos subseqüentes ao mandato de José Genésio. Sendo José Arlindo seu vice-prefeito e adversário de Luciano Genésio, tais associações foram constantes durante a campanha.

#### 2.4. Notas finais sobre os candidatos a prefeito de Pinheiro

Após expor alguns elementos do jogo político em Pinheiro, percebe-se a modificação do espaço de concorrência local no que tange às eleições municipais em 2008, dentre elas, a entrada de um novo personagem político naquele jogo.

Durante a pesquisa, após a exposição dos trunfos de cada candidato e de como seus adversários trabalhavam na intenção de desqualificá-los, questionei-me sobre o porquê do candidato Dr. Léo ser classificado como “estrangeiro”, ou, no dizer de Norbert Elias, um *outsider* (2000). Mesmo aquele candidato tendo suas raízes vinculadas ao município de Pinheiro e fazendo seus estudos até a adolescência na cidade, foi estigmatizado pelos seus rivais, aceitando de certa forma essa condição,

haja vista que, sempre que podia, acionava seu capital cultural para compensar seu baixo conhecimento das questões relacionadas ao município.

Os três candidatos tinham fortes vínculos com a cidade: José Arlindo nasceu na cidade, foi criado em Pinheiro, fez todos os seus estudos ali (com exceção de seu curso superior) e foi vice-prefeito da localidade por oito anos; Luciano Genésio é nascido em São Luís, mas é filho de político importante do município e faz parte da *facção* liderada por seu pai, José Genésio; por fim, Dr. Léo, nascido e criado em Pinheiro até sua adolescência, voltou à Pinheiro para concorrer ao cargo de prefeito.

Os candidatos tinham trunfos a acionar durante a campanha: José Arlindo pregava sua experiência administrativa, fazendo referência aos oito anos na condição de vice-prefeito, além de suas origens locais; Luciano Genésio conclamava sua juventude; já Dr. Léo enaltecia sua capacidade, tendo em vista seu grau de escolaridade.

Odaci Coradini (2001) elencou alguns recursos acionados em campanhas eleitorais. Dentre os citados pelo autor, pode-se vislumbrar dois utilizados pelos candidatos a prefeito em Pinheiro. Enquanto Dr. Léo destacou suas “relações estabelecidas no exercício profissional”, mais precisamente sua titulação escolar, José Arlindo enfatizou o “cargo público enquanto prova de excelência”, ressaltando os cargos exercidos – no caso, dois mandatos de vice-prefeito – para legitimação da candidatura. O autor, porém, chama atenção que a complexidade de reconversão de certos trunfos para a esfera política. Segundo Coradini,

na relação entre qualquer característica ou recurso social de origem e a ascensão, seja na esfera política ou em outra qualquer, a reconversão nunca é direta. Isso porque essa reconversão sempre depende de diferentes lógicas sociais, vinculadas a esferas diferentes, o que faz com que, inclusive, os „interesses” e o valor associado a determinada característica possam adquirir significados contrários” (p. 9).

Se, por um lado, os candidatos tinham trunfos a acionar na campanha, tais recursos eram criticados pelos adversários em estratégias de desqualificação. Assim, se José Arlindo acionava sua experiência administrativa e sua ascensão social, contava contra ele uma possível submissão ao líder da *facção* da qual fazia parte, Filuca Mendes; Luciano Genésio, aos olhos dos concorrentes, não tinha experiência para administrar um município da magnitude de Pinheiro, além do seu parentesco com um ex-prefeito da cidade cassado; Dr. Léo era visto como um homem de saber,

porém, em sua área, a medicina, não podendo ser “dada” a cidade a um “forasteiro” que passou mais de 30 anos fora do município.

Segundo Michel Offerlé (1999) o recurso utilizado por um candidato pode ser ressignificado pelos adversários. Tal desqualificação depende dos recursos dos próprios acusadores. Diz o autor que, por vezes, da mesma maneira que a idade na política é sinal de sapiência, experiência, pode também ser vista como arcaísmo; um diploma pode ser visto como sinônimo de competência ou de tecnocracia. Assim,

um mesmo atributo pode ser valorizado ou desvalorizado em algumas conjunturas históricas ou em algumas partes do espaço político [...] um mesmo atributo pode ser trabalhado (pelo homem político, seus conselheiros, seus adversários, seus biógrafos...) em certos momentos de sua carreira e ser deixados de lado (p. 27).

Uma questão que merece destaque é o discurso usado por Dr. Léo e José Arlindo durante o processo eleitoral. Se, por um lado, o médico afirmava que era o mais preparado para administrar Pinheiro por conta de seus títulos escolares, José Arlindo destacou sua preparação para uma nova eleição após a derrota no pleito para vereador em 1988. Inserido no processo eleitoral com toda a variedade de títulos que possuía, Dr. Léo leva José Arlindo a valorizar sua própria preparação. A diferença entre os dois estava no período vivido na cidade. Luciano Genésio, não tendo os títulos de Dr. Léo nem a experiência administrativa de José Arlindo, valorizava sua juventude, algo que os concorrentes não podiam acionar em seu favor.

Outro ponto relativo aos candidatos que evidencia a condição de cada um no pleito eram os apoiadores externos ao município. Todos tinham políticos hierarquicamente superiores a si a acionar durante a campanha. As relações que os candidatos tinham com eles eram pautadas por alianças partidárias, de amizade e *faccionais*.

Dois dos três pleiteantes ao executivo local tinham relações com políticos de nível hierarquicamente superior por laços partidários. Luciano Genésio tinha como principal nome a acionar fora da municipalidade Ciro Gomes, deputado federal, ambos pertencentes ao Partido Socialista Brasileiro (PSB); Dr. Léo estava unido com o então governador do Maranhão, Jackson Lago, também por filiação partidária, ambos pertencentes ao Partido Democrático Trabalhista e por relações de amizade, uma vez que o irmão do candidato, Eri Castro é amigo da família Lago. Dr. Léo também utilizou como grande trunfo eleitoral a imagem do presidente da República, Luís

Inácio Lula da Silva, por conta da composição partidária de sua coligação, que contava com o partido do Presidente, o Partido dos Trabalhadores. Assim, Dr. Léo dizia-se o “candidato do presidente”.

Já o candidato José Arlindo, ligado à família Mendes, contou não apenas com os aliados daquele clã durante o pleito, como também com toda a estrutura montada para a eleição de 2008. A família Mendes está alinhada com a família Sarney em nível estadual. O principal nome acionado durante a campanha de 2008 foi Sarney Filho, deputado federal e ex-ministro do meio ambiente. No entanto, tendo em vista o resultado da eleição, a “união” dos políticos pinheirense com políticos de nível estadual e/ou nacional não teve o efeito esperado, haja vista que Dr. Léo, que contava com dois apoiadores reconhecidamente fortes pelos eleitores, ficou em último lugar no pleito; Luciano Genésio, mesmo não tendo fortes ligações com políticos hierarquicamente superiores, obteve expressiva votação, terminando em segundo lugar; já o candidato vitorioso, José Arlindo, era vinculado à família dominante politicamente no município.

Sobre a estrutura montada para a campanha, segundo o coordenador do departamento jurídico da campanha de José Arlindo, Filuca Mendes é o único político profissional em Pinheiro. Em entrevista ao pesquisador, Diego Moura afirmou que toda uma estrutura foi montada desde o início de 2008 visando o período eleitoral:

Filuca é o único político profissional de Pinheiro. Os outros são candidatos que se jogam na campanha eleitoral para fazer política. Político profissional que antes da campanha monta uma estrutura para desenvolvê-la é Filuca [...] Antes de iniciar a campanha de Zé Arlindo, Victor e Filuca entraram em contato com o marketing, com o setor jurídico, contratando pessoas, arrumando os comitês, dando condições de trabalho... Isso desde o início do ano [2008] que Victor vem arrumando esse escritório... Isso é importante. Se você não tiver estrutura não como você desenvolver ser trabalho. E o que eu vejo nos outros candidatos é justamente isso, eles não tem estrutura: a gente entra com representação e eles não tem advogado para apresentar a defesa e isso prejudica o candidato [...] Uma campanha bem sucedida tem que estar bem estruturada por trás. Se não existir essa estrutura o candidato não vai ser bem sucedido, não vai conseguir desenvolver sua campanha tranquilamente. O candidato acaba perdendo o foco da eleição para tentar estabilizar sua campanha através de ações, indo no TER para ver o que está acontecendo e isso não é papel dele. O papel dele é pedir voto [...] a campanha de Zé Arlindo é totalmente profissional [...] Filuca descentraliza: ele toma conta de tudo, mas descentraliza. Tem pessoas específicas para cada área. Ele orienta e a pessoa toma a atitude [...] Zé Arlindo está destinado exclusivamente para pedir voto: ele não vem aqui. Qualquer coisa a gente assessora ele, mas dificilmente ele pisa aqui no comitê porque ele está exclusivo para pedir voto. Ele não se preocupa com ações judiciais, ele não se preocupa com gravações de programa. Ele só vem aqui gravar o programa, sua fala e vai embora. Isso é importante porque ele não perde o foco da campanha (Diego Moura, entrevista em 13/09/2008).

Com a evolução da pesquisa, percebi que, mais importante que ser natural da cidade, ter apoiadores políticos de renome no cenário estadual e/ou nacional, possuir capital econômico ou nível de escolaridade, o importante era a inserção em uma *coalizão* local ou a utilização do patrimônio político de uma família. Pesquisa divulgada na véspera da eleição pela empresa ESCUTEC<sup>59</sup> mostrava que José Arlindo aparecia com 45% das intenções de voto, Luciano Genésio com 29% e Dr. Léo contava com 18%.

O resultado oficial da eleição não esteve longe dos números apresentados pela empresa contratada para fazer pesquisa pública de intenção de votos. Os números oficiais foram os seguintes: José Arlindo 51%, Luciano Genésio 29% e Dr. Léo 20%.

A *coalizão* liderada por Dr. Léo foi formada pouco tempo antes do processo eleitoral, sendo constituída por pessoas que não simpatizavam com as outras duas, sendo assim uma “alternativa viável” na eleição<sup>60</sup>.

Dessa forma, a chave para ser “aceito” na política pinheirense era a aliança com políticos locais<sup>61</sup> ou fazer parte de uma família de políticos locais<sup>62</sup>. Dr. Léo recusou-se em apenas fazer parte da oposição e nenhum membro de sua família exerceu cargos públicos na cidade antes dele. Assim, ao liderar uma *facção* diferente das que normalmente se apresentavam nos pleitos, passou a ser chamado de “estrangeiro”, “estranho”, entre outros termos que faziam referência à sua ausência da cidade. Como exemplo, cito a entrevista de Tony Ferreira veiculada em programa de televisão local. Em certo momento, critica o fato de Dr. Léo não possuir vínculos com

---

<sup>59</sup> A ESCUTEC é uma empresa de pesquisa de opinião pública fundada em 1994 com o objetivo de monitorar a mídia eletrônica. A partir de 1996 especializa-se em pesquisas de opinião pública em períodos eleitorais. O site da empresa ([www.escutec.com.br](http://www.escutec.com.br)) apresenta alguns de seus clientes. Dentre eles, no estado do Maranhão, estão os partidos DEM, PMDB, a prefeitura de Pinheiro, os senadores José Sarney, Roseana Sarney e Edson Lobão, o deputado estadual Victor Mendes, o deputado federal Sarney Filho, a Assembléia Legislativa do estado do Maranhão, além de outras instituições fora do Maranhão, como o PMDB do estado do Amapá.

<sup>60</sup> Tal como propôs Elias, afirmando que os *outsiders* de Wiston Parva não tinham como defender-se dos ataques dos estabelecidos, aceitando assim várias acusações (2000, p. 22), Dr. Léo, pelo pouco tempo na cidade, não teve condições para rebater as críticas dos adversários.

<sup>61</sup> Cito como contraponto o caso do médico e candidato a vereador Leonardo Sá (que foi eleito). Residente na cidade há apenas quatro anos, entrou na política local via *facção* dominante. Não foi colocado em momento algum como “estrangeiro”.

<sup>62</sup> Kuschnir (2000), ao estudar a família Silveira no Rio de Janeiro, expôs a utilização por parte da herdeira da família, Marta Silveira dos recursos de seu pai, Fernando (destacadamente sua rede de relações políticas), a da herança política legada por ele. Esses vínculos foram decisivos na campanha de 1992 quando foi eleita vereadora.

a cidade nem ter tido um trabalho de base que lhe pudesse render frutos políticos. Para o entrevistado,

Para ser político, primeiro você tem que trabalhar, ter folha de serviço prestado, tem que trabalhar na política. Você não pode chegar aqui e dizer “vou ser político agora, vou ser prefeito de Pinheiro”. Com qual credibilidade? Com que prestígio? Cadê a folha de serviços prestados? Cadê o grupo político? Cadê sua ação política? Não tem nenhuma! [...] Se eles estivessem preocupados com o povo de Pinheiro, eles analisariam: quem ganhou as pesquisas [prévias]? Foi o Pedro Lobato? Foi o Tony Ferreira? Foi o Luciano? Então quem ganhou as pesquisas será o candidato a prefeito de Pinheiro com o apoio dos demais pré-candidatos e com o apoio moral, logístico, o que puder por parte do governo do estado [...] Foi tudo diferente, foi só conversa. Aí, colocaram aqui um importado, um forasteiro para ser o prefeito com 4% nas pesquisas (Tony Ferreira em entrevista ao programa Agito X, Rede Bandeirantes, setembro de 2008).

Pode-se reforçar essa idéia fazendo um comparativo entre a candidatura de Dr. Léo em 2008 e José Jorge em 1992. Este último sai da cidade para completar seus estudos em Brasília. Posteriormente, exerceu cargos em empresas públicas (Companhia Energética do Maranhão) e privada (Spirax Sarco). Voltou para Pinheiro para concorrer à prefeitura em 1992. Porém, um avô e um tio já tinham exercido cargos eletivos. Além dessa herança política, o candidato fez alianças com políticos locais. Dr. Léo não possuía tais recursos no pleito de 2008. Pesquisa feita no jornal *Cidade de Pinheiro* nas décadas de 70 e 80 evidenciam a relação de José Jorge com o município, bem como a não-relação de Dr. Léo com a cidade. Na coluna social do periódico, era recorrente a aparição de José Jorge, tanto para informar do aniversário do “ilustre conterrâneo” como para destacar sua passagem pela cidade durante o período de suas férias escolares e/ou trabalhistas. Os anúncios sempre eram feitos na categoria intitulada “viajantes”. Dr. Léo foi citado poucas vezes<sup>63</sup> no jornal durante o período em que está ausente da cidade a estudos ou a trabalho.

Viajantes: Dr. José Jorge Leite Soares. Com o fim de passar as festividades do Glorioso Santo Inácio no seio de seus familiares, encontra-se na cidade, o nosso talentoso conterrâneo engenheiro José Jorge Leite Soares, filho do casal Orleans-Diana (Jornal Cidade de Pinheiro, 1974).

Dr. José Jorge Leite Soares. Trocou de idade no dia 28, nosso talentoso conterrâneo, o jovem Dr. José Jorge Leite Soares, conceituado engenheiro e professor na capital gonzalvina, onde vem desfrutando dentro de sua profissão. O nataliciante do último dia do mês de fevereiro é filho do casal Orleans Mendes Soares e Diana Leite Mendes (Jornal Cidade de Pinheiro, 1975).

<sup>63</sup> As duas únicas vezes foram por conta da sua formatura em medicina e pelo seu casamento.

Kuschnir em *O cotidiano da política* (2000), afirma que, em casos de cidades pequenas, o pertencimento a uma rede de políticos locais ou a uma família de políticos é indispensável para o sucesso em campanhas eleitorais. Segundo a autora, “as análises sobre política em cidade pequenas mostram que a ausência de parentesco ou de aliança com famílias ligadas ao poder praticamente exclui a possibilidade de um novato ser bem sucedido politicamente” (p. 57). Tal constatação, aliada com o comparativo entre Dr. Léo em 2008 e José Jorge em 1992<sup>64</sup>, reforça a idéia da pesquisadora.

O termo aqui utilizado para caracterizar Dr. Léo na campanha, trabalhado por Norbert Elias (2000), *outsider*, justifica-se não pelo seu tempo na cidade, como inicialmente poderia ser feito, mas por conta de sua não participação na vida política local. Aliado a isso, a ausência de membros de sua família na esfera política fazia do candidato um *outsider* naquele universo. As duas coligações rivais a ele eram lideradas por candidatos que faziam parte de famílias de políticos no município, fosse por apadrinhamento político, fosse por laços de consangüinidade. Ao não poder usar nenhum desses recursos, o candidato era taxado de “forasteiro”.

Para quem analisava o jogo político pinheirense com maior atenção, percebia que até certo ponto do período eleitoral, os candidatos José Arlindo e Luciano Genésio preocuparam-se em atacar Dr. Léo, desqualificando o médico, excluindo-o do jogo. Após esse período, ambos discutiam entre si, pois, para eles e seus aliados, Dr. Léo já não era uma ameaça.

---

<sup>64</sup> Mesmo que ambos tenham sido derrotados, José Jorge ficou em segundo lugar entre seis candidatos.

### 3. O papel da festa: a ritualidade dos eventos de campanha

Tentando dar conta do máximo de possibilidades que tal estudo nos oferece fez-se necessário uma pesquisa de campo no período eleitoral, ou seja, a vivência pelo tempo máximo que fosse possível no município para observar como os trunfos são acionados e utilizados, como a política influi no cotidiano cidadão, entre outras variáveis. Particpei de diversos eventos durante o período eleitoral, cada um com sua particularidade, porém todos essenciais para apreensão de informações cruciais para a dissertação.

Importante salientar que o acesso a alguns eventos deu-se pelo meu contato com certas pessoas que participavam e/ou organizavam os mesmos. Como exemplo, cito minha amizade com Gilmar Soares<sup>65</sup>, candidato a vereador que tentava a reeleição e que foi no mandato de 2005-2008 presidente da Câmara.

No presente capítulo, farei descrições, percepções e análises dos eventos políticos realizados durante a campanha, pensando os mesmos enquanto rituais. Irllys Barreira ao descrever diversos eventos de campanha nas cidades de Fortaleza (Ceará), Natal (Rio Grande do Norte) e Maceió (Alagoas), afirma que tais momentos das eleições podem ser considerados verdadeiros rituais, no sentido que

podem constituir momentos simultâneos de criação, repetição e concorrência entre símbolos políticos, expressando não só valores consensuais instituídos, como também conflitos típicos da sociedade contemporânea, incluindo múltiplos temas que cerceiam o mundo social (BARREIRA, 2006, p. 179).

Durante o período eleitoral, diversos eventos puderam ser acompanhados, cada um com sua especificidade. Tais momentos servem em boa medida para visualizar as relações entre os candidatos e os eleitores, percebendo as trocas decorridas no período eleitoral. Nesses momentos, há um nivelamento entre os participantes daquele jogo, mais precisamente entre o político e o eleitor.

Nesse sentido, Karina Kuschnir (2007) afirma que ao examinar um evento político específico e circunscrito, tomando como chave a noção de que a vida política é feita de encenações rituais, observamos as relações entre os indivíduos como

---

<sup>65</sup> O candidato foi meu professor de educação física no Colégio Pinheirense entre os anos de 1994 e 2000.

pessoas sociais. Gestos e falas de eleitores e candidatos podem ser tomados como símbolos que nos ajudam a entender o significado etnográfico da política (p. 48).

Uma das principais características de tais eventos é seu caráter festivo. Durante a campanha, muitos eventos eram tratados como verdadeiras festas, tais como carreatas, passeatas, caminhadas, entre outros, mobilizando o eleitorado a participar de diversas formas, fosse acompanhando uma caminhada, levando seu carro para aumentar o número de veículos na carreta do seu candidato, entre outras formas de manifestação de apoio, sendo a periferia a região preferida para tais acontecimentos, pois seria seu “local por excelência”. Irllys Barreira (1998) afirma que a periferia é um “local estratégico”, seus moradores são “anfitriões permanentes” por conta da visita de diversos candidatos e que a lógica social se inverte e a periferia passa a ser o “centro” da cidade. Barreira, ao citar os comícios, afirma que “são eventos de revitalização de zonas espaciais que transformam os bairros periféricos em pequenos centros dinamizados, cotidianamente, pelo conjunto de eventos que acontecem” (1998, p. 88).

Diversos trabalhos abordaram a questão dos eventos de campanha em eleições. Dentre eles, cito *Os comícios e a políticas de facções* de Moacir Palmeira e Beatriz Heredia (1995), *Chuva de papéis* (1998) e *A política de perto: recortes etnográficos de campanhas eleitorais* (2006), de Irllys Barreira, *Rituais de comensalidade na política* de Karina Kuschnir (2002), *“Heranças políticas” no Rio Grande do Sul*, de Igor Grill (2008c), entre outros. No Maranhão, alguns trabalhos também evidenciaram tal característica em eleições, como os dos pesquisadores Dayana Delmiro (2008) e João Lima (2009). Durante o acompanhamento dos eventos e da campanha como um todo em Pinheiro, percebi a impossibilidade de uma uniformidade desses momentos, ou seja, o que em uma região do país é uma caminhada, em outro pode ser passeata. No texto, os eventos serão tratados como seus organizadores o nomeavam, mesmo que a população em geral desse outro nome para os acontecimentos.

Além dos eventos organizados pela coordenação de campanha do candidato, outros dois foram preparados por membros da prefeitura municipal, porém, com cla-

ras intenções eleitorais<sup>66</sup>. Das duas datas, uma nacional remete à história brasileira e outra à história local.

A primeira é o dia 07 de setembro, quando comemora-se o aniversário de independência do Brasil. Anualmente nesta ocasião, desfiles de alunos de escolas acontecem na principal rua da cidade, passando por um palanque montado na Praça José Sarney, a principal da cidade. Em 2008, estavam no palco, o então prefeito da cidade, Filuca Mendes; seu vice e candidato a prefeito, José Arlindo; Victor Mendes, deputado estadual; José Sarney Filho (principal apoiador externo à cidade e representante da família Sarney na ocasião) além de outras pessoas ligadas à candidatura de José Arlindo. A segunda data é o dia 03 de setembro, onde se comemora o aniversário da cidade de Pinheiro. Neste dia, a dinâmica foi semelhante, porém, sem a presença de apoiadores externos, fazendo parte do palanque apenas os membros da municipalidade pública, bem como aqueles que trabalhavam na campanha de José Arlindo.

Seguem duas imagens de eventos que mostram como caminhadas, passeatas, carreatas, comícios, etc., são tratados como festas pela população. Após, uma tabela com o conjunto de eventos do candidato José Arlindo obtido com a equipe que cuidava de sua agenda.



**Ilustração 08:** Eventos de campanha do candidato José Arlindo

---

<sup>66</sup> Sobre a utilização de datas festivas enquanto eventos eleitorais, ver Leticia Canêdo, *Ritos, símbolos e alegorias no exercício profissional da política* (2005), onde a autora discorre acerca do uso do “dia do muriaense” pelos políticos do município de Muriaé, Minas Gerais.

**Quadro 13:** Alguns eventos do candidato José Arlindo na campanha

Data	Evento	Localidade/Bairro	
Primeira fase da campanha – Zona Rural			
18/08		Chapada	Zona Rural
19/08		Santo Antonio	Zona Rural
20/08		Bom Viver	Zona Rural
21/08		Fortaleza	Zona Rural
22/08		Pirinã	Zona Rural
24/08		Gama	Zona Rural
25/08		São Caetano	Zona Rural
26/09		Pacas I – Praça Alegria/Vitória	Zona Rural
27/08		Pacas II – Maranhão Novo/Macapazinho	Zona Rural
28/08		Purão Grande	Zona Rural
29/08		Vila Filuca	Zona Rural
31/08	Caravana Náutica	Vila Matias/Paraíso	Zona Rural
Segunda fase da campanha – Zona Rural e sede			
09/09	Caminhada	Campinho	Sede
10/09	Comício	Ponta Branca	Zona Rural
11/09	Caminhada	Antigo Aeroporto e Santa Luzia	Sede
12/09	Comício	Campo Novo	Zona Rural
13/09	Caminhada	Ilha de Ventura/Matadouro	Sede
18/09	Comício	Pirinã	Zona Rural
20/09	Caminhada	Matadouro → São Benedito	Sede
23/09	Visitação	Alcântara	Sede
23/09	Reunião	Pirinã	Zona Rural
24/09	Reunião	São Caetano	Zona Rural
25/09	Visitação	São José	Sede
25/09	Reunião	Santa Vitória	Zona Rural
26/09	Visitação	Associação Comercial	Sede
26/09	Reunião	Bubalina	Zona Rural
27/09	Carreata	Bom Viver → Pacas	-
28/09	Reunião	Cuba	Zona Rural
30/09	Caminhada	Pacas	Zona Rural
01/10	Comício	Paraíso	Zona Rural
02/10	Passeata	João Castelo → Centro	Sede

**Fonte:** Coordenação geral de campanha de José Arlindo

Nas eleições em Pinheiro, estavam tais eventos divididos em diversas modalidades, dentre as quais comícios, carreatas, reuniões, visitasões, caminhadas e passeatas. Esses momentos estiveram divididos em dois períodos distintos: no primeiro, foi privilegiada a zona rural da cidade, estendendo-se pelo mês de agosto. Posteriormente, de setembro até a eleição, eventos tanto na zona rural como na sede foram mesclados. O destaque para a zona rural explica-se por três motivos: primeiramente, as obras realizadas por Filuca Mendes nos povoados. Em muitas falas dos candidatos, as melhorias eram destacadas, pedindo o voto dos eleitores daquela localidade para que o trabalho não parasse, reportando-se sempre ao bordão da coligação “O trabalho não pode parar!”:

O apoio que o prefeito Filuca deu a vocês nesses últimos oito anos vai continuar. Vocês sabem que as comunidades há oito anos atrás eram esquecidas, eram marginalizadas, não tinham contato com o prefeito e hoje essa realidade é diferente. Hoje o prefeito está nas comunidades, o prefeito está em contato com as lideranças, o prefeito está visitando as comunidades e esse mesmo trabalho nós vamos continuar, esse mesmo trabalho nós vamos continuar desenvolvendo no nosso município. Então meus amigos, é por isso que Zé Arlindo está aqui juntamente com Dr. Rui para pedir o voto de cada um dos senhores para que a gente possa estar fazendo com que o trabalho não possa parar (Discurso de José Arlindo no povoado Campo Novo em 12/09/09).

Outro motivo para o destaque para a zona rural é a divisão do município. Píneiro é dividido em 187 povoados e a sede. Os povoados deviam ser contemplados sem exceção pelos candidatos<sup>67</sup>.

Por fim, as raízes do candidato. José Arlindo acionou sua origem interiorana em diversas oportunidades, colocando-se no mesmo nível daqueles que ouviam seu discurso.

Detalharei um pouco melhor cada evento em seguida, exceto as reuniões, por ter sido o único evento no qual não tive a oportunidade de acompanhar o candidato José Arlindo em nenhum momento.

### 3.1. Comícios

Se antes os comícios eram tratados como o início do período eleitoral<sup>68</sup>, agora, perderam bastante significado por conta da impossibilidade legal de fazer associações entre eventos políticos e atrações culturais (mais destacadamente os “showmícios”). Antes do fim dos “showmícios”, boa parte da população prestigiava o evento por conta da associação do acontecimento político com o cultural. A lei 9.504/07 de 30 de setembro de 1997, em seu artigo 39, parágrafo sétimo, afirma que “é proibida a realização de “showmício” e de evento assemelhado para promoção de candidatos, bem como a apresentação, remunerada ou não, de artistas com a finalidade de animar comício e reunião eleitoral”.

Além do fim dos “showmícios”, a crescente influência dos meios de comunicação também pode ser mencionada enquanto parâmetro na perda de importância

<sup>67</sup> Como destacou Irllys Barreira, “o político que deixa de visitar o bairro é lembrado de forma negativa pelos moradores. „O único candidato que não veio aqui foi fulano de tal” (BARREIRA, 1998, p. 89).

<sup>68</sup> Moacir Palmeira & Beatriz Heredia afirmam que os comícios sinalizavam o início do período eleitoral. Segundo os autores, “antes do primeiro comício, as pessoas dizem: a campanha está começando, mas de fato ela não começou; ela começa mesmo com os comícios” (PALMEIRA & HEREDIA, 1995, p. 35).

dos comícios. Antonio Rubim, no texto *Novas configurações das eleições na idade mídia*<sup>69</sup>, expõe as relações entre as eleições e a mídia. O autor concorda com as idéias de Alejandro Alonso, que afirma haver

um deslocamento do espaço fundamental no espaço privilegiado e no eixo central das campanhas políticas: do comício na rua para o programa na tela. Não que os comícios deixem de existir ou de ter papel eleitoral significativo, mas o cerne da campanha passa a ser o espaço eletrônico, especialmente o televisivo, devido à sua abrangência e seu potencial impacto (ALONSO Apud RUBIM, 2001, p. 177).

O fim daquela prática de campanha afetou sua dinâmica, uma vez que nas eleições anteriores, havia pelo menos um comício por semana. Dessa vez, os candidatos fizeram apenas um comício na sede do município, já no fim do período. Nos povoados<sup>70</sup>, porém, essa modalidade de evento continuou tendo bastante significado.

A dinâmica que cercava o evento está próxima à trabalhada por Palmeira & Heredia (1995), com exceção da participação dos artistas<sup>71</sup>. Um apresentador oficial, duas áreas distintas no palanque, em espaço grande para o evento (praças na maioria das vezes), convidados e políticos ocupando o mesmo espaço, mas com diferenças entre os demais componentes do palanque. Havia a clara diferença entre um candidato a vereador sem chances de eleição e um deputado estadual que pede voto ao candidato a prefeito e a seus vereadores, etc.

O palanque era dividido em duas áreas. Na “frente” ficavam os políticos que proferiam seus discursos, os próximos a fazê-lo e o apresentador do evento. No “fundo” ficavam vários apoiadores

O maior comício ocorrido na cidade no período eleitoral foi do candidato José Arlindo no dia 02 de outubro. Foi o maior evento, uma vez que reunia características de comício, carreatas e passeatas: teve como início um local pré-determinado tal como

<sup>69</sup> Enquanto *Idade Mídia*, o autor conceitua-a como a época de “sociabilidade estruturada e ambientada pela comunicação, especialmente em sua versão midiaticizada” (RUBIM, 2001, p. 174).

<sup>70</sup> Chamo de povoado os locais situados na zona rural do município. A população chama tais locais de “interior”.

<sup>71</sup> Os autores afirmavam que “um palanque que se preze [...] deverá comportar, necessariamente, autoridades, artistas e convidados” (Palmeira & Heredia, 1995, p. 44). Em outro ponto do estudo, expõem a “relação orgânica” dos artistas com os comícios: “não encontramos um só grande comício que faltasse, para animá-lo, uma orquestra de frevo, um conjunto de rock, um grupo folclórico” (Palmeira & Heredia, 1995, p. 45). Importante ressaltar que a pesquisa dos autores foi feita no início da década de 1990. Desde então, a legislação eleitoral passou por mudanças que foram decisivas para a alteração de certos eventos durante uma campanha eleitoral em município de pequeno e médio porte, como é o caso de Pinheiro.

uma passeata, atravessou boa parte da cidade, como uma carreata e foi finalizado com um comício em praça pública.



**Ilustração 09:** Último comício de José Arlindo na Praça José Sarney

Todos os candidatos a vereador da coligação estavam no palanque, bem como os candidatos a vice-prefeito e a prefeito. Também compunham o espaço Filuca Mendes, seu filho e deputado estadual Victor Mendes, além do apresentador do comício<sup>72</sup> e da “terra de ninguém”<sup>73</sup>. No caso de Pinheiro, essa zona era constituída por empresários que apoiavam a coligação, alguns familiares dos candidatos, cabos eleitorais, funcionários públicos com cargos importantes, como diretores de hospitais e/ou de escolas, seguranças, etc. Por diversas vezes durante o referido evento, pude subir ao palanque, por convite de pessoas que me reconheceram em outras ocasiões, mas preferi não fazê-lo.

Segue um quadro com alguns nomes que participavam com freqüência de eventos apoiando o candidato José Arlindo:

---

<sup>72</sup> O apresentador do programa, João Morais, já foi vereador, é apresentador de programa televisivo no sistema de comunicação de propriedade de Filuca Mendes e durante a campanha, cuidava da agenda do candidato José Arlindo, marcando reuniões, caminhadas, gravações de programas de TV, etc.

<sup>73</sup> Segundo Palmeira e Heredia, essa região aquela “que se forma na parte de trás do palanque, reunindo o pessoal das comitativas dos políticos e candidatos, convidados menos ilustres e ainda alguma autoridade ou convidado importante que procuram momento de formalidade nas rodas de conversa que ali se formam (1995, p. 49-50).

**Quadro 14: Alguns apoiadores do candidato José Arlindo**

Apoiador	Ramo empresarial / função
Atanagildo Guterres	Empresário farmacêutico
Renato Moreira	Empresário imobiliário
Fábio Nascimento	Diretor do Hospital Materno Infantil
Joel Nunes	Diretor do DETRAN (ex-vereador)

No que diz respeito à ordem dos discursos desse referido comício, as falas começaram em ordem ascendente no que tange a importância dos oradores<sup>74</sup>. Primeiro falaram os candidatos a vereador com menor expressão, seguidos daqueles com mais tempo de aliança com os Mendes, bem como os favoritos a ocuparem mandatos na Câmara Municipal; posteriormente Victor Mendes fez seu um discurso de apoio aos candidatos, incentivando a população a votar nos pleiteantes ao legislativo local da coligação apoiada por sua família<sup>75</sup>; em seguida, Filuca Mendes, deu continuidade à solenidade; por fim, os candidatos a vice-prefeito e a prefeito enceraram o evento.

Os comícios em povoados da cidade eram menores por conta da infraestrutura do local. Porém, foram mais numerosos que na sede. Consegui ir a dois, ajudado pela equipe de apoio do candidato José Arlindo, mais especificamente alguns funcionários da prefeitura que trabalhavam em hospitais.

A dinâmica envolvia a população da localidade, os apoiadores dos candidatos, tanto a vereador como a prefeito, cabos eleitores, entre outros agentes que faziam parte do processo eleitoral.

O processo de preparação dos comícios nos povoados era semelhante. Alguns líderes da *facção* reúnem-se no fim da tarde no *Bar do Riba*, próximo à saída da cidade. Ônibus e caminhões levam pessoas para fazer panfletagem e empunham bandeiras com o número dos candidatos já no meio da tarde. O carro de som principal (um trio elétrico de médio porte) servia de palanque para que os candidatos fizessem seus discursos. Dado o reduzido espaço em tal veículo, apenas alguns candidatos a vereador iam para o povoado, junto com os candidatos a vice-prefeito e a prefeito. Nesse momento, sobem ao palanque também um cinegrafista do sistema

<sup>74</sup> Em estudos sobre as origens, a rede política e os recursos eleitorais do candidato Flávio Dino na eleição para deputado federal em 2006, José Barros Filho (2008) também evidenciou a ordem crescente em importância dos políticos que apoiavam o candidato no referido pleito. O comício acompanhado pelo pesquisador aconteceu no povoado Santo Exedito, próximo ao município de Caxias, interior do Maranhão.

<sup>75</sup> Após o seu discurso, Victor Mendes se ausentou do comício, pois tinha compromisso em outro evento da mesma natureza em Santa Helena, cidade vizinha a Pinheiro.

de comunicação pertencente a Filuca Mendes para captar imagens para serem veiculadas no programa eleitoral dos candidatos da coligação.

Nas imagens abaixo, pode-se perceber como acontecia um comício no povoado Campo Novo. Na primeira, vemos que o trio elétrico era composto por candidatos a vereador (apenas alguns), candidatos a prefeito e vice, Filuca Mendes, principal apoiador da candidatura, o apresentador do evento e membros da equipe de marketing, como cinegrafista (que obtinha imagens a serem veiculadas no programa eleitoral na TV).



**Ilustração 10:** Comício de José Arlindo no povoado Campo Novo

Na segunda foto, apoiadores da candidatura que estavam sempre presentes em eventos da campanha, independente qual fosse. Na imagem, observa-se Dogival, taxista, Fábio Nascimento e José Fernandes Júnior, Diego Moura, advogado da candidatura, Rodrigo Guterres e sua namorada, Joel Nunes e sua esposa. Fábio, José Fernandes e Rodrigo são funcionários do Hospital Materno Infantil, mantido pela prefeitura de Pinheiro. Joel Nunes já foi vereador na cidade e atualmente é diretor regional do DETRAN<sup>76</sup>.

<sup>76</sup> A presença dessa comitiva reforça as palavras de Karina Kuschnir, quando afirma que “manter o candidato sempre acompanhado de um grupo de assessores é outro aspecto fundamental dos rituais de campanha [...] A companhia de motoristas, secretários, assessores e militantes marca a posição diferenciada do candidato em relação aos demais. Ele está no centro, ao redor do qual giram as pessoas comuns. A força simbólica dessa dinâmica é grande” (2002, p. 256-7).



**Ilustração 11:** Apoiadores de José Arlindo em comício no povoado Campo Novo

Um dos momentos privilegiados durante esse tipo de evento para a obtenção de informações é sua preparação. Essas observações *in loco* eram momentos ricos para apreensão de elementos que só podem ser obtidos com o acompanhamento do processo eleitoral de dentro da *facção*. Cito como exemplo o traslado para povoados no carro de apoiadores importantes. Nesse momento, conversávamos sobre as chances de cada candidato, da situação dos apoios externos à cada concorrente, quais vereadores tinham chance na coligação e quem das outras poderia atrapalhar os planos da *facção*, a situação política de municípios próximos, entre outros temas.

Outro momento chave para as observações era a preparação feita pelos apoiadores e alguns candidatos a vereador antes de acontecimentos na zona rural. Sempre acontecia no mesmo local, o *Bar do Riba*, com fartura de carne e cerveja para os membros da comitiva<sup>77</sup>. Em uma determinada situação, presenciei um candidato a vereador articulando o quealaria em discurso no povoado Nova Ponta Branca. Ele estava discorrendo sobre as ofensas dos adversários, que acusavam-no

<sup>77</sup> O *Bar do Riba* era estratégico por conta de sua localização, ficando a menos de 1 km de uma das saídas da cidade. A dinâmica aproxima-se do que Kuschnir trabalhou em *Rituais de comensalidade na política* (2002). A diferença, contudo, era que o bar não era ponto de encontro específico de uma *facção*, não se faziam discursos ou panfletagem no local e o dono e os garçons reservam-se (ou seja, não tomam partido de candidatos) durante a jornada de trabalho. Se a preparação dos eventos era feita no *Bar do Riba*, após os eventos, o local escolhido para os membros da *facção* jantarem era o restaurante localizado em um parque municipal, o *Parque do Babaçu*. Tais momentos estendiam-se de meia noite até as três da manhã em média.

de não possuir residência fixa em Pinheiro<sup>78</sup>. O candidato disse aos presentes no bar que diria à população que tinha a resposta para os ataques dos adversários, dizendo que, independente de sua casa, ele morava no coração dos seus pacientes e de seus eleitores. Tal discurso foi repetido em dois comícios naquela noite.

Importante destacar que, *a priori*, o dono do estabelecimento não tinha vínculos com os membros da coligação. Com relação às outras candidaturas majoritárias, não soube de um local específico para os preparativos da comitiva antes dos eventos.

### 3.2. Carreatas

Se antes as carreatas eram o momento preparatório para o comício<sup>79</sup>, em Pinheiro elas eram um evento de campanha propriamente dito. Como foi dito, dada a impossibilidade legal de fazer o “showmício”, os comícios ficaram de certa forma esvaziados. Na campanha que pude acompanhar em Pinheiro, as carreatas ganharam destaque, servindo como um parâmetro para a população medir a força de cada candidato. Algumas pessoas faziam a conferência da quantidade de veículos que cada candidato arrastava consigo.

Normalmente, as carreatas iniciavam em um ponto extremo da cidade, ou mesmo um povoado próximo e cortavam a cidade de ponta a ponta pela rua principal. Ao fim, havia um comício como encerramento da programação. Percebe-se tal grau de importância pela programação oficial do comitê dos candidatos. Ao serem questionados sobre o evento que haveria em determinado dia, os organizadores diziam que era uma carreata e não um comício. Se antes a carreata era um apêndice do comício, na campanha em Pinheiro a ordem se inverteu e o comício era um prolongamento da carreata.

Os três candidatos fizeram carreatas, sendo a maior a do candidato José Arlindo, no dia 27 de setembro. Nesse mesmo dia, no período da manhã, aconteceu uma carreata de Dr. Léo e o “contador de veículo” que me passava as parciais con-

---

<sup>78</sup> Leonardo Sá é médico, paraibano e chegou em Pinheiro em meados de 2004. Até a época das eleições de 2008, residia em um hotel no centro da cidade. Para a campanha, alugou uma casa para que servisse de base.

<sup>79</sup> Palmeiras e Heredia afirmam que “todo comício supõe uma preparação [...] O desfile ruidoso de ônibus, caminhões, carros de passeio, motocicleta e outros veículos, com toques de buzinas, foguetes, gritos, slogans e música, além de faixas e bandeiras, pelas estradas do município ou pelas ruas da cidade-sede, transforma o simples deslocamento de eleitores para comícios em carreatas, hoje talvez parte indispensável de qualquer grande comício” (PALMEIRA & HEREDIA, 1995, p. 40-2).

tabilizou 68 veículos (excluindo as motos). Já no evento de José Arlindo, o “contador” disse que não conseguiu contabilizar. Tentei checar essa informação e o chefe do comitê de José Arlindo afirmou que em torno de 400 motos e 500 carros participaram da manifestação. CDs com os *jingles* do candidato eram distribuídos na concentração aos condutores dos veículos. A concentração foi no povoado Bom Viver no fim da tarde, atravessou a cidade no início da noite e finalizou no povoado Pacas<sup>80</sup>. Ao fim do evento, houve um comício.



**Ilustração 12:** Momento de preparação para carreatas

Vale destacar que o rapaz que fazia as “estatísticas” era simpatizante da candidatura de José Arlindo. Porém, pelo que pude acompanhar, as discrepâncias percebidas por ele em sua contabilidade não estavam longe dos números reais. O volume de veículos nos eventos dos candidatos era discutido entre a população. Ter um grande número de carros e motocicletas era uma demonstração de força, por parte dos candidatos, bem como de seus apoiadores e/ou simpatizantes.

Em textos sobre os comícios, Palmeira e Heredia (1995) afirmam que tais eventos podem ser lidos pelo eleitorado como demonstração de força. À época, 1995, os comícios eram o principal evento de uma campanha, podendo haver mais de um por noite. A candidatura que tivesse esse acúmulo de comícios no mesmo dia era vista como forte: “uma seqüência regular de comícios parece absolutamente necessária para mostrar o vigor de uma candidatura, assinalar que há perspectiva de vitória e, assim, comprometer os eleitores nesse movimento” (p. 35). Como já exposto no ponto sobre os comícios, após o fim da associação entre o evento político e o

---

<sup>80</sup> Do Bom Viver para a sede de Pinheiro são aproximadamente 14 km e para Pacas são mais 9 km, totalizando 23 km.

cultural, os “showmícios”, tal modalidade de campanha perdeu grande parte de sua relevância. Em Pinheiro, os eventos que podiam ser classificados como marcadores de demonstração de força eram as carreatas.

Tal expressão de poder pode reforçar o “voto útil”. Segundo Christian Le Bart, um candidato favorito ganha cada vez mais força por conta dessa condição. Dessa forma, certos eleitores votam naquele candidato para não desperdiçarem seu voto. O autor alerta para o fato e sua relação com os meios de comunicação: “os favoritos, reputados como possíveis vencedores são tratados como tais pela mídia... e pelos eleitores, sempre dispostos ao voto útil [...] a classificação dos candidatos em favoritos, outsiders e azarões produz terríveis efeitos de realidade” (LE BART, 1992, p. 196).

As carreatas nesse sentido, além de serem eventos de explícita demonstração de força para o eleitorado como um todo, evidenciava o amplo favoritismo de um dos candidatos, situação que poderia ser usada para angariar mais votos entre aqueles que ainda não tinha decidido em quem votar.

### 3.3. Passeatas

Essa modalidade tinha um roteiro fixo, pontos determinados para chegada e saída da comitiva. Normalmente, boa parte da cidade era contemplada pelo evento e as aglomerações andavam pela rua principal da cidade. Os horários variavam muito, saindo tanto pela manhã como no fim da tarde. Na frente da comitiva, ia o candidato, seu séqüito de candidatos a vereador (todos), sua equipe de campanha, bem como seus apoiadores. Logo atrás, diversas pessoas empunhando bandeiras do candidato a prefeito e dos candidatos a vereador. As famílias dos candidatos sempre se faziam presente. No final do cortejo, carros e motos avolumavam o evento. As passeatas normalmente não eram feitas na principal rua da cidade, mas sim nas suas paralelas. O fim do evento era marcado por um comício de pequenas proporções. No caso do candidato José Arlindo, as palavras do comício eram proferidas em cima do trio elétrico que o acompanhava pelos comícios nos povoados.



**Ilustração 13:** Passeata de José Arlindo.

Por vezes, o trajeto das passeatas passava próximo a locais associados a outros candidatos, como comitês de campanha. Nesses momentos, em certas localidades a tensão aumenta, sendo necessária a intervenção judicial para que o evento transcorra tranquilamente<sup>81</sup>. No caso das caminhadas em que o percurso passava próximo a ponto de políticos das coligações rivais, não houve transtorno de nenhuma das partes. Na passeata apresentada na imagem a acima e na próxima, a multidão aglomerou-se a uma quadra do comitê de campanha de Dr. Léo e passou em frente aos comitês de César Soares (candidato a vereador na coligação de Dr. Léo) e de Luciano Genésio. A foto abaixo mostra o momento em que a comitiva passava ao lado do comitê deste último. Ao saber que o evento contemplaria aquela rua, pessoas ligadas ao candidato adversário mobilizaram-se para tentar “atrapalhar” a passagem. Carros de som foram acionados e uma panfletagem foi mobilizada para o “contra-evento”.

---

<sup>81</sup> Nas eleições de Acaraú, Ceará, a justiça teve de se fazer presente para evitar conflitos de maiores proporções, haja vista a cidade ser “dividida” durante o período eleitoral. Ao organizar eventos em locais “neutros” os candidatos estavam impedidos de passar em frente ao comitê de campanha do adversário e a 200 metros do Fórum, além de obrigatoriamente, acontecerem em dias diferentes (BARREIRA, 2006, p. 329).



**Ilustração 14:** Passeata de José Arlindo junto ao comitê de Luciano Genésio

#### 3.4. Caminhadas

Tal modalidade de campanha era mais recorrente, pois não demandava uma grande estrutura, podendo acontecer em qualquer ponto da cidade. Normalmente, o candidato chegava com sua equipe, alguns candidatos a vereadores e apoiadores distribuindo santinhos e colando cartazes nas casas dos eleitores.



**Ilustração 15:** Cabos eleitorais do candidato José Arlindo colando cartazes durante caminhada pelo bairro Antigo Matadouro.

Os candidatos conversavam com as pessoas do bairro visitado e depois encerrava com algumas palavras – mas esse pequeno discurso não era regra.

A coordenação geral de campanha pré-determinava que candidatos a vereador acompanhariam o candidato a prefeito. Porém, alguns eram mais recorrentes que outros. Alguns iam em caminhadas em suas bases eleitorais, como o candidato Jaelson Sousa, originário do povoado Pacas, Jucildo Azevedo, da localidade Vila Matias e Antônio Guterres (Capadinho), de Campo Novo<sup>82</sup>. Alguns candidatos não participavam com tanta frequência por conta de suas atividades profissionais, como o médico Leonardo Sá e o então secretário de educação do município Antônio Mito-so. Ambos, porém, mandavam seus cabos eleitorais para estar representados.



**Ilustração 16:** Gilmar Soares (de vermelho, à esquerda), José Arlindo e Gaguinho (de azul escuro) em caminhada pelo bairro de Antigo Aeroporto.

---

<sup>82</sup> Em pesquisa sobre as eleições municipais na cidade de Nova Palma, Rio Grande do Sul, em 1996, Odaci Coradini identificou a presença de candidatos a vereador vinculados às suas localidades em eventos de campanha. Destaca o autor a impossibilidade de todos os candidatos a vereador comparecerem aos eventos. Dessa forma, em tais situações, participavam “os mais diretamente vinculados à localidade em pauta e das mais próximas e os de nível mais geral, especialmente a prefeito ou a vice-prefeito, além dos demais candidatos e cabos eleitorais eventualmente presentes” (CORADINI, 1998, p. 105).



**Ilustração 17:** Da esquerda para a direita: José Arlindo, Reizinho (dentista) e Joel Nunes em caminhada pelo bairro de Antigo Matadouro.

### 3.5. A caravana náutica

A coordenação de campanha organizou um evento no povoado onde o candidato José Arlindo foi criado, às margens do Rio Pericumã, tendo sido único, uma vez que, mesmo que lembrasse as características de uma reunião, sua dinâmica diferia daquele tipo de congregação. Toda uma preparação estava articulada com o momento, desde a saída da entrada da cidade até o ponto final do percurso, bem como seu desenvolvimento. Tal fenômeno não voltou a se repetir durante a campanha por parte de nenhum dos candidatos.

A comitiva contava com o candidato, João Morais, responsável pela agenda de José Arlindo, o candidato a vereador Jucildo, dois apoiadores, o empresário do ramo farmacêutico Atanagildo Guterres, dois cinegrafistas e um segurança.

Após uma série de eventos de que o candidato participou durante o mês de agosto, privilegiando a zona rural do município, a caravana náutica foi o penúltimo evento do mês, acontecendo no dia 31 de agosto, um domingo, com início na entrada da cidade, próximo a ponte sobre o rio Pericumã e saiu em caravana até chegar ao povoado Vila Matias. Em torno de 50 embarcações participaram da caravana, cada uma com três pessoas em média. Algumas continham cabos eleitorais do can-

didato Jucildo, proveniente da Vila Matias, local de chegada do percurso. Algumas embarcações ficavam pelo caminho durante o traslado.

Durante o percurso, diversas vezes o candidato acenou para o público, que ia em pequenas embarcações<sup>83</sup>, enquanto aquele ia no barco<sup>84</sup> de João Morais, aliado da família Mendes há muitos anos, que cuidava da agenda do candidato. Diversas pessoas que estavam na caravana não foram até o destino final, dada suas residências serem ribeirinhas e em algum ponto do trajeto.



**Ilustração 18:** Candidato José Arlindo na Caravana Náutica. No lado esquerdo, o candidato a vereador Jucildo

Após a chegada no local, uma refeição foi oferecida aos membros da comitiva do candidato. Camarão seco foi o prato principal acompanhado de cerveja. Os preparativos foram feitos pelo dono da casa onde foi servida a comida<sup>85</sup>. Aproximadamente 50 pessoas participaram da finalização evento. O candidato a vereador Jucildo e José Arlindo proferiram discursos onde reafirmaram seus laços com o povoado, destacando o potencial econômico do local.

<sup>83</sup> Iniciei o trajeto em uma dessas pequenas embarcações, conseguindo acesso ao barco onde se encontrava o candidato e sua equipe durante o percurso.

<sup>84</sup> O barco usado no trajeto serve como embarcação turística, haja vista que o seu proprietário mantém um bar as margens do Rio Pericumã.

<sup>85</sup> Essa dinâmica assemelha-se à descrita por Kuschnir enquanto *ritual de comensalidade*. Segundo a autora, tal ocasião é caracterizada pelo “consumo de comida e bebida por parte de eleitores e candidatos” e serve para “reforçar a atualizar papéis sociais”, haja vista que “conquistar votos não é a motivação principal desses rituais, uma vez que a maioria dos participantes já está predisposta a votar no candidato celebrado” (KUSCHNIR, 2002, p. 243).

O material necessário para o discurso feito após a refeição foi providenciado pela equipe do candidato: microfones, caixa de som, etc<sup>86</sup>.



**Ilustração 19:** Candidato José Arlindo durante reunião no povoado Vila Matias após a Caravana Náutica.

No caso da reunião em Vila Matias, o motivo preponderante para a elaboração do evento foi o fato de o candidato ter sido criado na localidade. José Arlindo destacou esse vínculo com a localidade em discurso, citando em algumas oportunidades que tinha morado no povoado.

Em um momento posterior, o candidato, a pedido dos cinegrafistas da equipe de *marketing*, representou o papel de pescador.

---

<sup>86</sup> Karina Kuschnir discorre acerca das disposições que as pessoas têm para preparar e receber um candidato, destacando que, mesmo que os políticos tenham uma imagem negativa na sociedade como um todo, as pessoas tem muita disposição para gastar tempo e dinheiro na preparação de eventos como esses (KUSCHNIR, 2002, p. 251).



**Ilustração 20:** Candidato José Arlindo durante reunião no povoado Vila Matias após a Caravana Náutica.

### 3.6. Notas finais sobre os eventos de campanha

Os eventos de campanha abordados nesse capítulo, por um lado, apontam para traços recorrentes em eleições de municípios de pequeno e médio porte, mas, por outro, para transformações advindas da mudança das leis que regem as eleições. Em primeiro lugar, muitas modalidades são desenvolvidas pela equipe dos candidatos, cada uma com sua particularidade, porém, pode acontecer de um evento mesclar características de dois ou mais eventos, tal como as carreatas e a caravana náutica. Outro ponto de destaque é a divisão de eventos entre a sede do município e a zona rural. O candidato José Arlindo percorreu grande parte dos povoados da cidade, dando ênfase àquelas localidades na primeira parte do período de campanha. Posteriormente, intensificou sua campanha na zona urbana. As preparações dos eventos diferiam de acordo com o local que aconteceriam. Se na zona rural, os preparativos iniciavam no meio da tarde, com o cortejo de aderentes da campanha, equipe logística, entre outros. Depois, seguiam os principais apoiadores da candidatura, candidatos a vereadores, etc., que se preparavam em bares na saída da cidade. Já na sede do município, os eventos aconteciam em sua maioria na periferia e não contava com grandes preparações.

No entanto, o que mais chamou atenção na pesquisa foi a mudança na dinâmica de certos eventos, destacadamente os comícios, por conta da alteração da lei

eleitoral. Após a impossibilidade da associação de eventos culturais com o político, o caráter festivo dos comícios perdeu força. Todavia, essa festividade aparece em outros momentos, como as carreatas, passeatas e caminhadas.

#### 4. Papel picado e palanque televisivo: a utilização de recursos midiáticos em uma eleição municipal

Com a pesquisa de campo, foi possível coletar uma vasta gama de materiais de apresentação dos candidatos, que iam desde áudios, materiais impressos e gravações do Horário Eleitoral Gratuito. Elenco os recursos dos candidatos destacados no Horário Eleitoral e as formas de auto-apresentação usadas no pleito em 2008, tanto na eleição majoritária como na proporcional.

O material de campanha é importante na medida em que expõe para o eleitor os trunfos dos candidatos, bem como tenta fazer com que ele seja reconhecido pelos votantes. Tal reconhecimento pode ser percebido de duas formas: a primeira refere-se ao conhecimento do candidato por parte do eleitor, isto é “como identificação concreta de uma pessoa conhecida”; a segunda leva em conta o legitimidade daquele candidato, enquanto um bom político, ou seja, “a idéia do reconhecimento de alguém ou de alguma coisa como boa, verdadeira ou legítima”<sup>87</sup> (SCOTTO, 1996, p. 166).

Em boa medida, os materiais de campanha servem para expor os candidatos ao eleitorado, oferecendo opções na eleição. Fazendo uma comparação entre a política e o mercado, Gabriela Scotto trabalha essa questão, evidenciando as difusas fronteiras entre tais esferas. A autora aborda a participação dos profissionais de marketing no universo da política e como atuação modificou tal esfera. O político seria então o produto de um mercado político, enquanto o eleitor seria o consumidor.

A representação mercadológica da vida política durante as eleições vê os adversários políticos como “concorrentes” disputando o mercado de eleitores (consumidores) com os mesmo métodos com que os fabricantes de *sa-bonetes* disputam o mercado. Trata-se de vender o produto (candidato) principalmente por intermédio dos meios de comunicação de massa, individualizando e tornando direta (sem mediações) a relação do candidato-produto com o eleitor-consumidor (SCOTTO, 2003, p. 50).

Nesse sentido, o *marketing* político é fundamental para a apresentação dos candidatos, principalmente em uma época em que o esvaziamento político dos discursos é a tônica em muitas campanhas, sendo que essa parte do período eleitoral

---

<sup>87</sup> A autora sustenta-se na idéia de Pierre Bourdieu. Esse, afirma que o capital político, que tem como alicerce a notoriedade e a popularidade do agente, é “firmado no facto de *ser conhecido* e *reconhecido* na sua pessoa (de ter um „nome“, uma „reputação“, etc.) e também no facto de possuir um certo número de qualificações específicas que são a condição de aquisição e da conservação de uma „boa reputação” (BOURDIEU, 2007, p. 190-1).

consiste numa troca entre candidatos e eleitores, em que o candidato se coloca no mercado de eleitores e emprega as modernas técnicas de *marketing*, especialmente a pesquisa de *marketing* e a propaganda comercial, a fim de maximizar a “aquisição” de votos (SCOTTO, 2003, p. 51).

Dessa forma, os materiais de campanha (santinhos, cartazes, panfletos e *jingles*) e os programas veiculados no Horário Eleitoral Gratuito foram analisados visando apreender as estratégias de auto-apresentação (títulos, trunfos e repertórios usados na construção biográfica), os investimentos de associação com políticos de nível local, estadual e nacional, as tentativas de inscrição na história do município, além de captar os elementos ativados para a desqualificação dos adversários. No mesmo sentido foram observados, dois periódicos locais, pertencentes a membros de *coalizões* locais.

#### 4.1. A individualização do candidato: os santinhos

O “santinho” prima pela individualidade dos candidatos e é a forma mais comum de apresentação dos mesmos. É a única que todos os candidatos utilizam, desde os 89 candidatos a vereador até as três candidaturas majoritárias. Por conta dessa individualidade e da simplicidade das peças publicitárias, os candidatos a vereador serão contemplados nesse ponto da dissertação. Aliado a isso, a pequena utilização de tais peças pelos candidatos a prefeito, sendo o santinho preferido pelos candidatos a vereador. A campanha majoritária é feita com cartazes ou panfletos, que são maiores e de acabamento gráfico de maior qualidade.

Gabriela Scotto (2003) em pesquisa acerca dos materiais de campanha dos candidatos na eleição municipal de 1992 na cidade do Rio de Janeiro atenta para a variedade de peças publicitárias usadas pelos políticos. A autora analisa os “panfletos”, afirmando que existe uma infinidade de tipos de propagandas dessa natureza:

Eles circulam em uma quantidade e em uma variedade assombrosa [...] com tamanhos que iam desde uma folha de tipo ofício dobrada ao meio com as quatro faces impressas até os menores, em tamanho de bolso<sup>88</sup>. Distinguem-se pela qualidade de impressão, pela forma e presença ou não de texto. Todos, salvo raras exceções, trazem impressa uma foto do candidato (SCOTTO, 2003, p. 171).

<sup>88</sup> Especificamente sobre essa modalidade, Scotto afirma que “estes panfletos menores, quando trazem uma foto do candidato, são chamados „santinhos”, em razão de sua semelhança com as estampas de santos” (2003, p. 179).

Via de regra, a frente da peça conta com a foto do candidato, nome, número e um slogan, tal como “Nesse você pode confiar!”. O verso é consagrado a uma “didática eleitoral”, ou seja, ensina-se o leitor a forma como se deve votar – no candidato do santinho.

Palmeira & Heredia afirmam que, até meados da década de 1990, parte da população brasileira, por ser analfabeta, tinha de ser ensinada a votar, aprendendo a “desenhar” o número do candidato (1995, p. 60). Com a inserção das urnas eletrônicas, o problema foi minimizado, haja vista que a foto do candidato fica disponível, caso o eleitor digite corretamente, podendo corrigir seu voto em caso de digitação.

A maioria dos santinhos dos candidatos a vereador em Pinheiro seguia esse padrão. Grande parte, porém, não era elaborado graficamente pelos candidatos, ficando a cargo das equipes das coligações sua confecção. Poucos casos fugiam a essa regra, como por exemplo, os santinhos dos candidatos Jadilson Jarbas do Carmo, o Gaguinho<sup>89</sup>, e Lutiellen Layanna Bastos Sá, Layanna Ferreira<sup>90</sup>.

No primeiro caso, o santinho de candidato segue o esquema geral como informações do candidato na parte da frente, a forma como votar no mesmo na parte posterior e uma referência à candidatura majoritária de sua coligação – José Arlindo. O vínculo com a cidade está na imagem de fundo, onde vê-se o rio que corta a cidade e os campos alagados. A frase de ordem que Gaguinho usou, “Juventude e competência comprovada” remete à sua idade, 30 anos à época da campanha e o sucesso de sua empresa, *Só festa produções*, que promove eventos culturais na cidade<sup>91</sup>. Sua atividade profissional aparece na peça publicitária em forma de um CD que substitui a letra “O” do seu apelido. O então candidato é dono de uma loja de CD’s em Pinheiro.

O próprio candidato fez a produção de sua peça publicitária. Segundo Gaguinho, alguns cursos<sup>92</sup> feitos deram a possibilidade de ser “seu próprio marqueteiro”.

---

<sup>89</sup> Jadilson Jarbas do Carmo é empresário do ramo artístico. Possui uma empresa de produção de eventos culturais, tal como shows musicais. Antes de adentrar no ramo empresarial foi radialista da Rádio Pericumã FM, de propriedade de Filuca Mendes. A Rádio faz parte de um sistema de comunicação que é presidido por Victor Mendes, filho de Filuca Mendes.

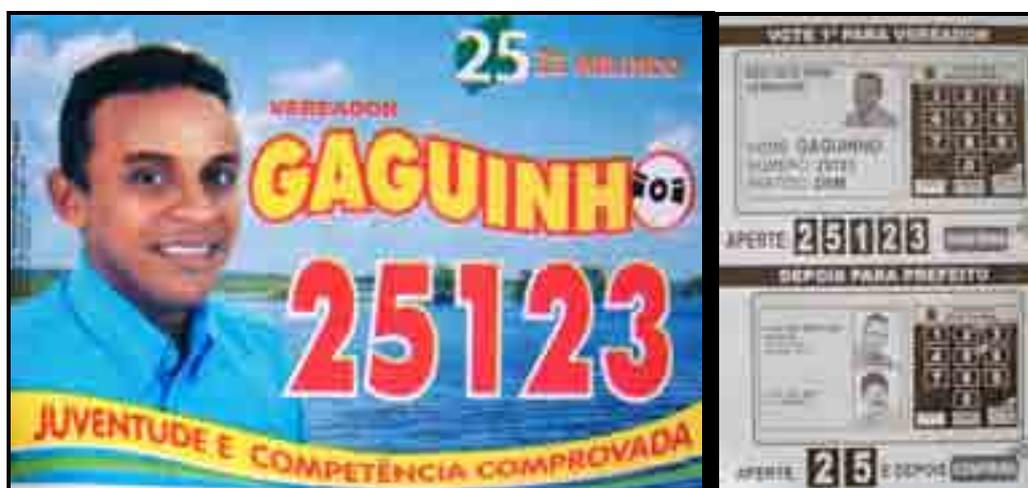
<sup>90</sup> Lutiellen Layanna Bastos Sá é filha de Tony Ferreira suplente de deputado federal e afilhado político de José Genésio.

<sup>91</sup> Tais eventos, em sua grande parte são shows de bandas de forró, normalmente uma vez a cada mês.

<sup>92</sup> Dois cursos de Marketing político oferecidos pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE. O primeiro de 90 dias e o segundo de uma semana.

Informou em entrevista os motivos dos elementos presente em seu santinho e a funcionalidade dos cursos feitos: “esse meu cartaz aqui já tem umas associações: esse rio identifica por Pinheiro, esse CD já dá pra imaginar... Aí então esse marketing já funcionou...” (Jadilson do Carmo, Gaguinho, entrevista em 16/08/09).

Para Gaguinho, os santinhos são importantes não apenas para os eleitores do presente, como também aqueles que ainda não votam, mas que em breve terão a chance de votar em um candidato<sup>93</sup>. Apesar de todo o empreendimento, não obteve êxito na eleição, conseguindo 780 votos, sendo o 16º mais votado, ficando como suplente.



**Ilustração 21:** Santinho do candidato Gaguinho

Já no caso da candidata Lutiellen Layanna Bastos Sá, ou apenas Layanna Ferreira, o santinho trazia a foto da candidata, seu número, o símbolo do partido (Partido Humanista da Solidariedade – PHS) e o slogan, além da foto de seu principal apoiador, seu pai, Tony Ferreira, juntamente com uma frase sobre ele.

Esses dois últimos elementos explicam a inserção de Layanna Ferreira no pleito, haja vista que é uma resposta aos acontecimentos políticos no seio da “oposição” à Filuca Mendes em torno de um ano antes das eleições<sup>94</sup>. A frase de ordem da candidata é “Contra a traição” e a oração sobre seu pai diz “Apoio: Tony Ferreira, vítima da maior traição política de Pinheiro”. No verso ainda aparecem duas vezes a frase “contra a traição”.

<sup>93</sup> O candidato referia-se às crianças que brincam com os santinhos. Essa parte da conversa foi travada antes da entrevista gravada, realizada em 16 de agosto de 2008.

<sup>94</sup> Situação explicitada no capítulo 2.



**Ilustração 22:** Santinho da candidata Layanna Ferreira

Se como afirmam Pêcheux e Wesselius acerca dos materiais impressos que “da ideologia dos autores ele só conserva o que é pertinente em relação ao contexto político e à conjuntura em que se situa” (PÊCHEUX E WESSELIUS Apud SCOTTO, 1996, p. 171), os dois santinhos ilustram bem tais situações. O santinho de Gagui-  
nho traz parte de seu currículo profissional e o de Layanna Ferreira uma referencia a um episódio que mudou o panorama do jogo político local às vésperas do pleito.

#### 4.2. Os panfletos

Se os santinhos são a individualização dos candidatos em um período de intensa busca por apoiadores que reforcem os políticos no jogo local, os panfletos evidenciam os vínculos obtidos pelos agentes.

Gabriela Scotto destaca os panfletos enquanto uma forma do candidato apresentar-se no jogo político, bem como expor seus apoiadores, evidenciando que o candidato não chega àquele momento sozinho. Segundo a autora

Os panfletos são uma forma de apresentação do candidato, de sua trajetória de vida, de seu rosto, de seu capital cultural, social e político. Eles apresentam um candidato que nunca está sozinho; além de um referencial partidário, o candidato tem família, amigos e „pessoas“ importantes que o apóiam. É com seu *passado* que o candidato chega ao presente para disputar a campanha (SCOTTO, 1996, p. 175).

Os panfletos das candidaturas majoritárias tinham suas particularidades: os de Dr. Léo enfatizavam os apoios do então governador do Estado, Jackson Lago,

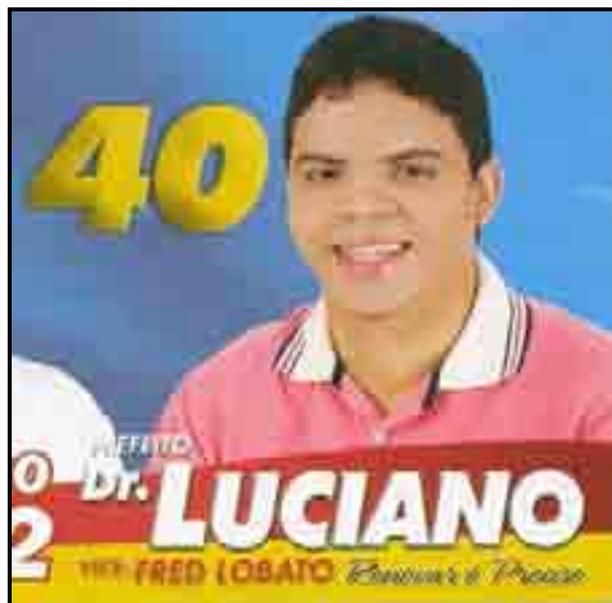
com sua foto e do Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, por conta do apoio do Partido dos Trabalhadores local. Alguns contavam com uma imagem dos campos alagados ao fundo, em uma tentativa de associação do candidato com a cidade. Destacadamente no material apareciam o número dos candidatos (12) e o lema (“O novo pra fazer melhor”). O mote fazia referência a um candidato diferente daqueles que sempre estavam no pleito, longe dos agentes que detinham o monopólio das posições políticas no município.

Vale salientar a ausência do nome do candidato a vice na chapa, Jovane Melo, em alguns cartazes. Tal ausência não era recorrente, contudo, indica um local periférico para o mesmo naquela disputa eleitoral, mesmo sendo o candidato a vice-prefeito.



**Ilustração 23:** Panfleto do candidato Dr. Léo em associação com o presidente da república, Luís Inácio Lula da Silva e com então governador Jackson Lago

O material impresso do candidato Luciano Genésio era o mais “simples” dos três. Tinha apenas sua foto com seu candidato a vice-prefeito, fundo azul, nome de ambos, número da coligação (40) e o bordão “Renovar é preciso”. Esse refrão remontava à juventude dos componentes da chapa, haja vista que ambos tinham 27 (Luciano Genésio) e 24 anos (Fred Lobato).



**Ilustração 24:** Panfleto do candidato Luciano Genésio

Já a campanha de José Arlindo, contava nesse item com pouca produção, porém mais elaborada que a de Luciano Genésio. As fotos dos dois componentes da campanha majoritária (do mesmo tamanho) vinha separada por um desenho de uma vela de barco, onde colocou-se o número da coligação (25). Abaixo dos nomes vinha o lema da campanha “O trabalho não pode parar”. O bordão era em alusão aos dois mandatos de José Arlindo como vice-prefeito. A peça publicitária passava a idéia de humilde, de pinheirense legítimo no termo “Zé”, ou seja, um candidato com raízes populares<sup>95</sup>. Uma faixa ficava na parte debaixo da montagem na cor verde, onde estavam dispostos os nomes dos candidatos. Essa faixa era ondulada, lembrando o Rio Pericumã, onde a suposta embarcação da vela que ficava o número 25. Destaca-se que todo o material impresso de campanha era confeccionado na gráfica Mendes, de propriedade de Dedeco Mendes.

<sup>95</sup> Na eleição para prefeito de 1992, José Jorge usou a mesma estratégia, substituiu o “José” por “Zé” durante a campanha em suas peças publicitárias, cartazes, santinhos, etc. e nas pinturas de muros e casas.



**Ilustração 25:** Panfleto do candidato José Arlindo

Importante destacar no material como cada candidato expôs seu próprio nome. Essa auto-apresentação estava ligada à situação da campanha. Luciano Genésio estampou em seus santinhos e panfletos “Dr. Luciano” por dois motivos: para não associar-se ao sobrenome Genésio de seu pai, haja vista ter sido cassado em 2000 e para enfatizar sua titulação (mesmo tendo apenas a graduação em Direito, sem a titulação de doutor). O candidato a vice na chapa, Fred Lobato também destacava seu curso superior. Formado em Fisioterapia, apresentava-se no material de campanha como “Dr. Fred Lobato”.

Em diversos momentos durante a campanha, Luciano Genésio foi acusado de não associar-se a seu pai. O panfleto usado na campanha reforça tal idéia. Victor Mendes, filho de Filuca Mendes e um dos principais apoiadores da campanha de José Arlindo, em discurso em evento de campanha atacou essa dissociação:

O candidato que está aí, o laranja, tem vergonha de botar o pai dele do lado dele. Eu não tenho vergonha de estar do lado do prefeito Filuca. Eu tenho orgulho do meu pai. Eu não escondo ele, porque o prefeito Filuca está terminando a sua administração de cabeça erguida, não foi afastado pela justiça, não foi acusado de corrupção. Então assim, um filho tem que se envergonhar do pai mesmo, mas eu não me envergonho do meu (Victor Mendes em discurso de campanha).

Em contraponto, Luciano Genésio, também em discurso em evento de campanha tinha discurso próximo ao de Victor Mendes, destacando sua origem família e

o apoio de seu pai. Na passagem a seguir, Luciano Genésio cita o passado oposicionista de seu pai e a ausência dele de forma mais participativa no pleito<sup>96</sup>.

Tentaram jogar pai contra filho, filho contra pai [...] Minha família é unida. Todos sabem o problema de saúde que o Zé Genésio passou, mas ele está sempre do meu lado, tanto nos momentos bons como nos momentos difíceis. Eu tenho dito por onde tenho passado. Se hoje, brilha um incentivo maior de mudança na política de Pinheiro, deve-se ao passado também, porque foi Zé Genésio que há vinte e cinco anos lutou praticamente só fazendo oposição em Pinheiro. E eu tenho a dizer a você meu pai, estará sempre guardado no meu coração, sempre vai estar do meu lado (Luciano Genésio em discurso de campanha).

Eric Wolf (2003) em estudo sobre as relações de parentesco, amizade e patrão-cliente, destaca as avaliações feitas pela comunidade sobre os atos de uma família. O autor destaca a importância de valores como reputação e virtude e que as ações de um membro do clã recaem sobre os outros:

as avaliações públicas sobre um indivíduo acabam por cair em consideração sobre sua família, por ser esta uma instituição que envolve a pessoa como um „todo“. Além do mais, qualquer grande infração contra a virtude praticada por um dos membros da família reflete sobre a quantidade de virtude possuída pelos outros membros (WOLF, p. 100).

A passagem é salutar para a situação da campanha em Pinheiro no sentido que todos os esforços dos adversários de Luciano Genésio foram no intuito de associar o candidato a seu pai, mais precisamente fazendo referência à cassação do mandato ocorrida no ano 2000. As passagens abaixo relevam a intenção dos rivais do candidato. As duas últimas foram usadas no capítulo 2, mas suas repetições são pertinentes para o presente exposto.

[Luciano Genésio] tem um passado do pai que prejudicou muito a evolução da campanha dele, que tem uma rejeição altíssima, por ter feito uma administração ruim. Se você é um homem público você tem de ter um mínimo de postura, tem que se preservar, tem que pensar duas vezes antes de fazer qualquer coisa, de cometer qualquer ato [...] O pai atrapalhou muito o candidato Luciano (Victor Mendes, entrevista em 03/09/08).

Perguntar não ofende: por que Zé Genésio não apareceu ao lado do filho dele no programa de televisão? Por que o menino agora é “Doutor” Luciano e não Luciano Genésio? Querem que o povo esqueça o que Zé Genésio fez

<sup>96</sup> Durante o período eleitoral, José Genésio esteve ausente da campanha. Segundo pessoas ligadas à campanha de Luciano Genésio, o pai do candidato tinha se submetido a uma cirurgia na garganta. Uma entrevista sua veiculada no sistema de comunicação de sua propriedade, onde apresentou-se com uma voz muito rouca, evidencia a veracidade da informação. Nenhum membro das coligações rivais duvidou da situação durante o período eleitoral.

na prefeitura de Pinheiro? Que coisa feia: menino escondendo o próprio pai! Pinheiro não é besta não minha gente (HEG de José Arlindo).

O Luciano é filho do ex-prefeito José Genésio que teve seu mandato cassado enquanto prefeito. A meu ver é um jovem, que pode ser muito diferente de seu pai, mas que neste momento ainda não tem autenticidade, independência e, portanto eu acho muito influenciado pelas idéias de seu pai (Entrevista com Dr. Léo em 14/08/2008).

Se em diversas situações o parentesco é utilizado como recurso eleitoral, no caso da eleição de Pinheiro, o candidato que era o herdeiro direto de um patrimônio familiar não fez uso de tal recurso. Seu material de campanha evidencia a não utilização do sobrenome “Genésio”. Tal atitude justifica-se por dois motivos: primeiramente, a entrada no jogo político de um agente que possuía formação superior destacada, com títulos de pós-graduação, por exemplo, obrigou seus rivais a usarem estratégias que visassem o destaque à escolarização. Dessa forma, Luciano Genésio preferiu apresentar-se na campanha como “Dr. Luciano”. Em segundo lugar, a não utilização do sobrenome do pai decorre das constantes acusações de corrupção quando do exercício de José Genésio como prefeito de Pinheiro. Partindo do princípio que “o „nome” aparece como símbolo catalisador dessa reputação, do crédito social acumulado pela „família” ou do capital simbólico” e ainda “entre os políticos oriundos de „famílias com tradição política”, a ativação do „nome” é instrumento de distinção” (GRILL, 2008c, p. 65-67), Luciano Genésio preferiu dissociar-se do nome de seu pai.

Já na chapa de José Arlindo, havia uma divisão entre os membros. Se por um lado, o “Zé” era destacado levando em conta suas raízes, o “Dr.” também estava em destaque, no caso, com o candidato a vice, ou seja, uma forma de apresentação contrabalanceava a outra, não destacando apenas títulos, mas sim as origens sociais de um dos membros da coligação.

Importante ressaltar que o candidato a vice-prefeito na coligação apresentou-se como “Dr. Rui”, médico conhecido na cidade. Segundo Gilmar Soares, então candidato reeleição como vereador e presidente da Câmara de vereadores, em entrevista concedida em 12 de setembro de 2008, a chapa deveria ser constituída por uma pessoa com origens populares, que denotasse sua humilde, alguém que venceu na vida apesar das adversidades e outra que pudesse angariar votos da classe mais elitizada da cidade. Essa foi uma das razões para que a chapa não fosse cons-

tituída por ele próprio, Gilmar Soares e José Arlindo, ambos oriundos de camadas mais populares<sup>97</sup>. Segue trecho da entrevista:

Eu tive a expectativa, me preparei pra isso, mas o nosso grupo trabalha com pesquisa e a grande realidade é a seguinte: **o Zé Arlindo, nosso candidato, ele sai do povão**; junto com Gilmar, **Gilmar também sai do povão** [...] Então havia a necessidade de poder incrementar mais a chapa do Zé Arlindo, porque ia sair o Zé Arlindo, vice-prefeito, presidente da colônia, tudo com o povão; Gilmar, hoje presidente da câmara, milita muito com a juventude, com a questão do esporte, na cultura, trabalha com muitas pessoas vindas do interior, mas todos eles chamados assim “pé no chão”. E nós sabemos que aqui em Pinheiro mesmo sendo consciente que tem uma forma errada **aqui em Pinheiro, tem uma elite muito grande** [...] Então **precisava incrementar mais a chapa do Zé Arlindo e nada melhor do que botar uma pessoa que é doutor mas também que é muito simples que é Dr. Rui** e a vaga era do nosso partido, do PV e ele era filiado ao PV e nós aceitamos com a maior autoridade. A expectativa foi criada, nós nos preparamos pra isso, mas também aceitamos a indicação do grupo, do partido, porque eles estão com a pesquisa na mão e devem saber o que estão fazendo, porque podia-se se dizer que tem os mesmo voto de Gilmar poderia ser os mesmos votos de Zé Arlindo e talvez com **a vinda de Dr. Rui trouxe outra fatia que Zé Arlindo não tinha**. Porque política é um negócio muito complexo [...] Nós tínhamos essa expectativa, mas aceitamos na hora em que foi indicado o Dr. Rui, nós aceitamos naturalmente porque a gente tem que obedecer. A gente faz parte de um grupo, você está em um partido, está em um grupo, você tem que aceitar a decisão do grupo (Entrevista com Gilmar Soares em 12/09/2008. Grifos meus).

Comparativamente, o material mais sofisticado graficamente foi o de Dr. Léo, seguido de José Arlindo e depois o de Luciano Genésio. Essa ordem não é aleatória. Dr. Léo tinha de fazer o maior investimento para se apresentar à cidade, haja vista sua volta à cidade após muitos anos; José Arlindo não precisava de uma diversidade muito grande em sua campanha, haja vista o apoio do então prefeito e líder da *facção* a qual o candidato faz parte.

Luciano Genésio tinha no material impresso mais uma representação de sua condição no pleito: como não tinha grandes apoiadores, como governador de Estado, nem da *facção* liderada pelo então prefeito da cidade, apoiava-se apenas no prestígio que seu pai possui no município.

---

<sup>97</sup> Ana Cláudia Viegas na apresentação dos candidatos a prefeito de Araruama, Rio de Janeiro, em 1996, constatou a necessidade do contraponto entre os políticos que compunham as chapas majoritárias: “Se o indivíduo que concorria pela terceira vez era acusado de “velho”, seu candidato a vice era um jovem de 28 anos; o candidato das “famílias tradicionais” vinha acompanhado de um empresário “de fora”; o candidato “da mudança” estava ao lado de um homem bastante conhecido na vida política e social de Araruama” (VIEGAS, 1997, p. 61).

#### 4.3. A propaganda musicada: os *jingles*

O *jingle*, enquanto modalidade de campanha, demanda certo nível de estruturação dos candidatos, principalmente no que diz respeito aos candidatos a vereador. Nem todos tinham condições financeiras de confeccionar um *jingle*, pois necessitavam de um estúdio de gravação, cantor e meio de divulgação. Mesmo que a coligação desse condições para que alguns gravem seus *jingles*, nem todos conseguiram.

Enquanto *jingle*, entende-se<sup>98</sup> uma “mensagem musical publicitária para tv e rádio na forma de música em que se canta os benefícios do produto, marca ou pessoa” (PANKE, 2007). A autora aciona Rafael Sampaio, autor de *Propaganda de A a Z: como usar a propaganda para construir marcas – a prática radiofônica para destacar algumas características destas peças publicitárias*:

As pessoas ouvem e não esquecem. É aquilo que a sabedoria popular denomina de “chiclete de orelha”. A vantagem dos *jingles*, em razão do formato, é que essas peças musicais contêm, além da mensagem, o clima, a emoção objetivada e um expressivo poder de “recall”. O *jingle* é algo que fica, uma vez que as pessoas guardam o tema consigo e muitos anos depois ainda são lembradas pelos consumidores. Devido ao poder de memorização que a música tem, o *jingle* é uma alternativa de comunicação muito poderosa. Sua única limitação é que, por ser música e ter que seguir uma métrica, às vezes não se consegue colocar na peça todas as informações desejadas pela campanha publicitária (SAMPAIO Apud PANKE, p. 2, 2007).

Dentre os diversos tipos de *jingles*, há aquele com caráter político. Luiz Lourenço, conceitua o *jingle* político como “sendo qualquer canção com propósito político e publicitário”, sendo seu objetivo “tanto conseguir apoio e votos a um político (partido, frente ou causa) quanto para criticar e diminuir apoio e votos a outro político adversário”. Acerca de suas principais características, o autor afirma ser de “linguagem emotiva, que oferece estes pontos, tentando fixar no eleitor uma idéia-chave, um conceito, sobre a candidatura” (LOURENÇO, 2009, p. 207)

Sobre as peças produzidas durante a campanha eleitoral em Pinheiro, a maior parte foi estruturada em cima de alguma música conhecida da população, sendo as preferidas, tanto pelos candidatos como pelo eleitorado, forró, axé e reggae por conta da preferência desses gêneros musicais pela população local. Seguem alguns

---

<sup>98</sup> Outros autores abordaram a questão dos *jingles*, dentre eles, Luiz Cláudio Lourenço, que, citando Bruce Siegel, conceitua a peça publicitária como “uma pequena peça musical cuja função é a de facilitar e estimular a retenção da mensagem pelo ouvinte. O *jingle* é geralmente curto e sua melodia é ao mesmo tempo simples e de fácil compreensão” (LOURENÇO, 2009, p. 205).

exemplos de músicas utilizadas pelos candidatos. O primeiro caso é uma música intitulada *Aviãozinho*<sup>99</sup> da banda Aviões do Forró onde a melodia foi mantida, sendo modificada apenas a letra<sup>100</sup>.

A versão trabalhada no *jingle* procurou enfatizar o nome e o número do candidato José Arlindo. Esse tipo de arranjo musical, que pretende ser a “orelha de chiclete” que Rafael Sampaio citou. A repetição faz com que o ouvinte/eleitor guarde as informações na memória por muito tempo. Esse tipo de produção é curta, com frases pequenas e essencialmente repetitivas. Segue o exemplo de *jingle* produzido pela equipe de marketing do então candidato José Arlindo em cima da música supracitada:

*É no Zé Arlindo 25 eu vou votar  
25 é Zé Arlindo  
Pro trabalho não parar (4x)*

*É Zé Arlindo, é Zé Arlindo, eu voto 25  
É 25, é 25, eu voto Zé Arlindo (4x)*

No segundo caso, tem-se uma versão extraída da música *Chicleteiro eu, chicleteira ela*<sup>101</sup> da banda baiana de axé Chiclete com Banana<sup>102</sup>. Há a necessidade da criação de diversos *jingles*, uma vez que apenas uma temática é explicitada em cada peça. Como destacou Sampaio anteriormente, o *jingle* é limitado, não contendo todas as informações necessárias de uma candidatura. No caso do *jingle* a seguir, o objetivo do compositor foi destacar o trabalho feito pelo candidato quando do exercício do cargo de vice-prefeito, ressaltando as obras, o amor dos habitantes pela cidade e convidando o eleitor para dar continuidade à administração.

Irllys Barreira, em estudo sobre eleições na cidade de Acaraú, Ceará, aborda a questão da utilização da idéia de continuidade enquanto recurso eleitoral. Segundo a autora, tal idéia

<sup>99</sup> A música nunca foi gravada em um CD oficial pela banda, porém, é cantada nos shows. Prática comum com a indústria fonográfica local, o áudio dos shows são capturados e transformados em produções fonográficas e são vendidos em eventos dos grupos ou distribuídos gratuitamente.

<sup>100</sup> “Oh aviãozinho danadinho pra balançar / Balança, mas não cai / Ninguém pode parar (4x) / Aviãozinho zinho zinho zinho (8x)”.

<sup>101</sup> Faixa número 1 do disco *Tabuleiro musical*, do ano de 2007, produzido pela gravadora Sony BMG.

<sup>102</sup> “O meu amor é uma cigana linda / Que ama a lua ama o sol e o mar / É uma sereia que anda na rua / E quando eu canto ela vem me amar / É uma menina que mexe comigo / E que me chama amor, vem namorar! / Que me abraça e me dá abrigo no seu olhar Chicleteiro eu, chicleteira ela / Chicleteiro eu, chicleteira ela / Libera, libera, libera, libera”.

vem sendo ultimamente construída, em diferentes campanhas municipais vigentes em várias cidades do País, com base em sinais de competência. Justifica-se a necessidade de eleição de um candidato sucessor, tendo por suposto sinais de eficácia administrativa e capacidade de dar prosseguimento a obras da gestão anterior (2006, p. 308).

Abaixo a versão trabalhada pelo compositor contratado pela equipe de marketing do candidato José Arlindo.

*Nossa Pinheiro agora está linda  
Tem mais trabalho em todo lugar  
Novas escolas, saúde pra todos  
Tem compromisso pode confirmar  
É uma cidade que mexe comigo  
Quem ama cuida é só preservar  
Por isso eu digo vote 25, é só confirmar*

*Quem vota 25, vota em Zé Arlindo  
Quem vota 25, quer ver mais ação  
Quem vota 25, sabe quem deu mais  
Qualidade de vida ao cidadão*

Alguns *jingles* dos outros dois candidatos seguiam o mesmo padrão, ou seja, músicas conhecidas pela população que foram modificados para não apenas pedir o voto do eleitor, mas também para apresentar o candidato à população, bem como explicitar os apoios que aqueles tinham na cidade. Caso típico foi um dos *jingles* de Dr. Léo que afirmava que diversas categorias trabalhadoras estavam o apoiando no pleito. Uma das músicas escolhidas para servir de base foi *É gaia*<sup>103</sup> da banda potiguar Cavaleiros do Forró<sup>104</sup>.

<sup>103</sup> Música de composição de Beto Caju é a terceira faixa do CD *Forrozada – Volume 6* gravado em 2007.

<sup>104</sup> “A moda agora é botar gaia, levar gaia / Tome gaia, olha a gaia! / Bote essa gaia pra lá / É na novela é no cinema é no teatro / É corno pra todo lado / Tô querendo escapar / É jogador, advogado, taxista, empresário / Todo mundo dança na festa do boi / Até o Príncipe Charles ganhou da Lady Daine uma coroa feita de chifre de boi / Tá todo mundo ligado / Tá tudo informatizado / Já rola gaia no computador / Eu tô andando assustado / Eu tô com um medo danado / De ser chamado de corno cantor / Aqui na banda o baterista, o guitarrista, o sanfoneiro e o tecladista todo mundo já levou / Eu ando desconfiado: “quem foi que fez essa lista?!” / Eu só não vejo o nome do compositor / É gaia pra todo lado / É gaia aqui, é gaia ali / É gaia pra todo lado / Eu não consigo mais dormir / É gaia pra todo lado / Eu tô com medo que a mulher dê de presente uma pra mim”.

*A moda agora é botar 12, leva 12, toma 12  
 Vamos embora 12, o 12 vai trabalhar  
 Tá na cabeça do povo, Dr. Léo o 12  
 Pra todo lado to querendo é votar  
 É jogador, advogado, taxista, empresário no 12  
 Todo mundo vai votar  
 Dr. Léo é mais saúde, educação, ta no nosso coração,  
 Nossa Pinheiro em boas mãos  
 Tá todo mundo ligado, ta tudo informatizado, só dá 12 meu amigo eleitor  
 Voto no Léo 12, nele posso confiar, é o 12 o povo vai ganhar  
 [...]*

*É 12 pra todo lado, é 12 aqui é 12 ali  
 É 12 pra todo lado, é 12 aqui é 12 ali  
 É 12 pra todo lado, Dr. Léo o 12 eu voto sim*

Contudo, também foram produzidas peças sem levar em conta uma música conhecida da população. Os *jingles* de Luciano Genésio tinham essa característica, bem como alguns de Dr. Léo. No entanto, as idéias principais dos candidatos estavam contidas nas letras. No caso da música abaixo, ressalta-se a “novidade” na disputa em voga (primeiro refrão); no caso de Luciano Genésio, destaca-se a “juventude” propagada em suas falas durante o pleito (segundo e terceiro refrãos).

Em ambas as canções, a repetição é utilizada com frequência, reforçando a idéia do *jingle* ser um “chiclete de orelha”, haja vista o número de vezes que o refrão é cantado, em especial na peça do candidato Luciano Genésio.

*É 12, é 12, é 12 a vida vai melhorar  
 Dr. Léo o 12 pra fazer melhor  
 É 12, é 12, é 12 o povo vai governar  
 Dr. Léo o novo pra fazer melhor (4x)*

*Chegou a hora de votar no progresso, de se ter trabalho, de Pinheiro crescer  
 Chegou a hora da dignidade, da felicidade, de ver nossa gente crescer (2x)  
 Chegou a hora de se ter sangue novo no sorriso do povo, juventude em ação  
 40 no peito é Luciano prefeito, por isso eu voto é com o coração  
 40 no peito é Luciano prefeito, por isso eu voto é com o coração*

*Dr. Luciano é 40, tá tá tá  
 Dr. Luciano é 40, tá tá tá  
 Dr. Luciano é 40, tá tá tá  
 Tá chegando a hora, a hora é agora (8x)*

No caso dos *jingles* dos candidatos a vereador, diversos motivos faziam os candidatos ter as peças ou não. Alguns faziam grandes produções, outros tinham

apenas uma música para todo o pleito e poucos preferiram não confeccionar tais elementos auditivos.

No primeiro caso, está o candidato Gaguinho, que produziu seis *jingles*. Tal situação não era a regra, uma vez que a maioria dos candidatos que não tinham *jingles* era por questões financeiras, tendo um ou no máximo duas músicas publicitárias. Segundo Gaguinho, seu custo foi o menor possível, graças aos contatos que mantém com músicos e bandas, tanto da cidade como de fora dela, inclusive de outros estados. Sua atividade profissional propiciou tal situação:

Eu tive um amigo de Fortaleza que me gravou uma música, ele é da *Caviar com Rapadura*<sup>105</sup>; eu tive um amigo de Belém da banda *Desejo Proibido*<sup>106</sup> que fez outra música; eu tive um outro amigo de Santa Helena que me gravou outra música [...] Eu tive seis músicas [...] Todas gravadas nos estúdios deles. O custo dessas seis músicas foi uma ida minha a Santa Helena e R\$ 100. Se eu fosse fazer a contratação disso ai ia ser uns 2 ou 3 mil reais [...] O meu lado profissional me proporcionou isso, eles me ajudaram (Jadilson do Carmo, Gaguinho, entrevista em 16/08/09).

Porém, em outro extremo, alguns preferiram não produzir *jingle* para suas campanhas, dentre eles, Gilmar Soares. Segundo ele, “minha propaganda mais é das próprias pessoas que me conhecem, que sabem meu potencial, que vai dizendo um para o outro e a gente vai levando isso para tentar conseguir o êxito” (Gilmar Soares, entrevista em 12/09/08).

Gilmar Soares preferiu não usar os *jingles* confiando no seu passado político, em seu capital político, pois tentava a reeleição pela terceira vez e era presidente da Câmara de vereadores do município – condição que continua, já que foi reeleito tanto para a Câmara como para sua presidência da instituição.

Acerca da execução dos *jingles*, era feita em carros, bicicletas e motos equipadas com sistema de som. Os motoristas eram contratados pelos candidatos e rodavam a cidade durante todo o dia divulgando idéias e executando as músicas. O horário das propagandas ia das oito da manhã até as seis da tarde, horário permitido para tais propagandas. Porém, por vezes, ouvia-se *jingles* de candidatos nos carros de pessoas que o apoiavam como parentes, amigos, etc., em horários fora do estabelecido pela propaganda eleitoral. Em alguns casos, os *jingles* também serviam como música de fundo dos candidatos durante o Horário Eleitoral Gratuito.

---

<sup>105</sup> Banda de forró.

<sup>106</sup> Banda de forró.



**Ilustração 26:** Algumas das formas de execução dos *jingles*: bicicleta e moto.

#### 4.4. Do palanque à televisão: os programas eleitorais gratuitos

O Horário Eleitoral Gratuito estava dividido entre os dias para apresentação dos candidatos a prefeito e para vereador. Segundas, quartas e sextas eram os dias dedicados para as campanhas majoritárias e terças, quintas e sábados para as proporcionais.

Os candidatos da coligação de José Arlindo e o próprio tinham em média 13 minutos dos 30 disponíveis; a candidatura de Dr. Léo tinha em torno de 10 minutos; e a de Luciano Genésio contava com 7 minutos.

As três campanhas para prefeito investiram em profissionais de fora da localidade para as apresentações dos programas eleitorais. Nos três casos, mulheres foram escolhidas. Das três *facções*, as duas ligadas a políticos locais contavam com os estúdios de televisão de propriedade de seus líderes, Filuca Mendes<sup>107</sup> e José Genésio, usando tais estruturas para produzir seus programas.

Já Dr. Léo montou um estúdio em uma residência alugada no bairro da Matriz para gravação dos programas e edição. O investimento de Dr. Léo justifica-se na medida em que tinha como objetivo apresentar-se ao eleitorado. Sua equipe contava com uma apresentadora de TV, dois cinegrafista (um de estúdio e outro de gravações externas), dois editores de imagens, gerente executivo, coordenador de TV, coordenadora de agenda, diretor de marketing e contra-regra.

<sup>107</sup> No estudo, a equipe de campanha do candidato Zé Arlindo foi a que mais teve acesso e, conseqüentemente, possibilidade de detalhar. A equipe de marketing, responsável pela captação das imagens que iam ao ar, bem como a edição dos programas era constituída por dois cinegrafistas, um editor de vídeo, a apresentadora do programa eleitoral e a coordenadora geral da equipe. Dessas apenas, a apresentadora e a coordenadora geral não são naturais de Pinheiro.

No concernente aos programas, eram mescladas entrevistas com eleitores, gravações de eventos dos candidatos e palavras deles, apoios de líderes comunitários e apoios externos ao município, como os deputados federais Sarney Filho e Domingos Dutra e o senador Ciro Gomes, além de ataques aos outros candidatos. Seguem três trechos de apoios aos candidatos José Arlindo, Dr. Léo e Luciano Genésio, respectivamente:

Meus amigos e minha amigas, **irmãos pinheirenses**. Nós estamos nos aproximando da eleição e é importante que a gente faça uma reflexão profunda daquilo que a gente deseja para o **nosso município**. Tenho certeza que esses dois mandatos do **nosso querido prefeito Filuca** alcançaram seu objetivo. [...] E agora **nós precisamos dar continuidade a esse trabalho**. Tenho certeza de que com o seu voto o Zé Arlindo vai ser conduzido e **nós vamos continuar essa parceria lá em Brasília, eu, a Roseana, o ministro Lobão, o senador Sarney** continuaremos a ajudar o município. Agora precisamos de outras etapas, já temos o CEFET, já temos na área da saúde, da educação, da energia, muitos trabalhos [...] E essa transformação precisa continuar. E é por isso que eu estou aqui para pedir o voto ao Zé Arlindo e me comprometendo também para que a gente continue essa parceria, para que o município não pare (José Sarney Filho, deputado federal, em trecho extraído do HEG do candidato José Arlindo. Grifos meus).

Estou aqui em Pinheiro enquanto deputado federal, enquanto presidente estadual do PT, para dizer a você que o candidato a prefeito do presidente Lula é o Dr. Léo, número 12. Da mesma forma, **o candidato do governador Jackson Lago a prefeito de Pinheiro é também o Dr. Léo. O presidente Lula, o governador Jackson querem o Léo prefeito** porque educação é prioridade para o presidente e é prioridade para o governador Jackson. O governador Jackson, em um ano e pouco de mandato já inaugurou 101 escolas. O presidente Lula vai construir onze escolas técnicas aqui no Maranhão. Uma das escolas técnicas vai ser em Pinheiro, foi solicitação minha de deputado federal do PT apoiado pelo presidente Lula. Portanto, você de Pinheiro não pode perder essa oportunidade de eleger um candidato que é apoiado pelo governador e é apoiado pelo presidente da república (Domingos Dutra, deputado federal, em trecho extraído do HEG do candidato Dr. Léo. Grifo meu).

**Eu e o Partido Socialista Brasileiro estamos apoiando o jovem promissor advogado Luciano Genésio** [...] ele terá todas as portas abertas em Brasília onde poderá onde poderá buscar os recursos necessários junto ao Presidente Lula e aos nossos Ministros, para dar continuidade às políticas sociais que tanto deram certo no Brasil afora, contamos com o seu voto para impulsionar esta cidade a um patamar de desenvolvimento, qualidade de vida para todos os seus habitantes. Não esqueça, nessas eleições, vote Luciano Genésio, vote PSB, vote 40 (Ciro Gomes, senador, em trecho extraído do HEG do candidato Luciano Genésio. Grifo meu).

Os trechos supracitados servem em boa medida para evidenciar não apenas os trunfos utilizados pelos candidatos, mas também as relações mantidas com políticos ligados ao centro do poder estadual e nacional. No tempo disponível a José Arlindo, o apoiador José Sarney Filho buscou reforçar o laço que possui com a cidade

de Pinheiro, ao colocar-se na condição de pinheirense, chamando os habitantes de “irmãos”, “amigos”. Reafirma ainda a aliança que Filuca Mendes possui com os membros da família Sarney. O Horário Eleitoral Gratuito (HEG) de Dr. Léo expunha os apoiadores obtidos por ele, todos eles vinculados ao então governador do Maranhão Jackson Lago. As outras modalidades de propaganda eleitoral de todos os candidatos não destacam esses laços, com exceção do próprio Dr. Léo, onde quase a totalidade de seus panfletos continha fotos do presidente Lula.

No caso dos programas de José Arlindo e Luciano Genésio, obras feitas por seus aliados que já administraram a cidade (Filuca Mendes e José Genésio) eram destacadas. Dr. Léo, como não tinha obras suas a apresentar, nem de seus aliados na cidade, destacava sua habilidade enquanto médico, mostrava vídeos de cirurgias, encontros médicos, etc. Abaixo, trechos do HEG dos candidatos. As duas primeiras passagens fazem menção às obras relacionadas às feiras municipais; a terceira, de Dr. Léo, destaca o sentido de mudança proposto pelo candidato durante boa parte da campanha:

Vai ai a feira da Kiola Sarney novinha freguesa? E o mercado do Obelisco meu patrão? Pode passar mais tarde que vai ter também o mercado de Pacas já em construção. Tá achando pouco? Zé Arlindo vai fazer ainda mais. **Como vice-prefeito, ele estava lá, participando da administração que mais fez pelos feirantes.** Só na feira da Kiola, a feira municipal Benedito Durans, são 73 boxes e 62 feirantes trabalhando para defender o leite das crianças [...] E Zé não brinca em serviço: acordou cedo e foi na feira. Não! Nada de pechinchar voto! Compromisso firmado: vem aí a nova feira municipal (HEG do candidato José Arlindo. Grifo meu).

[Evandro, feirante] Essa feira aqui de Pinheiro se encontra numa situação muito precária. É rato andando por tudo que é lado, essas bancas tudo mal organizada [...] **Ainda bem que José Genésio fez isso aqui**, esse galpão aqui pra botar o pessoal dentro, porque no tempo de inverno eles pegavam chuva ali... [Luciano Genésio] Hoje me encontro aqui, na feira municipal e quero assumir um compromisso com a população de Pinheiro, porque **essa feira está abandonada há oito anos** e no nosso governo, a partir de janeiro, vamos reconstruí-la para dar vida digna a estes feirantes que aqui estão trabalhando no seu dia a dia, que é um desrespeito com a nossa população [...] E eu quero desde já pedir o apoio e que no dia 05 de outubro não se esqueça, 40 neles! (HEG do candidato Luciano Genésio. Grifos meus).

Temos de ter prefeitos, prefeituras diferentes, que a democracia é o melhor sistema de governo porque nos dá a possibilidade da experiência para que a obra do todo seja melhor que a obra do individual [...] Mas se houver medo, eu vou continuar votando querendo o próprio prefeito de hoje que seja o prefeito de amanhã porque eu não conheço o outro? Você perde! [...] **Um prefeito melhor, um prefeito mais preparado**, mais competente [...] Acho que você é bastante maturo para perceber que **Pinheiro precisa de um prefeito diferente** (HEG do candidato Dr. Léo. Grifos meus).

As passagens acima evidenciam discursos usados durante toda a campanha eleitoral bem como os maiores trunfos dos candidatos. A experiência administrativa de José Arlindo é destacada em passagens como “como vice-prefeito, ele estava lá, participando da administração que mais fez pelos feirantes”; Luciano Genésio exalta as obras feitas da administração de seu pai, José Genésio. Mesmo que em suas peças publicitárias não tivesse o sobrenome de seu pai, o candidato utilizava o capital político do seu progenitor. A passagem do programa eleitoral demonstra o uso da herança política: “ainda bem que José Genésio fez isso aqui, esse galpão aqui pra botar o pessoal dentro, porque no tempo de inverno eles pegavam chuva ali”. Em seguida, o candidato critica o governo de Filuca Mendes e firma um compromisso com o eleitor: “essa feira está abandonada há oito anos e no nosso governo, a partir de janeiro, vamos reconstruí-la”. O programa eleitoral de Dr. Léo diferenciava-se dos demais candidatos. Primeiro, o candidato não tinha obras a mostrar de administrações suas ou de apoiadores políticos. Em segundo lugar, precisava apresentar-se ao eleitor e o fazia tentando diferenciá-lo. Para isso, usava valores como “democracia”. Por fim, ao dizer que a cidade precisa de “um prefeito melhor, um prefeito mais preparado, mais competente” exalta seus títulos escolares e enfatiza a associação de uma boa administração à competência adquirida através dos anos de estudos.

Um ponto importante a se destacar do horário eleitoral na televisão era os trajes que os candidatos usavam durante os programas. José Arlindo, na maioria dos programas estava vestido com simplicidade: calça jeans e camisa social, independente se o vídeo era feito em estúdio ou gravação externa; Luciano Genésio também seguia tal padrão; já Dr. Léo, em grande parte dos seus programas, estava de “beca médica”, em referência à sua profissão. Apenas nas gravações externas que o candidato trajava uma roupa mais casual, porém, com mais produção: camisas estilo *sport* fino e calças de linho.



**Ilustração 27:** Candidatos durante o Horário Eleitoral Gratuito

#### 4.5. Os jornais

Os jornais da cidade externavam a posição de seus mantenedores, não raro, sendo de propriedade dos líderes das *facções*. Os dois jornais existentes na cidade foram utilizados na campanha: *Cidade de Pinheiro*, de propriedade de Francisco Castro Gomes (Sr. Chiquinho), periódico que durante o período destacado para o estudo atendeu os interesses da candidatura de José Arlindo e *Folha de Pinheiro*, de propriedade de pinheirenses que residem na capital do estado e que divulgava as idéias da coligação de Dr. Léo nas eleições.

Tal meio de comunicação evidencia a concorrência local, as rivalidades, aproximações entre políticos, bem como trabalham para celebrar algumas personagens ou para desqualificar outras.

##### 4.5.1. Cidade de Pinheiro

Periódico fundado em 1921, representava a candidatura de José Arlindo durante as eleições. Mantido por pessoas daquela *coalizão*, contava com 12 páginas, sendo 09 dedicadas à política à época eleitoral.

Seu chefe de redação é Paulo Castro Neto, ou Paulinho Castro, jornalista conhecido na cidade tanto pelo jornal como pela apresentação do programa “Tribuna Popular” e seu diretor proprietário Francisco José de Castro Gomes ou “Sr. Chiquinho”.

Algumas pessoas colaboram com o jornal escrevendo artigos e/ou crônicas. Entre esses, autores ligados à política estadual escrevem com certa frequência, como José Sarney e José Jorge.

Com relação a suas matérias, divulgava agenda de José Arlindo, eventos que o candidato participou durante a campanha, entre outras informações. Suas matérias são consideradas “frias”<sup>108</sup>, uma vez que sua periodicidade é mensal, ou seja, foram lançados apenas quatro edições durante o período eleitoral. Contava com poucas peças publicitárias propagandistas dos candidatos da coligação de José Arlindo.

---

<sup>108</sup> Enquanto matéria “fria” entende-se aquelas com um tempo relativamente grande para seu preparo. Normalmente esse tempo é superior a uma semana. Uma vez que as notícias já foram abordadas, o conteúdo da matéria tem um caráter mais analítico que informativo.

Sua linha editorial caracterizava-se pela não agressão às coligações rivais e era repassado à população ao preço de R\$ 1. Na capa do mês de junho, percebe-se como o periódico trata a candidatura de José Arlindo. O título principal da edição é “Zé Arlindo e Dr. Rui são os candidatos da situação”. Na imagem, temos da esquerda para a direita, José Sarney Filho, deputado federal e apoiador externo do município, Filuca Mendes, então prefeito de Pinheiro, o candidato José Arlindo e Victor Mendes, deputado estadual, filho de Filuca Mendes. A chamada lateral da matéria informa os partidos que fazem parte das três candidaturas, nomes dos candidatos a prefeito e seus vices. Secundariamente, uma imagem da convenção que homologou a candidatura de Dr. Léo, onde vemos o candidato a vereador Nézio Ribeiro, Dr. Léo, o então vice-governador do estado, Pastor Porto e o candidato a vice, Jovane Melo.



**Ilustração 28:** Capa da edição de junho do jornal *Cidade de Pinheiro*.

#### 4.5.2. Folha de Pinheiro

Jornal criado em 1996, durante o pleito de 2008 foi o canal de comunicação impressa do candidato Dr. Léo. Sustentado por pinheirenses residentes em São Luís, conta apenas com informantes em Pinheiro. Porém, por conta das eleições, sua sede foi reativada – segundo seu expediente, a matriz fica em Pinheiro com uma sucursal em São Luís. Na prática, porém, acontece o inverso.

Difícil fazer uma descrição ou análise do jornal por conta de seu caráter “camaleônico”. Durante a eleição de 2008 era mantido pelo ex-vereador Herasmo Leite com a ajuda de Dr. Léo. O primeiro redigia matérias, principalmente sobre política.

Todas as páginas do jornal de todas as edições que consegui durante a pesquisa discorriam sobre as eleições em voga – com poucas exceções. O principal objetivo de Herasmo Leite era menos a eleição de Dr. Léo, mas sim de sua filha, Ana Paula Leite, que concorria a uma vaga na Câmara de Vereadores. Sua outra filha, Camila Leite tinha uma página dedicada à “coluna social” da cidade, porém, mais de 50% dos textos eram sobre os eventos que sua irmã participou ou que iria participar.

Diferente do *Cidade de Pinheiro*, era melhor elaborada sua estrutura jornalística – diagramação, policromia, etc. As reproduções de santinhos e panfletos eram freqüentes, ocupando por vezes metade de uma página. Mesmo tendo na capa que custava aos (e) leitores a quantia de R\$ 1, era distribuído gratuitamente nas ruas da cidade por Herasmo Leite toda semana - periodicidade semanal. Na última edição antes do pleito, foi posta uma imagem do presidente Luis Inácio Lula da Silva enquanto apoiador ao candidato Dr. Léo. Abaixo, seguia um texto de chamada para a matéria principal, onde destaca-se o apoio aos candidatos em que o Partido dos Trabalhadores (PT) fazia parte da coligação<sup>109</sup>:

O presidente da República Luis Inácio Lula da Silva, manifesta seu apoio ao candidato à Prefeitura Municipal de Pinheiro, médico Leonaldson Castro – o Dr. Léo. Em sua mensagem, o presidente falou dos avanços socioeconômicos do país e afirmou que os candidatos das coligações aliadas do governo terão todo o suporte durante seus governos, para promover o progresso de seus municípios. Dr. Léo faz parte de uma coligação aliada do presidente Lula e vai receber todo o apoio para realizar grandes obras em Pinheiro (Jornal Folha de Pinheiro, 2008).

Pode-se perceber também os ataques que eram feitos aos concorrentes, principalmente a José Arlindo, que era o favorito a vencer as eleições. Na destacada edição, uma matéria chamava a atenção para a transferência de domicílio eleitoral de um dos principais apoios de José Arlindo, o deputado estadual Victor Mendes. O título da matéria dizia “Filho de Filuca não vota em Zé Arlindo”. O conteúdo da matéria abordava que Victor Mendes tentara ser candidato a vice-prefeito de São Luís, afirmando que

---

<sup>109</sup> O trecho não era direcionado ao candidato Dr. Léo, mas sim ao candidato a prefeito de São Luís, Flávio Dino. A edição feita para ser veiculada em Pinheiro retirou o direcionamento a tal candidato. Em um determinado ponto da campanha, um programa do candidato José Arlindo expôs tal manobra, inserindo os dois vídeos e mostrando onde o original havia sido editado.

sonhando em ser candidato a vice-prefeito de São Luís, o parlamentar filho do prefeito Filuca Mendes, transferiu seu domicílio eleitoral para a capital. Seu nome não chegou nem mesmo ser cogitado, o que comprova não ter o deputado Victor, expressão política além do portal de Pinheiro (Jornal Folha de Pinheiro, 2008).



**Ilustração 29:** Capa da edição do jornal Folha de Pinheiro anterior a eleição.

#### 4.6. Notas finais sobre os meios de comunicação na campanha eleitoral

Os meios de comunicação tiveram grande importância durante as eleições municipais em 2008. As candidaturas em Pinheiro, sendo uma cidade de médio porte, levando-se em conta o contexto maranhense, contaram com equipes de *marketing* trabalhando para o (re) conhecimento dos candidatos. Nesse intuito, uma série de peças publicitárias foram confeccionadas, mais especificamente santinhos, panfletos, *jingles*, programas no horário eleitoral gratuito e jornais impressos.

Essas peças servem em boa medida para medir o grau de profissionalização de uma candidatura. As três coligações majoritárias investiram no *marketing* político, porém, de forma assimétrica: Dr. Léo, que precisava fazer-se conhecer na cidade, haja vista sua condição de “estrangeiro”, fez um grande investimento no setor publicitário. Seus panfletos destacaram, sobretudo, a associação com o presidente da

República e a tentativa de associar-se à cidade, haja vista sua ausência prolongada do município; a equipe de José Arlindo elaborou um material que levava em conta suas origens sociais, bem como sua relação com a cidade. Seu material de campanha era carregado de um apelo étnico, de pertencimento. Uma equipe de *marketing* esteve à sua disposição. Tal equipe utilizava a estrutura montada pelo então prefeito Filuca Mendes, mais precisamente seu sistema de comunicação, contando com rádio, televisão e jornal impresso; já Luciano Genésio, fez pouco uso de santinhos e/ou panfletos e utilizava a estrutura midiática de propriedade de seu pai, José Genésio, para os embates via meios de comunicação.

No caso dos *jingles*, todos os candidatos levaram em conta na produção os gêneros musicais mais apreciados na cidade. Era concorrente também o destaque aos números dos candidatos, muitas vezes enfatizado mais que o próprio nome; o horário eleitoral gratuito ganhou importância após o fim dos “showmícios”, haja vista que, acusações antes eram feitas exclusivamente em palanques, foram transferidas para o universo televisivo – contudo, convém destacar que as agressões em comícios não foram abandonadas. Outro ponto diz respeito ao horário gratuito na televisão, principal canal de exposição de apoiadores externos aos municípios. Alguns como José Sarney Filho, Bira do Pindaré, Ciro Gomes, entre outros, apareceram ao eleitorado enquanto apoiadores dos candidatos nessa modalidade de campanha.

## Considerações finais

O estudo pretendeu dar conta de uma série de fatores que permeiam uma eleição municipal no interior do Maranhão. Mais destacadamente a especialização política e a dinâmica de campanha. Esses dois esforços foram abordados em dois momentos cada. A especialização política foi discutida nos dois primeiros capítulos, que versaram sobre os agentes envolvidos no jogo político local desde meados da década de 1950 até a eleição de 2008. Em seguida, os três candidatos a prefeito presente no pleito foram apresentados, levando em conta suas origens sociais, suas trajetórias profissionais e/ou políticas e as percepções que tinha acerca da política municipal. O segundo momento da dissertação privilegiou a dinâmica eleitoral, enfatizando os eventos de campanha organizados pelos candidatos e como os meios de comunicação foram usados pelas coligações.

No que concerne aos agentes, destaca-se o pertencimento de grande parte dos analisados a “famílias de políticos”. Dos oito personagens exposto no primeiro capítulo, cinco podem ser considerados “herdeiros” de um patrimônio político familiar: Manoel Paiva, Pedro Lobato, José Jorge, Filuca Mendes e Victor Mendes; dois eram os inauguradores das tradições políticas em suas famílias: Dedeco Mendes e José Genésio. Dos citados, apenas um, Tony Ferreira, não vinha de uma linhagem política. Esse é “afilhado político” de José Genésio, inserindo-se assim na rede política daquele personagem. Porém, ao lançar sua filha como candidata a vereadora em 2008, faz dela sua representante no pleito e conseqüente sua “herdeira”.

O patrimônio político familiar ainda proporcionou a quase todos esses personagens a possibilidade de entrar na política “por cima”, além da possibilidade de exercerem cargos públicos. Apenas Dedeco Mendes e Manoel Paiva iniciaram sua trajetória em cargos eletivos pela vereança.

Partindo para a análise dos candidatos a prefeito, José Arlindo é aliado da família Mendes há uma década, sendo considerado “afilhado político” de Filuca Mendes; Luciano Genésio é filho de José Genésio, sendo, por conseguinte o “herdeiro” do capital político da família; Já Dr. Léo era o único que não tinha um passado político a acionar, nem familiar, nem individual. Além disso, preferiu não aliar-se a nenhuma das duas *coalizões* que disputam o monopólio das posições políticas no município. Tal atitude teve como conseqüência sua “estigmatização” não apenas por parte dos seus adversários, mas também da população em geral.

A “condenação” de Dr. Léo enquanto “forasteiro” foi fortemente sentida durante a campanha. Os trunfos que os candidatos apresentaram dão mostra desse processo. José Arlindo enfatizou sua origem social e seu vínculo com a cidade, enfatizando “ter nascido” e “ter sido criado” em Pinheiro, em referência ao período que Dr. Léo esteve ausente da cidade para estudos (aproximadamente 30 anos). Se este acionava sua escolaridade como ponto de destaque, considerando-se o mais preparado (ser médico e possuir os títulos de especialista, mestre e doutor), era atacado pelos rivais. Esses, diziam que ele não tinha o conhecimento necessário para governar a cidade.

Dessa forma, percebe-se o peso que a transmissão de um patrimônio político familiar tem na cidade. Mesmo nas eleições proporcionais, a importância de estar vinculado a políticos locais é percebida. Os dois candidatos a vereador mais votados em 2008 foram Layanna Ferreira e Leonardo Sá. A primeira é filha de Tony Ferreira, “afilhado político” de José Genésio; o segundo é médico e chegou em Pinheiro em 2004. Porém, o pouco tempo na cidade não foi empecilho para sua eleição, uma vez que mantinha relações de amizade com Filuca Mendes, sendo um dos profissionais contratados pela prefeitura municipal em seu segundo mandato. Importante lembrar que Leonardo Sá é paraibano e em nenhum momento foi chamado de “forasteiro”.

Os dois capítulos finais foram dedicados a evidenciar a dinâmica eleitoral. O acompanhamento do período eleitoral foi propício para a coleta de informações sobre os eventos de campanha dos candidatos e as peças publicitárias desenvolvidas pelas equipes de marketing. Sobre os eventos, o ponto que mais chamou a atenção foi a diminuição da importância dada aos comícios. Antes da proibição dos “showmícios”, essa modalidade de campanha era o ápice de uma eleição, sendo considerada mesmo como o início do período eleitoral. Com a proibição da associação entre o show musical e o discurso político, outros eventos ganharam importância e outros foram remodelados no intuito de destacar as características de um candidato. Em Pinheiro, as carreatas ganharam importância, sendo o ponto onde se verificava a força de uma candidatura. Já a caravana náutica objetivava a associação do candidato José Arlindo com suas raízes e/ou origens sociais, uma vez que, na condição de ex-pescador, o evento teve o Rio Pericumã como trajeto entre a sede do município e o povoado Vila Matias.

Além do fim dos “showmícios”, os meios de comunicação influíram para que a campanha fosse feita de forma “televisiva”, diminuindo, mas não excluindo o caráter festivo da eleição.

Uma vez que os eventos de campanha perderam a importância de outrora, os meios de comunicação ampliaram seu alcance. Diversas peças publicitárias foram confeccionadas pelos candidatos com a intenção de expor as qualidades de seus idealizadores. A variedade das peças e sua qualidade estavam intimamente relacionadas à situação de cada candidato no pleito. A equipe de José Arlindo trabalhou suas origens sociais, sendo pouco diverso o material como um todo; Luciano Genésio também pouco diversificou seus cartazes e panfletos, destacando a juventude como mote de campanha. Esses dois candidatos não tinham o objetivo de apresentar-se ao eleitorado, diferente de Dr. Léo. O material de campanha desse último era variado, contando com cartazes, panfletos, cartas-apresentação, etc. Além disso, foi o único dos candidatos que fez uso dos materiais impressos para destacar os apoios externos ao município. Tais apoios dos outros dois candidatos ficavam restritos ao Horário Eleitoral Gratuito.

Apreende-se que, mesmo que o profissionalismo do universo político seja uma marca das candidaturas em Pinheiro, ainda que de forma incipiente, a personalidade é a principal característica da política local. Se por um lado, profissionais são contratados para trabalharem nas campanhas, tais agentes estão ligados com os políticos locais por amizade ou parentesco. Assim, pode-se afirmar que a chave para o sucesso eleitoral, pelo menos até o ano de 2008 na cidade de Pinheiro, era o vínculo pessoal com políticos locais e o acesso a um patrimônio político familiar, mais precisamente na condição de “herdeiro político”.

### Referências bibliográficas

- ABÉLÈS, Marc. *La référence familiale*. In: **L'hérité en politique**. PATRIAT, C.; PARODI, J. (Orgs.). Paris: Economica, 1992.
- ABREU, Josias. **Coisas de Antanho (Crônicas)**. Organizado por José Jorge Leite Soares. Gráfica Estação, São Luís, 2006.
- BAILEY, Frederick. **Les règles du jeu politique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1971.
- BARREIRA, Irllys. **Chuva de papéis**: ritos e símbolos de campanhas eleitorais no Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 1998.
- BARREIRA, Irllys. *Campanhas em família: as veias abertas das disputas eleitorais*. In: PALMEIRA, Moacir; BARREIRA, César. (Orgs.). **Política no Brasil**: visões de antropólogos. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 2006a.
- BARREIRA, Irllys. *A política de perto: recortes etnográficos de campanhas eleitorais*. In: **Novos Estudos – CEBRAP**. Vol. 74, p. 177-194, 2006b.
- BARROS FILHO, J. **A tradição engajada**: origens eleitorais no percurso de um agente. Dissertação de mestrado, UFMA, 2007.
- BEAUD, Stéphane & WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo**: produzir e analisar dados etnográficos. Editora Vozes, Petrópolis, 2007.
- BEZERRA, Marcos Otávio. **Em nome das bases**: política, favor e dependência pessoal. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 1999.
- BOISSEVAIN, Jeremy. *Coaliciones*. In: FÉLIX, Requena Santos. **Análisis de redes sociales**. CIS-Siglo XXI, España, 2003.
- BOIVIN, Mauricio; ROSATO, Ana; BALBI, Fernando. *“Quando o inimigo te abraço com entusiasmo...”*: etnografia de uma traição. In: **Mana**, vol. 4, nº 2, p. 35-65. Rio de Janeiro, 1998.
- BORGES, Arleth Santos. *Oligarquia, Crise Política e Eleições 2004 na cidade de São Luís*. In: **Nordeste - O Voto das Capitais**. Hugo Cortez e Klaus Hermanns. (Org.) 1 ed. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: **Usos e abusos da História Oral**. Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998a.
- BOURDIEU, Pierre. *O capital social – notas provisórias*. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos de Educação**. Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1998b.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 7ª edição. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 2007.

BUZAR, Benedito. **A greve de 51**: os trinta e quatro dias que abalaram São Luís. São Luís, Editora Alcântara, 1983.

BUZAR, Benedito. **Politiqueiros, Politicalha, Politiquice, Politicagem e Política do Maranhão**. SIOGE, São Luís, 1989.

BUZAR, Benedito. **Vitorinismo**: lutas políticas no Maranhão (1945 - 1965). São Luís: LITHOGRAF, 1998.

CALDEIRA, José de Ribamar Chaves. **As interventorias estaduais no Maranhão**: um estudo sobre as transformações políticas regionais no pós 30. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. Campinas, 1981.

CANÊDO, Letícia. *Estratégias familiares na produção social de uma qualificação política*. In: **Educação e Sociedade**. Nº 39, Ano XII, 1991.

CANÊDO, Letícia. *Metáforas da Família na Transmissão do Poder Político: questões de método*. In: **Cadernos do CEDES** (UNICAMP), Campinas, v. 42, p. 29-52, 1997.

CANÊDO, Letícia. *Ritos, símbolos e alegorias no exercício profissional da política*. In: CANÊDO, Letícia (Org.). **O sufrágio universal e a invenção democrática**. Editora Estação Liberdade, São Paulo, 2005.

CANÊDO, Letícia. *Gestão Familiar da Escola e Aprendizagem das Disposições e Habilidades para as Funções de Representação Política*. Campinas, mimeo, 1999.

CORADINI, Odaci L. *Origens sociais, mediação e processo eleitoral num município de imigração italiana*. In: PALMEIRA, Moacir; BARREIRA, Irllys (Orgs.). **Candidatos e candidaturas**: enredos de campanha eleitoral no Brasil. São Paulo: Anna Blume, 1998.

CORADINI, Odaci L. **Em nome de quem?**: Recursos sociais no recrutamento de elites políticas. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 2001.

CORRÊA, Rossini. **Formação Social do Maranhão**: o presente de uma arqueologia. São Luís, SIOGE, 1993.

COSTA, Dayana dos Santos Delmiro. **Mulheres e especialização política**: trajetórias e recursos eleitorais entre as deputadas estaduais/federais no Maranhão. Dissertação de mestrado, PPGCS-UFMA, 2008.

COSTA, Wagner Cabral da. *A Raposa e o Canguru: crises políticas e estratégia periférica no Maranhão (1945/1970)*. In: **História do Maranhão**: Novos Estudos. Org: Wagner Cabral da Costa. EDUFMA, São Luís, 2004.

COSTA, Wagner Cabral da. **Sob o signo da morte**: o poder oligárquico de Victorino a Sarney. EDUFMA, São Luís, 2006.

ELIAS, Norbert. *Modelos de jogos*. In: **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1999.

ELIAS, Norbert. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2000.

FRITZ, Gérard; FRITZ, Jean-Claude. *Les cercles de famille*. In: PATRIAT, Claude; PARODI, Jean-Luc. (Orgs.) **L'hérédité en politique**. Paris: Economica, 1992.

GARRAUD, Philippe. *La ville en heritage*. PATRIAT, C.; PARODI, J. (Orgs.) **L'hérédité en politique**. Paris: Economica, 1992.

GAXIE, Daniel; LEHINGUE, Patrick. **Enjeux Municipaux**: La constitution des enjeux politiques dans une election municipale. Paris: Presse Universitaire de France, 1984.

GONÇALVES, Maria de Fátima da Costa. **A reinvenção do Maranhão dinástico**. São Luís: Edições UFMA/PROIN (CS), 2000.

GONÇALVES, Maria de Fátima da Costa. **A invenção de uma rainha de espada**: reatualizações e embaraços na dinâmica política do Maranhão Dinástico. Coleção Dissertações e Teses do CCSO/UFMA. EDUFMA, São Luís, 2008.

GRILL, Igor Gastal. **As bases sociais dos compromissos**: a constituição de um espaço de concorrência eleitoral no sul do Rio Grande do Sul. Dissertação de mestrado, UFRGS-IFCHPPG Ciência Política, 1999.

GRILL, Igor Gastal. *Múltiplas dimensões de um agenda comum de pesquisas: elites, profissionais e lideranças política*. In: GRILL, Igor. (Org.). **Elites, profissionais e lideranças políticas (RS e MA)**: pesquisas recentes. EDUFMA, São Luís, 2008a.

GRILL, Igor Gastal. *As bases sociais da especialização política no Rio Grande do Sul e no Maranhão*. In: GRILL, Igor. (Org.). **Elites, profissionais e lideranças políticas (RS e MA)**: pesquisas recentes. EDUFMA, São Luís, 2008b.

GRILL, Igor Gastal. **“Heranças políticas” no Rio Grande do Sul**. EDUFMA, São Luís, 2008c.

GRILL, Igor; COSTA, Dayana; ARAGÃO, Elthon; LIMA, João Gilberto. *Bases sociais, alianças e mediação na seleção de “elites locais” no Maranhão*. **33º Encontro anual da ANPOCS**, Caxambu/MG, 2009.

HEREDIA, Beatriz. *Lutas entre iguais: as disputas no interior de uma facção política*. In: PALMEIRA, Moacir; BARREIRA, César. (Orgs.). **Política no Brasil**: visões de antropólogos. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 2006.

KUSCHNIR, Karina. **Eleições e representação política no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 2000a.

KUSCHNIR, Karina. **O cotidiano da política**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2000b.

KUSCHNIR, Karina. *Rituais de comensalidade na política*. In: Heredia, Beatriz; Teixeira, Carla; Barreira, Irllys. **Como se fazem eleições no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 2002.

KUSCHNIR, Karina. **Antropologia da política**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2007.

LANDÉ, Carl. *Introduction: the dyadic basis of clientelism*. In: SCHMIDT, S.W.; ali.(Orgs.). **Friends, followers and factions**. A Reader in political clientelism. Berkeley: University of California Press, 1977.

LE BART, Christian. *L'Heritage dans la competition*. PATRIAT, C.; PARODI, J. (Orgs.) **L'héritié en politique**. Paris: Economica, 1992.

LEMENHE, Maria Auxiliadora. *Tradição e poder no Ceará: a família Bezerra de Menezes*. In: HEREDIA, Beatriz Maria Alasia (Org.). **Continuidades e rupturas na política cearense**. Editora Pontes, Campinas, 2008.

LIMA, João Gilberto do Nascimento. **Bases sociais, facções e mediação: processo de seleção de "elites locais" e a dinâmica de concorrência eleitoral em um município maranhense**. Monografia de conclusão de curso em Ciências Sociais – UFMA, 2009.

LOURENÇO, Luiz Cláudio. *Jingles Políticos: estratégia, cultura e memória nas eleições brasileiras*. AURORA: **Revista digital de Arte, Mídia e Política**, v. v1, p. 203-216, 2009.

MAYER, Adrian C. *A importância dos quase-grupos no estudo das sociedades complexas*. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas**. São Paulo: Global, 1987.

OFFERLÉ, Michel. *Professions et profession politique*. In: **La profession politique**. Belin, Paris, 1999.

PACHÊCO FILHO, Alan Kardec Gomes. **A construção midiática do político José Sarney: 1962-1970**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco. UFPE, 2001.

PALMEIRA, Moacir. *Política, facções e voto*. In: PALMEIRA, Moacir e GOLDMAN, Márcio. (orgs.). **Antropologia, voto e representação política**. Rio de Janeiro: Contra-capá Livraria, 1996.

PALMEIRA, Moacir. *Eleição municipal, política e cidadania*. In: **Política no Brasil: visões de antropólogos**. BARREIRA, César. (Org.). Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 2006.

PALMEIRA, Moacir; HERÉDIA, Beatriz. *Os comícios e a política de facções*. In: **Anuário Antropológico**, v. 94, p. 31-94, 1995.

PANKE, Luciana; COUTO, Evandro Viana. *O jingle na publicidade e na propaganda*. In: BRAGA, Davi. **Comunicação e marketing**. Disponível em [http://www.davidbraga.com.br/pt\\_br/artigos/?IdArtigo=50](http://www.davidbraga.com.br/pt_br/artigos/?IdArtigo=50), 2007. Acesso em 20 de setembro de 2007.

PANKE, Luciana; MENDONÇA, Thaise; IACOVONE, Antonella. *Fale por mim e me eleja! Um estudo de caso sobre o apelo à autoridade no discurso eleitoral*. Trabalho apresentado no XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009.

PHÉLIPPEAU, Eric. *Sociogênese da profissão política*. In: GARRIGOU, A; LACROIX, B (Org.). **Norbert Elias: a política e a história**. Editora Perspectiva, São Paulo, 2001.

REIS, Flávio. **Grupos políticos e estrutura oligárquica no Maranhão**. Unigraf, São Luís, 2007.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. *Novas Configurações das Eleições na Idade Mídia*. In: **Opinião Pública** (UNICAMP), Campinas, v. VII, n. 2, p. 168-181, 2001.

SCOTTO, Gabriela. *Campanha de rua, candidatos e biografias*. In: PALMEIRA, Moacir; GOLDMAN, Márcio (Orgs.). **Antropologia, voto e representação política**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1996.

SCOTTO, Gabriela. *Encontros e desencontros entre a política e o mercado: uma antropologia das trocas no espaço do marketing político*. In: **Horizontes Antropológicos**, UFRGS / IHCH, PPGAS, v. 9, n. 19, p. 49-78, 2003.

SOARES, José Jorge Leite. **Lugar das águas: Pinheiro 1856-2006**. L. Moreira Editora, São Luís, 2006.

VIEGAS, Ana Cláudia. **Trocas, Facções e Partidos: Um Estudo da Vida Política em Araruama**. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, PPGAS, Museu Nacional, 1997.

VIVEIROS, Jerônimo de. **Quadros da vida pinheirense**. Organização: José Jorge Costa Leite. Instituto Géia, São Luís, 2007

WEBER, Max. *A política como vocação*. In: **Ciência e Política: duas vocações**. Martin Claret, São Paulo, 2007.

WOLF, Eric. *Parentesco, amizade e relações patrono-cliente em sociedades complexas*. In: **Antropologia e poder: contribuições de Eric Wolf**. (Orgs.) RIBEIRO, Gustavo Lins; BIANCO, Bela Feldman. Ed. UnB, Brasília, 2003.

## Outras fontes

### Periódicos

*Cidade de Pinheiro* (1973-1991);  
*Folha de Pinheiro* (2008-2009).

### Entrevistas

#### Entrevistas com candidatos a prefeito

**Dr. Léo.** Entrevista realizada em Pinheiro pelo mestrando no engenho da família do candidato em 14 de agosto de 2008.

**José Arlindo.** Entrevista realizada em Pinheiro pelo mestrando no comitê de campanha do candidato em 01 de setembro de 2008.

#### Entrevistas com candidatos a vereador

**Jadilson do Carmo (Gaguinho).** Entrevista realizada em Pinheiro pelo mestrando na empresa do candidato em 16 de agosto de 2008.

**Gilmar Soares.** Entrevista realizada em Pinheiro pelo mestrando na casa do candidato em 12 de setembro de 2008.

#### Entrevistas com coordenadores da campanha do candidato José Arlindo

**Diego Moura.** Entrevista realizada em Pinheiro pelo mestrando no escritório da coordenação jurídica da candidatura em 13 de setembro de 2008.

**Flávia Regina.** Entrevista realizada em Pinheiro pelo mestrando no escritório da coordenação de marketing da candidatura em 1º de outubro de 2008.

#### Entrevistas com políticos pinheirenses

**Dedeco Mendes.** Entrevista realizada em Pinheiro pelo mestrando na gráfica do entrevistado em 15 de agosto de 2008.

**Manoel Paiva.** Entrevista realizada em São Luís pelo mestrando na casa do entrevistado em 23 de setembro de 2008.

**Victor Mendes.** Entrevista realizada em Pinheiro pelo mestrando na casa do entrevistado em 03 de outubro de 2008.

**José Jorge.** Entrevista realizada em São Luís pelo mestrando no gabinete do entrevistado na CEMAR em 21 de setembro de 2008.

**Internet**

- www.tse.gov.br - Acesso em 03 de agosto de 2009
- www.victormendes.com.br - Acesso em 21 de abril de 2009
- www.pinheiro.ma.gov.br - Acesso em 22 de maio de 2009
- www.ibge.gov.br - Acesso em 10 de julho de 2009
- www.al.ma.gov.br - Acesso em 21 de abril de 2009
- www.inep.gov.br - Acesso em 05 de agosto de 2009

ANEXOS

## ENTREVISTA – ROTEIRO

### 1 – Origens Sociais

O Sr. poderia descrever as suas origens familiares por parte paterna e materna (atividades as quais se dedicavam seus antepassados, principais características dos ancestrais, origem étnica, município em que habitavam, participação política, etc.)?

Qual a sua idade?

O Sr. nasceu em qual município?

O Sr. mora em que bairro, distrito ou localidade do município?

Qual a principal profissão de seu pai?

Qual a principal profissão de sua mãe?

Qual o grau de escolarização do seu pai?

Qual o grau de escolarização da sua mãe?

Quais as profissões que o Sr. já desempenhou?

Qual é o seu grau de escolarização?

Em quais instituições de ensino o Sr. estudou?

O Sr. se identifica com alguma religião? Em caso da resposta positiva: com que periodicidade frequenta os cultos, missas, rituais, etc?

Algum membro da sua família exerce ou exerceu cargos políticos? em caso de resposta positiva, o Sr. poderia informar o nome dos parentes e o grau de parentesco?

### 2 – Carreiras políticas

O Sr. exerceu algum tipo de liderança (estudantil, sindical, associativa, religiosa, clubística, comunitária, etc.) no período que precede a sua entrada nas disputas eleitorais como candidato? Poderia descrever como se deu a sua participação nesses espaços?

Quando e com que idade o Sr. participou pela primeira vez de uma campanha política?

Com que idade o Sr. (a) se filiou pela primeira vez em um partido político?

Com que idade o Sr. (a) concorreu pela primeira vez a um cargo eletivo?

Qual o primeiro cargo político (eletivo ou na administração pública) que o Sr.(a) exerceu?

Que idade o Sr. tinha quando ocupou esse cargo?

Depois disso, o Sr. exerceu quais cargos políticos e eletivos?

O Sr. exerceu ou exerce algum cargo de direção sindical, associativo, clubística, etc. paralelamente aos mandatos e cargos públicos? Quais?

Ao longo da sua limitância política, o Sr. já atuou em campanhas de outros políticos locais? Poderia relatar pra quem e quais foram as formas de participação nessas campanhas?

O Sr. já foi filiado a quais partidos políticos e em que períodos?

### 3 – Avaliação sobre a campanha de 2008

Quais foram as razões que motivaram o Sr. a concorrer nessas eleições municipais?

Quais são as principais atribuições de um prefeito, em sua opinião?

Quais são as principais qualidades que deve possuir um prefeito, em sua opinião?

Quais são as principais características da sua forma de atuação política?

Quais são, em sua opinião, os principais erros que podem ser cometidos em uma gestão municipal?

Quais serão as áreas de atuação privilegiadas na sua gestão, caso eleito?

Quais são, em sua opinião, os grandes temas de debates dessa eleição no município?

Quais são, em sua opinião, os pontos mais importantes e os mais inovadores do programa de governo apresentado pelo Sr. e/ou pela sua coligação?

Há algum problema social específico ao qual o Sr. pretende se dedicar como prioridade, caso eleito?

O Sr. poderia fazer uma avaliação dos seus adversários?

Há algum aspecto da campanha dos adversários que o Sr. considera criticável? Em caso de resposta positiva, quais?

Quais os pontos mais negativos que o Sr. identifica no programa de governo dos seus adversários?

O Sr. poderia falar um pouco da equipe que coordena sua campanha? Quem são os principais coordenadores da sua campanha, quais as atribuições de cada um deles, como foram escolhidos, há quanto tempo os conhece e que tipo de relação (pessoal, política, familiar, partidária, etc.) possui com os mesmos?

O Sr. poderia elencar os principais apoiadores da sua campanha e justificar a importância de cada um desses apoios?

Quais os principais meios de divulgação de sua candidatura?

O Sr. contratou profissionais do marketing político para assessorar a sua campanha? Em caso de resposta positiva, poderia indicar quem são e quais as razões da escolha desses profissionais?

O Sr. contratou algum profissional da área jurídica para assessorar sua campanha? Em caso de resposta positiva, poderia informar como foram escolhidos?

O Sr. contratou profissionais para a produção de um jingle ou músicas para sua campanha? Em caso de resposta positiva, poderia informar como foram escolhidos os músicos e os estúdios para gravação?

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)